Diário de Lisboa

Abril 1977
Quinta-feira
14

ANO 57.º
N.º 19 327
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

UMA "BOMBA" EM PRIMEIRA MÃO

"DL" vai mais longe com gravações de Ramiro Moreira

(LER CADERNO DESTACÁVEL COM AS REVELAÇÕES RETIRADAS DO PROCESSO DOS BOMBISTAS)

O «DL» publica hoje, em primeira mão, o mais espantoso e revelador documento relacionado com a rede bombista. Trata-se, nem mais nem menos, do depoimento do «operacional» Ramiro Moreira, registado em três horas de gravação pouco tempo depois da sua detenção no Forte de Caxias. Aí se revela de forma clara e inequívoca todo o nível de implicação de inúmeras pessoas que não têm sido referenciadas como responsáveis pelo terror que percorreu o nosso país durante quase um ano. Este documento, de valor inestimável para a condenação dos responsáveis terroristas, seria – registe-se – retirado do processo enviado a tribunal, por decisão do Supremo Militar, que entendeu deferir o recurso dos advogados dos bombistas.

A fluência, o à-vontade e «boa disposição» revelados por Ramiro Moreira durante o depoimento afastam, indesmentivelmente, as alegadas coacções evocadas para denegrir o valor das acusações referenciadas nos autos. Alguns pequenos desfasamentos, naturais em tão longa confissão, não tiram a mínima validade ao encadeamento lógico da sinistra trama terrorista.

O documento vem ainda confirmar a justeza das inquietações, em devida altura manifestadas, quanto à existência de pressões para ilibar os responsáveis, e que se avolumaram após a libertação de Abílio de Oliveira, Joaquim Torres e Mota Freitas. Registe-se, ainda, que os cinco arguidos, ainda a monte, e sobre quem foram passados mandados de captura, são os nomes mais referidos por Ramiro Moreira.

EANES: BALANÇO POSITIVO

Trabalhadores conscientes são largamente maioritários

O Presidente durante a visita às instalações da Cimpor (Alhandra)

Terá sido positivo o balanço da série de visitas que ontem fez o Presidente da República. Pelo menos permitiram-lhe concluir que, em termos de produção, é maioritário o número de trabalhadores que adquiriram consciência. O que está em oposição àqueles que esquecendo as duras condições de trabalho de muitos operários, como o Presidente pôde agora obervar, acusam os trabalhadores de serem os destruidores da economia ao mesmo tempo que se mostram indulgentes com os capitalistas e empresários sabotadores. Trata-se de uma questão essencial nesta fase do nosso processo político, ver quem de facto tem sabotado a economia, quem tem boicotado o progresso económico do país uma questão que é importante o Presidente da República aprecie nos vários pontos do país, vendo e ouvindo, como ontem fez.

(Pág. 7)

O antigo ministro quando falava ao nosso jornal

A PARTIR DE AMANHÃ NO "DL"

Pereira de Moura depõe sobre política e economia

«... Ainda o I Governo Provisório estava a ultimar os seus decretos de política social e económica do final de Maio de 1974 e já se degladiavam sectores militares, reflectindo a oposição da alta e média burguesia à 'excessiva' liberdade que estava a ser dada ao povo e, mais profundamente, a determinação dessas classes e interesses em conservar as colónias, ainda que em termos neocolonialistas...», é o extracto de uma longa entrevista com o professor Francisco Pereira de Moura – economista de reconhecido mérito e prestigiada figura da esquerda portuguesa – cuja primeira parte o «DL» publicará amanhã num destacável de quatro páginas.

Ao longo da entrevista, o prof. Francisco Pereira de Moura retraçará com pertinência e, por vezes, com laivos de polémica alguns aspectos principais daquilo que foi e é o processo político português destes últimos anos.

Na sua análise, essencialmente económica, mas também política, Pereira de Moura foca o período que antecedeu a radiosa manhã do 25 de Abril, esboça, apoiado na sua experiência de economista e na sua participação como ministro dos I, IV e V Governos Provisórios, um retrato da situação política, económica e social então vigente no nosso país, aborda o período posterior (VI Governo) e desemboca com inquietude no Portugal pós-25 de Novembro onde, segundo ele, «o Governo e o poder militar em curto período depois do 25 de Abril ao lado dos trabalhadores, se encontram desde o Outubro de 1975, e tal como em 1974, do outro lado da barricada».

Embora a crítica prevaleça – uma crítica «documentada», diga-se –, Pereira de Moura vai mais longe neste importante contributo para a clarificação dos problemas que se colocam à salvaguarda e evolução da jovem democracia portuguesa: aponta alternativas com base social clara – «a sociedade não é nem pode ser da média burguesia...» – numa trajectória dominante que nos conduz a um projecto de esquerda cujo objectiivo norteador é evitar um retorno ao obscurantismo que reinou no nosso país ao longo de 48 anos

F.L.N.C. avança para Kolwezi

Jean Tschombé, filho do antigo presidente congolês Moisés Tschombé e membro da Frente de Libertação Nacional do Congo (FLNC), afirmou em Bruxelas que o Shaba era actualmente cenário de uma «revolta» e não de uma «infiltração» de tropas vindas do estrangeiro. Respondendo a Giscard d'Estaing, Jean acentuou que «desafiava fosse quem fosse a provar que há estrangeiros cubanos, soviéticos ou angolanos) nas hostes da FLNC». E acrescentou: que, apesar da «internacionalização do conflito a acção desencadeada é irreversível e o combate prossegue numa frente de oitocentos quilómetros».

Efectivamente, e segundo um telegrama da Reuter, «notícias recebidas em Londres e provenientes de fontes da espionagem ocidental indicam que os invasores avançam ao longo do Caminho de Ferro de Benguela em direcção ao centro mineiro de Kolwezi». Entretanto, e de acordo com a France-Presse, o coronel Dlimi, chefe do Estado-Maior de Hassan II, teria chegado ontem a Kolwezi, onde se encontram as tropas marroquinas que reforçam o Exército do Zaire. Sobe, neste meio tempo, a tensão entre os vizinhos da República do Zaire, havendo acusações de que este país bombardeou território da Zâmbia.

Por sua vez, Paulo Jorge, ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola manifestou hoje o receio de que a «internacionalização» do conflito do Shaba culmine numa agressão ao seu país por parte das «forças imperialistas».

Política de A a Z

UM PAÍS QUE TRABALHA

O Presidente da República na Mague e na Cimpor, em contacto com técnicos que arregaçam as mangas e com trabalhadores que sempre têm vivido de mangas arregaçadas para o trabalho e de cintos apertados para disciplinar o apetite, teve um encontro directo com o País que trabalha. Gente que ainda não aprendeu a sorrir à «direita», e que vibra com meia dúzia de ideias simples que só não são «slogans» secos porque são imperativos de consciência, razões superiores da esperança que adia o desespero. Não procurou António Ramalho Eanes o sucesso fácil, os aplausos de espontaneidade duvidosa, o «bando de multidão». Quis visitar trabalhadores nos locais de trabalho. Informar-se **in loco** dos problemas. Ver, auscultar, sentir e compreender, o «País real».

Todos compreendemos que a carreira militar não prepara um homem para as árduas tarefas da governação. Alçado à mais alta magistratura do Estado, o cidadão António Ramalho Eanes empreende um esforço louvável para se informar. E quer fazê-lo directamente. Diligência esta que se reveste de um incontestável interesse, que marca uma grande seriedade no cumprimento do serviço público que aceitou realizar. Dos servidores da Nacão, deverá o Presidente da República **ser o primeiro,** na responsabilidade, na diligência, na perseverança no entusiasmo. Porque é preciso entusiasmo e evidenciar abertura e calor humano no contacto com um povo que foi oprimido, reprimido e humilhado.

Trabalhador entre trabalhadores, cidadão entre cidadãos, vestindo à paisana, vestindo a sua «farda de cidadão», o general Ramalho Eanes, dá um bom exemplo, e tem a lucrar, contactando, sem protocolo, o «País que trabalha».

Entre os trabalhadores ele encontrará uma forte consciência do interesse nacional e uma decisão inquebrantável de fazer da Constituição um programa legal de luta pela consolidação das conquistas revolucionárias que o Povo agradece aos «Capitães de Abril», sem se esquecer da parte que lhe cabe na resistência dura e prolongada ao fascismo opressor.

O «País que trabalha» está com a Constituição. Considera a Constituição um programa e uma trincheira. O Presidente ao garantir que a respeitará e fará cumprir sabe que não está só. Sabe que pode contar com a força e a decisão do «País que trabalha».

O DIAGNÓSTICO E O REMÉDIO

Quando visitou o Algarve, nos últimos dias de Janeiro, o general Ramalho Eanes terá dito: «as coisas no sector piscatório estão francamente mal, desde a situação dos portos, passando pelas unidades de pesca que se encontram ultrapassadas, pelas docas que não existem e pelos entrepostos frigoríficos que só agora vão arrancar».

A este diagnóstico severo, dois meses depois, correspondeu um singular remedio: o responsável ministerial do sector foi mantido; dois técnicos de carreira internacional com serviços conhecidos prestados na F.A.O., foram afastados.

A competência dos técnicos afastados, ambos exercendo cargos de directores-gerais, ambos com provas dadas em Portugal noutras funções e com carreira feita noutros países, ambos com um currículo e uma formação profissional adequada aos cargos que desempenhavam, foi, aliás, reconhecida, com alguma coragem, pelo secretário de Estado, numa entrevista concedida ao «Diário de Notícias». Mas, singularmente, justificam-se as mudanças de quadros de direcção no sector das pescas pela vantagem de constituir uma equipa homogénea. Estranha concepção de homogeneidade que parte da exclusão dos competentes.

Apesar das declarações esperançadas do engenheiro Pedro Coelho, diz-se que não é segura a posição do secretário de Estado, porque o das Pescas é um departamento cobiçado. Durante longos anos foi uma coutada da Marinha de Guerra e há saudosistas, se não da desastrada gestão de Henrique Tenreiro, pelo menos da vastidão do seu império e da largueza dos seus favoritismos.

MALES QUE ESPERAM REMÉDIO

Segundo informou a ANOP, quarenta jovens de idades compreendidas entre os 12 e os 24 anos, recorrem à consulta externa semanal do Hospital Santa Maria. São quarenta todas as semanas. Que é semanal a consulta para o vício que alastra dia e noite. São quarenta dos duzentos a trezentos mil consumidores de droga que se calcula existirem. E são, na imensa maioria, jovens. Jovens, é um modo de dizer. Muitas são as crianças drogadas, em via de se habituarem à droga.

E sabe-se que o comércio da droga é organizado e lucrativo. E sabe-se que estamos perante um grave problema social.

Mas sabe-se, também, que a droga é traficada quase em público. E murmura-se que a prevenção é inexistente e a repressão se não nula, pelo menos ineficaz. De quando em quando, fala-se da droga, apreende-se droga, prendem-se comerciantes que logo ganham a liberdade, perseguem-se drogados de modo a incentivá-los na ideia de que são os perseguidos.

E a droga alastra. E alastra a corrupção, a perversão moral, o crime. Estamos à mercê de uma conspiração tenebrosa e não temos meios de defesa. Uma falsa ideia de legalidade é o berço de todas as perversões da normalidade, da higiene social, da legalidade. O Estado não se defende. O País está à mercê dos inimigos da Democracia e da Sociedade. E a «direita» utilizando a perversão moral e a corrupção como arma de subversão tira partido desta situação caótica.

Aqui, começa a contestação da «descolonização», e logo se segue o bombismo, a droga, a moeda falsa, o tráfico de divisas, o contrabando, a exportação fraudulenta de obras de arte e de antiguidades. As «redes» começam na actividade política e acabam na actividade criminosa.

A subversão da «direita» perde cariz ideológico para adquirir uma grosseira expressão de demagogia, de intriga, de intoxicação e de actividade ilegal e criminosa. Antes de assaltar o «poder», os reaccionários assaltam bancos, corrompem a juventude, fabricam «moeda falsa», negoceiam, traficam, conspiram.

E o Governo que faz? E o «poder democrático e constitucional» que faz?

P.S. PASSA À OFENSIVA

Sindicatos paralelos e outra Central Sindical

Ontem reunidos — até esta madrugada — na sede do partido em Lisboa, a Comissão Directiva e o Secretariado Nacional do PS aprovaram um conjunto de resoluções tendentes a pôr em prática uma política sindical que oportunamente o actual ministro do Trabalho Maldonado Gonelha considerou «claramente alternativa» em relação à linha sindical do PCP.

O comunicado emitido já hoje no final da reunião resume em nove as decisões. Delas ressalta o expresso apoio a dar ao movimento sindical «Carta Aberta», reconhecido como «promotor de sindicatos autónomos, democráticos e independentes», a reprovação da participação de socialistas, «nomeadamente dos que se reclamam da filiação no PS») no «movimento sindical organizado da Inter-CGTP» («por ser — esta — um movimento provadamente de inspiração leninista e totalitária». Mais, decidiu o PS na sua reunião cupular de ontem para hoje «incentivar a criação de sindicatos democráticos naqueles sectores em que — como no caso dos sindicatos dos trabalhadores rurais — os sindicatos existentes se revelem de estrutura totalitária e verdadeiras correias de transmissão do PCP».

Do comunicado constam mais algumas resoluções tomadas — lembra-se, na sequência dum relatório apresentado pelo actual ministro do Trabalho Maldonado Gonelha sobre os problemas do movimento sindical.

Elas começam por «verificar a anarquia e a desorientação vigentes no movimento sindical e a consequente hegemonia da linha sindical liderada pelo PCP — o que representa um grande perigo para o futuro da democracia portuguesa» — no dizer textual do PS. «Levar à prática, entre todos os sindicalistas que se reclamam do sindicalimo democrático, uma campanha de esclarecimento sobre a linha sindical preconizada pelo PS, através de um grande trabalho de formação sindical dos seus militantes» e «criar, para o efeito, um instituto de formação sindical com o nome de José Fontana, que deverá entrar imediatamente em funcionamento» — são as resoluções a seguir mencionadas.

Outras resoluções, segundo o texto, falam de «incrementar a criação, desenvolvimento e coordenação dos núcleos PS nas empresas, instrumentos de dinamização das comissões de trabalhadores e de consolidação do socialismo democrático no mundo do trabalho»; «propor à Assembleia da República, através do grupo parlamentar do PS, legislação reguladora da actividade sindical, em cumprimento da Constituição e por forma a assegurar a maior democraticidade na vida interna dos sindicatos»; «mobilizar o trabalho dos militantes do PS a nível de federações e secções, partindo do princípio que são prioritárias a actividade sindical e a necessidade de levar à prática a nossa linha sindical».

Considera o PS que não há, de momento, «condições para criar uma central sindical democrática»: (neste momento) ela «seria necessariamente de cúpula tal como sucede com a Intersindical, que — diz o comunicado — não é uma central sindical democrática mas tão só a correia de transmissão do PCP».

«De qualquer modo — acrescenta-se — o PS não aceita a hegemonia do PC nos aparelhos sindicais, conseguida através da Inter: essa hegemonia não representa provadamente a vontade da maioria dos trabalhadores portugueses, como tem sido demonstrado pelos factos».

PORTUGAL: UM OÁSIS DE PAZ?

«Numa Europa Meridional onde a Espanha se encontra em momento difícil, onde a Itália está talvez ainda em pior situação e onde a situação na França não é muito clara, Portugal poderá considerar-se como um oásis de paz, onde a situação se estabiliza» — opinião do Primeiro-Ministro Mário Soares formulada ontem durante um almoço que teve com os jornalistas portugueses que em Fevereiro e Março o acompanharam às capitais da CEE.

Soares mostrou-se optimista quanto ao futuro do país. Por outro lado, falando da possível integração euro-económica de Portugal,) o Primeiro-Ministro salientou o facto de na Assembleia da República, não existir grande oposição ao Governo — «apesar de este Gabinete ser minoritário» — e «o Partido Comunista não tem sido tão hostil como algumas pessoas previam».

Citamos a ANOP. Vem a propósito dizer que o «DL» não foi convidado para o almoço onde Mário Soares fez as declarações informais que a agência difunde.

Arcebispo de Braga morreu de madrugada

Faleceu esta madrugada D. Francisco Maria da Silva, arcebispo primaz de Braga. Sofrendo de numerosas metástases hepáticas de carcinomia do cólon, o arcebispo pedira na sexta-feira à noite que lhe administrassem o sagrado viático e a extrema unção, pedido que fora satisfeito pelo chantre, na qualidade de representante do Cabido.

Quando o prelado faleceu encontravam-se junto dele alguns sacerdotes e logo que a notícia foi divulgada começaram a chegar ao palácio arquiepiscopal muitos outros padres, tanto da cidade como dos arredores.

Ao longo do dia o corpo de D. Francisco Maria da Silva ficará exposto no palácio arquiepiscopal, competindo ao Cabido marcar a data e a hora do funeral e nomear o vigário capitular que o substituirá até que seja nomeado um novo arcebispo.

Iniciada às onze horas, a reunião do Cabido ainda não terminara à hora de fecharmos o jornal.

D. Francisco Maria da Silva nasceu no concelho da Murtosa em 15 de Maio de 1910 e foi ordenado sacerdote em 1932. Nomeado bispo em 1956, passou a desempenhar as funções de auxiliar de D. António Bento Martins Júnior a partir dessa data, distinguindo-se desde logo por uma defesa intransigente dos pontos de vista tradicionais da igreja assumindo posições que foram várias vezes contestadas por católicos — leigos e padres — identificados com as linhas propostas pelo Concílio Vaticano II. Essa mesma rigidez, aliada ao «horror» que tinha a todas as transformações, levaram-no mais tarde a excomungar o padre Ângelo da Venda, sacerdote de A Ver-o-Mar, dando origem a um processo que subiu para Roma como foi largamente noticiado pela Imprensa da época.

Data de 1963 a sua nomeação para arcebispo da arquidiocese em que viria a morrer.

D. Francisco Maria da Silva

Noticiário breve

ROCHA VIEIRA NA E.P.C.

No âmbito dos contactos com os comandos e unidades do Exército o chefe do Estado-Maior do Exército, general Rocha Vieira, visita amanhã de manhã a Escola Prática de Cavalaria em Santarém, onde preside às cerimónias comemorativas do Dia da Unidade.

PIRES VELOSO: «PURA ROTINA»

«Pura rotina e inspecção», eis como um informador do Q.G. da Região Militar do Norte classificou as visitas que o brigadeiro Pires Veloso efectuou ontem aos quartéis de Chaves e Bragança, viajando de helicóptero.

CARLOS PORTAS NOS AÇORES

Encontra-se nos Açores o secretário de Estado da Estruturação Agrária, Carlos Portas. Objectivo da visita: contactos com as delegações regionais do Instituto de Reorganização Agrária de que depende a concessão de crédito, tanto de investimento como de emergência. Previstos também contactos com membros do Governo Regional.

MINISTRO ALEMÃO

Prossegue a visita do ministro da Educação e Ciência da R.F.A., Helmut Rohde. Ontem, após contacto com o primeiro-ministro, foi anunciado que especialistas portugueses visitarão a R.F.A. para apreciar experiências de formação profissional. Helmut Rohde, que tem trabalhado com o seu homólogo Cardia, avistou-se também com o secretaprio de Estado da População e Emprego, Tito de Morais. Hoje visita a Escola Industrial Marquês de Pombal e o Centro de Formação Profissional da Venda Nova e reunirá com o ministro do Trabalho, Maldonado Gonelha.

DELEGAÇÃO DO P.C.P.

Regressou do Iraque a delegação do P.C.P. constituída por Blanqui Teixeira, da Comissão Política do C.C., e Jorge Matos, membro do C.C., que a convite do Partido Baas Árabe e Socialista ali participou nas comemorações do 30.º aniversário daquele partido.

P.P.D. REÚNE EM BRAGA

Realiza-se no próximo sábado, em Braga, mais um Conselho Nacional do P.S.D./P.P.D. Agenda: análise dos problemas políticos nacionais e da posição do partido; ratificação do regulamento interno da área metropolitana de Lisboa e área oeste do mesmo distrito; aprovação dos limites das jóias de admissão; regulamento da distribuição de fundos pelos órgãos do partido; aprovação do regulamento do Conselho Nacional.

C.D.S. EM LEIRIA

Também este fim de semana reúne a Comissão Política do C.D.S. O encontro decorre em Leiria. Além da análise da situação política, a Comissão debruçar-se-á sobre diversos assuntos internos do partido.

1.º DE MAIO NA JUGOSLÁVIA

29 Abril — dias (Fim-de-Semana)
Preços excepcionais

DUBROVNIK — 8.980$00
BELGRADO — 10.650$00

Incluindo viagem em avião a jacto, hotel em meia pensão, transportes em terra, visita turística, acompanhante ABREU

Inscreve-se já

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 - Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 - Telefs. 27011-2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 - Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

NOVAS EDIÇÕES
•GUIA FISCAL EM FOLHAS SOLTAS - EDIÇÃO DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
•LEI GERAL DO TRABALHO
•PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE
•QUADRO (mapa) DE CONTAS DO PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE
•CÓDIGOS FISCAIS - ACTUALIZADOS (12 livros)
•ROTEIRO DE LISBOA E ARREDORES
Distribuidor: Rei dos Livros
Rua da Conceição, 1 - 2 3 - Tel. 369545 LISBOA-2

MOBÍLIAS USADAS
Salas jantar e quartos desde 7.900$00, rústicas, modernas, Século XVII, Queen Anne, D. Maria, roupeiros, estantes, jogos de maples, sofás-cama, etc.
Rua Alves Torgo, 18, cave
(Ao Chile, defronte igreja de Arroios)

post-scriptum

O «Socialismo» de certos «socialistas»

No dia 2 do mês corrente celebrou-se, festivamente, o primeiro aniversário da nossa Constituição Política, com luzida sessão solene na Assembleia da República, durante a qual representantes dos partidos com assento nas suas bancadas pronunciaram alocuções alusivas ao acto.

Como é compreensível, a Constituição Política não tem, nem podia ter, o mesmo significado para os diversos partidos com representação na Assembleia, já que exprimem interesses diferentes, porque representantes de estratos ou classes sociais diferentes, também, e de contextura antagónica. Deste modo, as suas alocuções, teriam que reflectir os ditos interesses face ao texto constitucional, como, aliás, reflectiram. De resto, considerando que a nossa Constituição Política tem um conteúdo profundamente progressista, era de esperar que os partidos represenantes do capital, mais uma vez, exprimissem a sua profunda aversão por ela.

Efectivamente, o representante do CDS mais não fez, com notável coerência, do que mostrar o ódio feroz que a classe que representa nutre pela Constituição, já que, se for respeitada, acabará com os privilégios de que sempre tem gozado. Por sua vez, o representante do PSD/PPD, usando a táctica, que lhe é característica, de dar «uma no cravo e outra na ferradura», acabou por centrar a sua argumentação num alvo que constitui o objectivo fundamental de toda a sua actuação parlamentar: a revisão da Constituição (e os trabalhadores deste País sabem muito bem porquê).

Se o porta-voz do PCP, como é natural, defendeu o cumprimento intransigente da Constituição, e o da UDP a classificou de instrumento de luta, seria lógico que o do PS tivesse subordinado a sua intervenção a coordenadas de igual ou, pelo menos, idênticas, já que as bases programáticas do seu partido entroncam perfeitamente na nossa lei fundamental, e definem uma política de defesa dos trabalhadores, no caminho para o socialismo. É evidente, contudo, que tal pressuposto somente poderia ser admitido no domínio da teoria, uma vez que a cúpula directiva do PS, alcandorada na pirâmide governamental, tem demonstrado por actos, até à saciedade, que os ideários de certas pessoas são óptimos para figurarem no papel. Logo, não havia hipótese visível de sair da boca do representante do PS algo melhor do que o que, efectivamente, saiu: demagogia. Demagogia, mas muito mal entrouxada.

«A Constituição é nossa, porque fomos nós, que a fizemos (estará o represenwante do PS a pensar no Kalidás Barreto, no Amadeu Sabino, no Teles Grilo etc., etc.?). Porque nós é que sabemos, nós é que somos bons, nós, é que somos capazes de a pôr em prática». Enfim, amigos, auto-elogio ridículo.

Porém, para se poder aquilatar verdadeiramente do «amor» que certos socialistas nutrem pela nossa Constituição Política, que o mesmo é dizer pelos trabalhadores, e bem assim do que para eles representa o «socialismo», basta atentar nesta elucidativa tirada do porta-voz do PS: «no tempo do gonçalvismo, corremos o risco de ver uma ditadura ser substituída por outra ditadura, igual ou ainda pior».

Qualquer pessoa, genuinamente democrata, será sempre avessa a actos ou regimes tirânicos, que emporcalham ou procuram aniquilar a dignidade humana — como é o caso do feroz capitalismo. Porém, que seja um «socialista» a classificar de «ditadura» a luta legítima do proletariado pelo fim da sua opressão e exploração, e pior, que seja um «socialista» a classificar a ditadura do proletariado (expressão que não usou para melhor esconder o seu jogo demagógico) de igual ou pior do que a monstruosa hidra fascista, é posição tão inconcebível como irracional.

Eis, amigos, o «socialismo» de certos «socialistas».

José Ferreira — VILA NOVA DE GAIA

A austeridade como forma de luta

A austeridade é necessária na hora de grave crise económica que o País atravessa, sobretudo no consumo de produtos estrangeiros, mas não só. Pois não é apenas nisto que devem ser reduzidos os gastos pessoais e familiares ao indispensável, nesta conjuntura de inflação, é em tudo o mais, porque tal procedimento não deixa de ser também uma forma de luta directa contra a mesma inflação.

Segundo a lei da economia capitalista, de que não nos desprendemos ainda, a oferta e a procura de produtos no mercado, é que faz, pela superioridade da primeira sobre a segunda, ou vice-versa, respectivamente, baixar ou subir os preços dos géneros existentes no mesmo.

Portanto, esta austeridade possível é um processo de combate à carestia da vida, pois contribui para a baixa de preços, pelo menos dos artigos não essenciais, que só compraremos na baixa e evitaremos comprar na alta. Quanto aos essenciais, só uma lei severa poderá atenuar a sua alta de preços. E os de origem estrangeira, faremos todo o possível por não os adquirir, preferindo os nacionais, assim contribuindo para poupar as divisas na sua importação, durante o tempo em que isto for necessário.

Com o aumento de saídas e diminuição de entradas das mercadorias no País, será remediada em grande parte a crise que nos atormenta. A inflação, que é uma epidemia económica característica do capitalismo, só em parte debelável por meio da repressão através de penalidades pesadas, da especulação criminosa de alguns, durará o tempo determinado na fenomenologia capitalista, podendo ser que abruptamente desapareça, se de um momento para outro desparecer o sistema socio económico em que foi gerada.

Álvaro da Silva e Sousa — PORTO

A POLÓNIA CONHECEU HITLER

LAURA LOPES

Pensar na Polónia é recordar a repressão e o fascismo. É sentir como o imperialismo recorre friamente, calculadamente, planificadamente, a todos os meios para alcançar os seus fins criminosos.

Mas pensar neste grande e belo país socialista não é apenas recordar o sofrimento e a dor. É também conhecer como, corajosamente, todo um povo lançou na luta pela Paz e pela reconstrução do seu país quase totalmente destruído em vidas e haveres pelo furor despótico de Hitler.

Não foi um mero acaso, como se compreenderá ao longo deste artigo, o facto de a ideia da criação de um movimento mundial de partidários da paz ter nascido na Polónia, pois foi aqui que, pouco tempo após ter terminado a II Guerra Mundial, se realizou em 1948, na cidade de Wroclaw, a primeira reunião internacional da paz, o congresso dos intelectuais. (1)

Não vos falarei nas conquistas alcançadas pelo povo polaco depois da sua libertação, em 1945, das garras nazi-fascistas da ocupaçaão hitleriana, nas lutas heróicas e cheias de abnegação e sacrifício para construir o socialismo na sua terra mártir. Contarei apenas o que foi a a ocupação ordenada por Hitler em 1934, muito antes, portanto, da sua efectivação.

Neste mês de Abril em que se celebra em toda a Polónia a «Memória Nacional» é justa uma homenagem simples a todos aqueles que tombaram na Polónia ou que para sempre ficaram destruídos física ou intelectualmente, recordando os crimes hitlerianos na Polónia.

Mas, além disso, hoje, aqui, em Portugal, é necessário recordar o que foi (o que é ainda) o fascismo.

Em 1934, em Rauschning, Hitler, num dos seus discursos, explicou o seu programa expansionista, falando da planeada conquista dos «territórios habitados por populações misturadas com a população eslava da qual não será muito fácil desembaraçarmo-nos».

Era o seguinte, o programa de Hitler;

«O que nós germanizámos ao longo dos séculos eram territórios que os nossos antepassados conquistaram pelas armas e onde eles estabeleceram camponeses alemães».

«Quando hoje falamos de novos territórios na Europa, só podemos pensar na Rússia e nos países limítrofes que lhe estão submetidos».

«Nós temos o dever de os despovoar, assim como temos o direito de cuidar convenientemente da população alemã».

Hitler mentia ao referir-se à Rússia e aos «países limítrofes que lhe estão submetidos», pois o que já existia em 1934 era a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de que faziam e fazem parte, entre as 15 Repúblicas que a constituem, a Rússia, a Biclorrússia e a Ucrânia.

Quanto à germanização ao longo dos séculos, Hitler referia-se à ocupação da Polónia pela Prússia e pela Áustria durante 124 anos (1794-1918), durante os quais estes ocupantes submeteram os polacos à mais vil servidão; tentanto matar no povo polaco todas as suas tradições, tentando destruir até a própria língua polaca que deixou de ser usada nas escolas, substituída pela língua alemã, perseguindo e prendendo os intelectuais e patriotas que se insurgiam contra a germanização. Mas Hitler pensava ainda na invasão da Ordem dos Cavaleiros Teutónicos e na luta pela libertação e união da Pomerânia durante a guerra dos treze anos, guerras impostas pelo expansionismo germânico, já no século XV, e que o povo polaco sempre rechaçou. A raiva de Hitler estava em que durante essa longa ocupação e guerras forjadas e realizadas pelos opressores germânicos seus antepassados, estes não conseguiram matar o profundo sentimento polaco como nação e o patriotismo do povo e dos intelectuais da Polónia. A Polónia, resistiu sempre à germanização.

Mas Hitler no discurso referido, em 1934, continuava:

. «Será necessário aplicar técnicas de despovoamento. Talvez me perguntei s o que significa despovoar? Será que eu quero liquidar grupos inteiros? Sim. É precisamente do que se trata. A natureza é cruel, também nós o devemos ser».

E uma semana antes da invasão da Polónia, no dia 1 de Setembro de 1939, início da II Guerra Mundial, Hitler disse numa reunião em Obersalzberg:

. «A destruição da Polónia deve ser a nossa primeira tarefa, não pode haver piedade. Sejamos brutais... É preciso agir com o máximo de severidade... A guerra deve ser uma guerra de destruição».

Hitler entrando na Polónia (foto de arquivo)

E não houve piedade. E foram brutais. E foi uma guerra de destruição.

Referindo-se à resistência oferecida pelo povo polaco, à germanização, já Bismark tinha afirmado: «Cada sucesso do movimento nacional polaco é uma derrota para a Prússia... Toda a tentativa de reconstruir a Polónia exclui a paz entre nós». A mesma intenção formulava o general von Seeckt: «A existência da Polónia é insuportável, inconciliável com as condições de existência da Alemanha. A Polónia deve desaparecer e desaparecerá».

O objectivo do III Reich era, pois, o de «fazer desaparecer o povo polaco da face da terra», não para realizar, por este meio, os objectivos da guerra ou de lhes pôr fim, mas unicamente porque assim tinha decidido o regime hitleriano tendo em vista atingir, na Europa de Leste, os fins imperialistas que se tinha proposto. Não havia, na própria origem do genocídio nazi, nenhuma motivação militar, mas razões puramente nacionalistas, «raciais, higiénicas», hipocritamente qualificadas pelos dirigentes nazis de um «combate» contra os seres prejudiciais, de uma «desinfecção social» dos povos eslavos, considerados como «sub-homens» e povos de menos valor.

Vale a pena recordar o que em 1932, Hitler escreveu no seu livro «Mein Kampf»:

. «O mesmo direito não é válido para todos (...) Eis porque eu nunca consentirei que os outros povos tenham os mesmos direitos que o povo alemão. É nosso dever submeter os outros povos. O povo alemão foi eleito para se tornar na nova classe dos senhores do Mundo (...) Quero-vos dizer camaradas, o que será a ordem social futura: Haverá uma classe de senhores, uma classe que se tornará histórica, escolhida na luta entre os elementos mais diversos; haverá a multidão dos membros do partido (nazi), organizada hierarquicamente e que constituirão a classe média; haverá a grande massa dos anónimos, a colectividade dos servidores, os eternos seres inferiores (...) Mais abaixo, porém, haverá ainda a classe submetida das raças estrangeiras, chamemo-lhes tranquilamente a classe moderna dos escravos».

E, assim durante os cinco anos de ocupação nazi, foram assassinados diariamente na Polónia 2900 cidadãos polacos.

A partir de 26-10-1939, os territórios polacos da Silésia, Pomerânia e Grande Polónia foram incorporados no Reich. As directivas políticas de Hitler, previam, entre outras, uma luta severa mais consciente contra o povo polaco, em particular contra os intelectuais polacos; visavam transformar a Polónia num mercado de mão-de-obra barata, aniquilar as bases da nação polaca e deportar todos os polacos, judeus e ciganos da Boémia, que habitassem no Reich e nos territórios nele incorporados.

Os números são de uma terrível brutalidade e dizem-nos claramente o que foi a ocupação nazi terrorista.

Em consequência da agressão, do terror e da política de extermínio do III Reich, 6.028.000 cidadãos polacos (ou seja cerca de um sexto do total da população) morreram durante os anos 1939-1945 — 640.000 devido às operações militares e 5.384.000 foram assassinados ou torturados até à morte pelos ocupantes nazis.

Foram criados pelos hitlerianos 3800 campos, subcampos, comandos, prisões, para a população civil e prisioneiros de guerra, localizados em território polaco, de entre os quais 40 campos de concentração e de extermínio. Os maiores campos nazis de exterminação massiva foram organizados em território polaco: Auschwitz-Birkenau, Lublin-Majdanek, Stutthof, Gross-Rosen, Treblinka, Belzec, Sobibor, Chelmo tornaram-se célebres como centros de aniquilamento humano.

2.460.000 polacos pertencentes à população civil e 400.000 prisioneiros de guerra polacos foram deportados para a Alemanha, segundo o plano STO, onde produziram um trabalho sobre-humano, muitos deles até à morte, equivalente ao trabalho de 32,6 milhões de operários/ano, em benefício do III Reich e dos consórcios hitlerianos. 2.478.000 polacos foram deportados dos seus lares, estabelecimentos de trabalho e empresas. Milhões de polacos foram deportados para campos de concentração nazis e para campos de trabalho de toda a espécie, civis e militares. Para os 863.000 polacos que escaparam à morte nos campos e prisões nazis, a taxa de mortalidade, durante os anos 1945-1973, foi 50 por cento mais elevada do que para aqueles que nunca estiveram nos campos. O aumento dos casos de tuberculose foi de 1.140.000, a diminuição da taxa de natalidade foi de 1.215.000. A invalidez provocada pela guerra e pelas torturas atingiu 590.000 polacos, dos quais apenas cerca de 100.000 eram inválidos de guerra 80 por cento das empresas e instalações industriais polacas e 60 por cento das florestas de todo o país foram completamente destruídas; 70 por cento dos homens de ciência e dos técnicos foram assassinados; 80 por cento da cidade de Varsóvia foi totalmente destruída e aí pereceram 800.000 dos seus habitantes (a população era de 1.300.000 pessoas).

As medidas de terror do ocupante atingiram directamente 5.801.000 polacos que sobreviveram, mas depois de terem suportado sofrimentos terríveis devido às perseguições massivas ou à morte dos entes mais queridos, familiares e amigos. Entre os mais jovens cidadãos, aos quais foi vedado o direito à instrução, 2 milhões foram assassinados. Das 200.000 crianças polacas deportadas com o objectivo de serem germanizadas, cerca de 160.000 nunca mais voltaram aos seus lares nem tornaram a ver os seus pais.

Os polacos detidos nos campos de concentração foram submetidos a experiências pseudo-médicas, sucumbindo a estas experiências 5900 seres humanos. Segundo os exames médicos efectuados nos polacos detidos nos campos de concentração nazis, em cada 100 apenas 10 conseguiram sobreviver até ao fim da guerra e, destes, metade morreram no decorrer dos 20 anos que se seguiram à libertação. Uma taxa de mortalidade tão elavada foi consequência das doenças contraídas nos campos de concentração e prisões, englobando uma série de factores etiológicos, tais como traumatismos físicos e psíquicos, trabalho extenuante subalimentação, fome e frio, más condições de higiene e infecções. No que respeita a traumatismos, verificaram-se traumatismos da cabeça em 74,1 por cento dos presos examinados, do tronco em 30,5 por cento dos membros superiores em 29,32 por cento, dos membros inferiores em 27,3 por cento.

Um facto a notar e que corresponde exactamente à política nazi-fascista do «quando vejo um livro agarro logo na pistola» é que a exterminação dos polacos começou pelos intelectuais.

«Os intelectuais na Polónia, cuja existência já constatámos, deverão ser liquidados; em seguida deveremos procurar os que se forem formando e eliminá-los de novo em tempo oportuno» — afirmou o governador nazi na Polónia Hanz Frank, logo que tomou posse do seu posto em Cracóvia.

Cracóvia foi através de toda a história da Polónia, o principal centro intelectual do país; mas também um grande centro de resistência aos vários opressores da Polónia. Os mestres e professores da Universidade de Cracóvia (Iaguellona chamada), conhecidos pelo seu patriotismo e lealdade foram sempre perseguidos, quando não encarcerados, o que não obstou a que a Universidade se mantivesse como um símbolo vivo da continuidade e da indivisibilidade da cultura polaca, como a personificação das melhores tradições e aspirações da nação que jamais se submeteu à violência estrangeira, lutando heroicamente para

Continua na pág. 4

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM CARNES DOS DISTRITOS DE LISBOA E SETÚBAL

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento ao disposto nas alíneas *b)* e *c)* do Artigo 29.º dos Estatutos, convocam-se todos os sócios deste Sindicato para uma Assembleia Geral, a realizar no dia 23 de Abril de 1977 às 19 horas no Anfiteatro de Electricidade do Instituto Superior Técnico, para apresentação e aprovação do Relatório de Contas do ano de 1976 e para apreciação e aprovação do novo Plano Orçamental para o triénio de 1977/1979.

A Ordem de Trabalhos é a seguinte:

1.º — Apresentação, discussão e aprovação do Relatório de Contas;

2.º — Apresentação, discussão e aprovação do Plano Orçamental;

3.º — Informações sobre o Contrato Colectivo de Trabalho;

Pela Mesa da Assembleia Geral

Alexandrino Fernandes Martins

Abílio Valente da Silva Pinto

PUB

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE

Serviços Médico-Sociais do Distrito de Setúbal

Reabertura do Posto Clínico n.º 107 004 — BARREIRO

Para os devidos efeitos se informa que, reabre no próximo dia 18/4/77 o Posto Clínico n.º 107 004 — Barreiro, sito na Rua Eça de Queiroz, T. 2073254.

A COMISSÃO DE GESTÃO

NÃO SÃO SALDOS

SÃO VENDAS A PREÇOS DE OCASIÃO

Rádios c/ reprodutor e GIRA-DISCOS, de sala, a preços sensacionais

Rádios e Whiskys de todas as marcas a preços de sensação

FERREIRA ALVES & ALVES

Praça da Figueira, 11-3.º-Dt.º — Lisboa

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

NA COOPERATIVA ALMADA NEGREIROS

Dia de aulas, estudantes à porta

Ontem, pela manhã, quando professores e alunos se apresentaram à porta da Cooperativa Almada Negreiros, para iniciarem o terceiro período, após as férias da Páscoa, encontraram as portas cerradas e o antigo proprietário no interior rodeado por «gorilas» (segundo os professores), com «novos funcionários» (segundo o proprietário do Externato Almada Negreiros). Segundo o proprietário, «a situação está clarificada», após a sentença judicial de um de Abril passado lhe ter sido favorável.

Os professores, contudo, consideram que as instalações foram ocupadas, que o alvará foi retirado ao proprietário do Externato já na vigência do VI Governo Provisório e que em contrapartida lhes foi concedida a eles, enquanto trabalhadores da Cooperativa de Ensino Almada Negreiros, uma autorização provisória. Prova disso é que no ano lectivo transacto puderam realizar exames na Cooperativa.

Recorde-se ainda que a cooperativa Almada Negreiros foi eleita pelas cooperativas de ensino de Lisboa para o respectivo secretariado.

O Externato tinha sido ocupado pelos professores e restantes trabalhadores após ser considerado o seu proprietário «ausente em parte incerta».

Em contacto telefónico com o proprietário do Externato que entretanto ocupou as instalações da Cooperativa Almada Negreiros, fomos informados de que seis professores seriam demitidos. Afirmar-nos-iam, porém, que os professores só podem ser suspensos com a consequente instauração de um processo.

A Cooperativa de Ensino Almada Negreiros é constituída por 22 trabalhadores (professores e funcionários) e frequentada por cerca de 500 alunos, na sua maioria trabalhadores-estudantes.

Aqui funciona uma Cooperativa de Ensino que manteve o nome de Almada Negreiros. Ontem, pela manhã, quando iam reiniciar as aulas após as férias da Páscoa, professores e alunos viram a Cooperativa ocupada pelo antigo proprietário do Externato. Este diz que a «situação está clarificada»; os professores afirmam que a Cooperativa foi ocupada por aquele; e os alunos não iniciaram as aulas do terceiro e último período deste ano lectivo

Polónia divulga escritores portugueses

A jovem revista polaca «Literatura na Swicie» vai ocupar-se da divulgação regular da literatura portuguesa naquele país. A publicação daquela revista literária é mensal e foi há dias iniciada.

Entre os autores portugueses que merecerão a divulgação das suas obras, poemas ou excertos contam-se, segundo a ANOP, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa («As Três Marias»), Ferreira de Castro, Urbano Tavars Rodrigues, Barahona da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes, Miguel Torga, Manuel Ferreira e a nossa camarada de Redacção Maria Judite de Carvalho.

A Polónia conheceu Hitler

Continuação da pág. 3

manter a sua identidade nacional.

Ocupada Cravóvia pelos exércitos nazis, imediatamente estes mostraram os seus bárbaros desígnios contra a cultura do país, mandando prender, no dia 6 de Novembro, dois meses após a invasão da Polónia, 183 professores e mestres que se encontravam reunidos na sala de honra da Universidade. Todos foram deportados para os campos de concentração de Sachsenhausen e Dachau onde morreram 30 dos mais eminentes representantes da ciência polaca.

Simultaneamente, as autoridades alemãs de ocupação, ainda no Outuno de 1939, iniciaram a acção de destruição e de pilhagem dos institutos e edifícios universitários, os quais, na sua maioria, após a exportação para o estrangeiro ou a devastação pura e simples da valiosa aparelhagem, dos livros e do mobiliário escolar, foram encerrados e interdito o acesso ao pessoal científico polaco naqueles poucos que não foram total ou parcialmente destruídos. Entre os 136 estabelecimentos escolares existentes antes da invasão pelos exércitos hitlerianos, apenas 10 ficaram em condições de retomar as suas actividades logo após a libertação.

suanto à totalidade dos crimes cometidos, que levaram à morte de milhares de intelectuais, podemos apontar alguns números: 1100 juizes e procuradores; 4500 advogados; 5000 médicos; 2500 dentistas; 700 professores de escolas superiores; 3963 professores de escolas primárias; 2647 eclesiásticos católicos; 6124 técnicos de caminho-de-ferro; 3958 funcionários de finanças; 1183 empregados da assistência social. Esta enumeração é incompleta por falta de dados ainda não apurados.

Foi só após terem suprimido as elites polacas, os intelectuais, acção a que os nazis chamaram, «pôr uma ordem política nos territórios» ou «acção geral de pacificação», é que os alemães começaram, com a organização do campo de concentração de Auschwitz, na Primavera de 1940, a exterminação sistemática da população polaca pelos meios que narramos atrás.

Tais foram os objectivos e as consequências da ocupação hitleriana, ainda que os nazis não tenham conseguido levar a cabo o programa conhecido pelo nome de «Plano Geral do Este» (Generalplan Ost) elaborado no início do ano 1940 ou 1941. Este plano previa a deportação para a Sibéria de 31 milhões de polacos, russos, bielorrussos e ucranianos afim de deixar o caminho aberto à colonização dos seus países pelos alemães. No que respeita aos polacos, o Plano qualificava-os como a «população alógena mais perigosa de todas» e, como tal, deveriam desaparecer de uma vez para sempre dos territórios polacos. Segundo o «generalplan Ost», 80 a 85 por cento da população polaca, ou seja 16 a 20,4 milhões de pessoas, deveriam ser deportadas para a Sibéria, assim como 75 por cento da população bielorrussa e 65 por cento dos ucranianos. A restante população polaca, ucraniana eee bielorrussa, ou seja, 15 milhões de pessoas, deveriam ser exterminadas germanizadas.

O objectivo da agressão da Alemanha de Hitler contra a Polónia iniciada no dia 1 de Setembro de 1939, era o de liquidar o Estado e destruir a nação polaca. Porém, o seu objectivo principal não era apenas a Polónia, mas toda a Europa de Leste. Tratava-se de conquistar o «espaço vital a Leste», de se apoderar de novas regiões agrícolas de mercados para a venda dos seus produtos e de fontes de matérias-primas para a sua indústria, de destruir o sistema socialista da União Soviética (o mais forte inimigo do imperialismo), de germanizar o «Este», exterminando os povos eslavos e estabelecer colonos alemães nesses territórios.

Durante a insurreição de Varsóvia, no dia 21 de Agosto de 1944, Himmler declarou aos generais alemães reunidos em Jägerhöhe:

«Do ponto de vista da história, a insurreição é uma bênção. Nós acabaremos com ela em cinco ou seis semanas. Varsóvia, a capital, a cabeça a inteligência de este ex-povo de 16-17 milhões que, desde há 700 anos, nos bloqueia o caminho para Este e após a primeira batalha de Tannenberg (2) se eleva sempre no nosso caminho, será enfim liquidada. O problema polaco deixará de possuir uma importância histórica para nós, para os nossos filhos e para todos aqueles que vierem depois de nós».

Os desejos de Himmler foram frustrados. Pouco tempo depois o III Reich era derrotado pela coligação anti-hitleriana. A participação da Polónia ao lado dos exércitos de libertação soviéticos pôs fim aos planos de genocídio nazis.

As perdas dos 20 países participantes na II Guerra Mundial contra os exércitos de Hitler elevaram-se a 31.138.000 mortos e assassinados, dos quais 6.028.000 eram polacos, isto é, 19,3 por cento do número total. Só a Polónia e a União Soviética (20,3 milhões) perderam 26.328.000 vidas humanas, enquanto que as perdas sofridas pela Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a França somaram 3.682.000 pessoas.

O genocídio cometido sobre os povos polaco e soviético foi horroroso. Da totalidade de pessoas que morreram durante o II Guerra Mundial, 18,1 milhões de pessoas pertencentes à população civil sucumbiram em consequência do extermínio — premeditado pelos chefes nazis. Mas só na Polónia e na U.R.S.S. foram exterminados 5,4 milhões e 10,3 milhões, respectivamente, ou seja, 86,7 por cento da totalidade das pessoas assassinadas pelos nazis na Europa.

As perdas no dominio da cultura, da educação e de ciência não foram menos dolorosas. Não só morreram ou foram assassinados a maior parte dos intelectuais, como foi suprimida toda a vida cultural e a instrução e pilhados ou destruídos os bens seculares, património da cultura do povo polaco: museus, bibliotecas, obras de arte, monumentos e edifícios históricos, escolas, arquivos, etc.

Para os dirigentes do III Reich, a guerra foi apenas um meio de levar a cabo os objectivos da ideologia racista-nazi e do imperialismo alemão. Ao longo da II Guerra Mundial não só desapareceram as fronteiras entre a guerra e o genocídio, como o conflito desencadeado pela Alemanha de Hitler se transformou num instrumento de crimes monstruosos sobre povos inteiros.

A derrota infligida à Alemanha nazi pela coligação anti-hitleriana, a participação da Polónia ao lado da União Soviética nesta histórica vitória — puseram fim aos planos de exterminação da nação polaca.

A Polónia popular apreendeu os ensinamentos resultantes desta trágica lição da história. A aliança com a União Soviética e com os outros países da comunidade socialista tornou-se a garantia da sua segurança nacional. Ao mesmo tempo, a Polónia contribui activamente para a construção de um sistema de segurança e de cooperação na Europa, condição necessária para o desenvolvimento económico e o progresso social dos povos, a estabilização e a Paz do mundo.

(1) — Neste congresso esteve uma delegação portuguesa constituída pelos Profs. Lopes Graça e Manuel Valadares, Alves Redol, e dr. João dos Santos.

(2) — Em polaco: Grunwald — batalha onde a Polónia esmagou a Ordem dos Cavaleiros Teutónicos, em 1410.

Nota: — Os factos descritos neste artigo foram colhidos em vários trabalhos: relatórios do prof. Czeslaw Pilichowski, director da Comissão Central de Investigação sobre os crimes hitlerianos na Polónia; «Les pertes en vies humaines au cours de la seconde Guerre mondiale» da Agência Polaca Interpress; o livro polaco «L'Université Jagellonne tradition, le present, l'avenir» e em elementos por mim própria colhidos quando visitei a Polónia em Janeiro de 1976.

INAUGURADO CENTRO ANTI—DROGA

Ministro contra TV "embrutecente"

. O ministro da Justiça, Almeida Santos, inaugurou ontem o Centro de Investigação e Controlo da Droga (CICD), criado por Decreto em 5 de Novembro do ano passado. Estiveram presentes na cerimónia o director no novo departamento de combate à droga, dr. António Maria Claro, o comandante Gomes da Silva que se encontra à frente do Gabinete que coordenará a actividade daquele organismo com a do Centro de Profilaxia da Droga, o adjunto do CEMGFA, general Oliveira Rodrigues e representantes da Policia Judiciária, Guarda Fiscal e Direcção-Geral de Alfândegas.

No discurso do ministro destaca-se uma passagem na qual este considera que a solução do problema da droga compete a toda a colectividade. «Jovens morrem de tédio num mundo que não soube conquistá-los com os seus expeditos electrodomésticos, as suas historietas em banda desenhada, o seu clima obsceno e vazio, a sua televisão anticonvivial e embrutecente» afirmou Almeida Santos.

O ministro, no entanto, estabeleceu uma distinção entre aquele que se tornou «insensivel ao ponto de mercadejar com a saúde e a vida do seu semelhante» e o consumidor, caído numa situação de toxico-dependência. Mais adiante Almeida Santos sublinhou que muitas vezes o toxicómano tem igualmente responsabilidades no tráfico. Desta maneira o problema complica-se na medida em que «é difícil encontrar um ponto de equilibrio entre a repressão e o tratamento».

Foi também assinalado pelo ministro, o facto da Lei, aprovada na Assembleia da República, em 23 de Março, deste ano dar a possibilidade ao consumidor de poder substituir a pena pelo tratamento. E revelou ainda que «muito provavelmente a proposta de Lei a apresentar em breve pelo Governo contendo os aspectos penais do tráfico e consumo de drogas se orientará para ser o juiz a determinar a cura do consumidor.»

. Para Almeida Santos é na dualidade tráfico-consumo e criminoso-doente que se deve procurar a raiz da estruturação legal dos órgãos de combate à droga criados em Portugal. O titular da pasta da Justiça acrescentou também que o Centro de Investigação e Controlo à Droga não ia substituir a função investigadora da brigada de estupefacientes da Judiciária. A finalizar o ministro afirmou que «só a contínua actualização do criminologista pode neutralizar a crescente especialização do criminoso».

Por sua vez o director do novo Centro, dr. António Claro, depois de dizer que o nosso País estava a ganhar relevo como ponto de trânsito e escoamento das redes internacionais da droga, salientou que o CICD dispõe, não obstante a escassez de efectivos, de elementos qualificados e que no futuro apontará para uma colaboração com organismos europeus congéneres.

NOVO DIRECTOR DE VIAÇÃO REVELA

Estão por passar 64 mil cartas de condução

Revisão do ensino, sistema de exames formação permanente dos condutores, maior fiscalização de veículos e melhoria do ordenamento do trânsito, foram os três aspectos mais destacados pelo ministro dos Transportes e Comunicações, dr. Rui Vilar, na cerimónia da posse do novo director-geral de Viação, eng. Ricardo Girão de Oliveira, realizada ontem.

Após referir o reajustamento do quadro daquela Direcção-Geral, e a publicação recente da lista de pessoal, o ministro consideraria criadas agora «as condições para a renovação de um sector que exige profunda transformação na qualidade dos serviços, sobretudo através da celeridade da actuação e da honestidade de processos que permitam reabilitar, de uma vez por todas, uma área da administração que foi particularmente vulnerável à corrupção e à venalidade».

Rui Vilar citaria, a propósito, o «estado de degradação muito grande» encontrado nos serviços da D.G.V. logo a seguir ao 25 de Abril, e que determinariam a instauração de uma sindicância que levou à rescisão do contrato de vários funcionários e a instauração de processos disciplinares a várias dezenas de outros, «muito dos quais ainda decorrem».

Depois de citar algumas medidas já tomadas pelo actual Governo em matéria de melhoria e moralização dos serviços, Rui Vilar referiu o programa de acções a curto prazo que lhe foi proposto pelo respectivo secretário de Estado e que visam, nomeadamente, a admissão de quadros técnicos, formação do pessoal, novas instalações centrais, sistema de tratamento automático de informação e apetrechamento «com os meios necessários», dos serviços ligados à normalização e fiscalização de veículos.

700.000 documentos por arquivar

Usando também da palavra, o empossado, eng. Girão de Oliveira, lembrou igualmente as carências da D.G.V., nomeadamente o «subdimensionamento e total não adaptação à realidade do serviço» da estrutura actual da empresa e um quadro de pessoal «irrisório».

Depois de permenorizar essas dificuldades, o director da D.G.V. referiu as deficiências dos serviços externos, tendo citado estes números, altamente significativos: matrículas iniciais e livretes em atraso — 9.800; cartas a passar — 64.000; atrasos nos exames de condução — 4 meses; documentos por arquivar — 700.000.

O eng. Girão de Oliveira diria ainda, a propósito da «injusta situação de desfavor em que o funcionalismo público sempre esteve», que à D.G.V. também serviria a transformação em empresa pública «pois a sua actividade gera receitas bem superiores ao seu orçamento».

Tarifas de energia no Porto

Comissão de estudo vem à capital

PORTO, 14 No final da reunião semanal da Câmara Municipal do Porto foi divulgado aos órgãos de Informação um comunicado sobre o problema das novas tarifas e taxas de electricidade. Refere o documento que ficou «decidido que a comissão de estudo das tarifas e taxas de electricidade se desloque novamente a Lisboa (tem uma proposta concreta já elaborada, através da qual se procura assegurar a situação particular da cidade do Porto) onde se avistará com o Governo». Nessa reunião, o problema ficará decidido. Recorde-se que o município portuense tem pugnado por um sistema tarifário diferente do resto do país, tendo em conta a realidade energética da cidade.

Na reunião, presidida pelo eng. Aureliano Veloso, foi ainda decidido que, integradas nas comemorações do 25 de Abril, se iniciem nas vésperas daquela data as já anunciadas alterações ao transito na «baixa» portuense a que terão apenas acesso os peões e os transportes colectivos.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27-29 — T. 574073 — LISBOA

C. C. T. DA INDÚSTRIA QUÍMICA

COMUNICADO

Face à recusa do patronato em negociar o C. C. T. V., nomeadamente as tabelas salariais, onde se recusam a aceitar até os 15 por cento de aumento salarial que a lei prevê, os trabalhadores do Comércio e Armazém abrangidos por este C. C. T. V. da Indústria Química farão uma paralisação de trabalho, na sexta-feira (dia 15 de Abril) no período de tempo compreendido entre as 15 e as 17 horas, como forma de protesto por mais esta manobra das entidades patronais.

POR UMA ACTUALIZAÇÃO SALARIAL JUSTA

PELA SAÍDA DO C. C. T. V.

PELA DEFESA DAS CONQUISTAS ALCANÇADAS

Lisboa, 14 de Abril de 1977

Pel'A DIRECÇÃO
Alfredo Alves

PUB

SINDICATO NACIONAL DO PESSOAL DA INDÚSTRIA DE DOÇARIA DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

Comunica-se a todos os sócios e a quem interessar que a partir do próximo dia 18-4-77 a sede do nosso Sindicato passa a ser na:

Av. Infante Santo, 61-4.º, Esq.º — Lisboa-3
Tlefs. 662181 - 603093 - 607449

A DIRECÇÃO

PUB

QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO — LICENCIADO JOSÉ TORRES FERRARI E SILVA

CERTIFICO PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO: — Que por escritura de 25 de Março de 1977, lavrada de folhas 89 a folhas 91, do livro número G-2, de notas para escrituras diversas deste cartório, Elvira dos Santos Moura Oliva e António Alves Sampedro, como únicos sócios da sociedade em nome colectivo «SOUSA e MEGA», com sede em Lisboa elevaram o capital social para 200.000$00, por entrada em dinheiro, realizadas em partes iguais, pelos sócios ficando cada um com um quinhão de 100.000$00.

Por esta mesma escritura a dita sociedade foi transformada em sociedade por quotas, e substituido inteiramente o pacto social pelo seguinte articulado.

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade em nome colectivo, que tem girado sob a firma SOUSA e MEGA, é transformada em sociedade por quotas de responsabilidade limitada e passa a reger-se pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

ARTIGO SEGUNDO

A sociedade adopta a firma SOUSA e MEGA, LIMITADA e tem a sua sede em Lisboa, na Rua de São Mamede, número vinte e sete-A, freguesia da Madalena, podendo a assembleia geral transferir esta para qualquer outro local.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade durará por tempo indeterminado, teve o seu início em vinte e seis de Julho de mil novecentos e vinte e dois, mas contando-se do dia de hoje os efeitos da transformação.

ARTIGO QUARTO

O seu objecto é o comércio e indústria de artigos de electricidade e mecânica, podendo explorar qualquer outro ramo em que os sócios acordem e não seja interdito por lei.

ARTIGO QUINTO

O capital social é de DUZENTOS MIL ESCUDOS, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e nos diversos bens e valores da sociedade, conforme a escrituração e corresponde à soma de duas quotas iguais de cem mil escudos, uma pertencente ao sócio António Alves Sampedro, e outra à sócia Elvira dos Santos Moura Oliva.

ARTIGO SEXTO

A sociedade é representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por dois gerentes eleitos em assembleia geral, os quais só em conjunto podem obrigá-la.

PARÁGRAFO ÚNICO — Podem ser eleitos gerentes pessoas estranhas à sociedade.

ARTIGO SÉTIMO

É permitida a divisão de quotas.

ARTIGO OITAVO

É livre a cessão de quotas, total ou parcial, entre sócios. A cessão total ou parcial, a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes, devendo exercer opção aquele ou aqueles que a não consintam.

ARTIGO NONO

A convocação das assembleias gerais será feita por carta registada com aviso de recepção com a antecedência mínima de dez dias.

ARTIGO DÉCIMO

A sociedade não pode obrigar-se em fianças, abonações, avales ou letras de favor estranhos aos negócios sociais.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

Os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, nos termos e condições que forem deliberados em assembleia geral.

— Está de conformidade com o original, e que na parte omitida, nada há em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

— Lisboa, vinte e oito de Março de mil novecentos e setenta e sete.

O 3.º Ajudante do Cartório

(Cremilde do Patrocínio Anacleto)

PUB

Sindicato Nacional do Pessoal da Industria de Doçaria do Distrito de Setubal

MOÇÃO

As trabalhadoras da Tágides reunidas em plenário do seu Sindicato, conscientes da subida virtiginosa do custo de vida, especialmente dos artigos de primeira necessidade, embora compreendam que algumas medidas de austeridade deviam ser tomadas, decidem:

— Protestar energicamente por esta subida que vai pôr em causa o poder de compra das classes mais desfavorecidas em contraste com as grandes indemnizações dadas aos capitalistas e latifundiários que mais não visam do que pôr em causa as grandes conquistas alcançadas pelos trabalhadores.

Os trabalhadores da Tágides

(Moção aprovada por unanimidade, na reunião geral de sócios em 26-3-77).

fp
sindicato dos trabalhadores da função pública da zona sul

AOS DELEGADOS SINDICAIS e MEMBROS DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES da Função Pública

PLENÁRIO / DIA 16 ÀS 10 H.

ANFITEATRO N.º 1 — FACULDADE DE LETRAS — CIDADE UNIVERSITÁRIA — CAMPO GRANDE

ORDEM DE TRABALHOS:

1. a) — Estatutos da União dos Sindicatos de Lisboa.
   b) — Organização Regional / c-Reestruturação Sindical (Verticalizacão)
2. — Situacão Social
   a) — Legislação do Trabalho
   b) — Custo de Vida
3. — Comemorações do 25 de Abril e 1.º de Maio.

ESTÁ PRESENTE NESTE PLENÁRIO ORGANIZADO PELA UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA!

PELO REFORÇO DA ORGANIZAÇÃO E UNIDADE DOS TRABALHADORES!

NÃO FALTES! PARTICIPA!

PELA DIRECÇÃO
Adriano Agostinho Jesus

PUB

DIRECTOR DE PESSOAL

Grande Empresa Pública, com dependências fabris no Norte e Sul e Sede em Lisboa, pretende admitir,

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO:

- Idade mínima 35 anos
- Formação Universitária (desejável)
- Larga experiência na gestão de Pessoal (Legislação de Trabalho, Segurança, Formação, Psicologia Industrial, etc.).

OFERECEMOS:

- Nível de remuneração correspondente à responsabilidade do cargo
- 30 dias de férias
- 30 dias de subsídio
- 13.º mês
- Subsídio de alimentação e outras regalias sociais
- A função será exercida em Lisboa.

Solicita-se curriculum detalhado, para apreciação da candidatura, da qual se guardará rigoroso sigilo.

Resposta a este jornal ao n.º 1912.

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 71-6.º-A – LISBOA

AOS MOTORISTAS DO SECTOR DA INDÚSTRIA QUÍMICA

Camaradas:
Segundo as directrizes da CNS, que muito têm lutado contra o patronato na defesa de um CCTV digno, vai-se proceder a uma grande jornada de luta na próxima sexta-feira, dia 15, com a paralisação do trabalho entre as 15 e as 17 horas.

Como forma de solidariedade na luta, participa!
SÓ UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Pelo Secretariado
(Ass. ilegível)

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

Mais uma lista concorre às eleições

«Pensamos que o projecto capaz de nos unir e mobilizar assentará num campo de acção sindical que não se esgota na reivindicação parcelarizada, mas terá como objectivos indissociáveis a luta pelos direitos dos professores de todos os sectores e graus de ensino e pela qualidade do ensino» — lê-se no manifesto eleitoral apresentado ontem nas instalações do I.S.T. e que representa o arranque de uma nova lista, que se apresenta como unitária, para as eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. «Pela dignificação da profissão, por um ensino que corresponda à sociedade democrática que a nossa Constituição consagra e por um sindicato representativo e eficaz são algumas das consignas que na lista se inscrevem. Inclui nomes, entre outros, como os de Maria Emília Galhordas, Joaquim Pintão, Joaquim Varanda, Urabano Tavares Rodrigues, Alfredo Osório, Graça Fernandes, Salvador Sampaio, Carlos Moreira, Fátima Rodrigues, Domingos Moura, Mariete Silveira e Cosme Guerreiro.

Hospital de Viseu vai ter biblioteca

Está prevista para breve a inauguração de uma biblioteca no Hospital de Viseu e como seu complemento está a pensar-se na criação de uma Hemeroteca. Segundo informação prestada pela comissão organizadora, existem já perto de mil livros, oferecidos por entidades diversas e particulares que estão conscientes do papel decisivo da leitura como «manancial de cultura, de distracção, de alegria e de colaboração para a recuperação da saúde dos doentes».

Embora disponha já de um elevado número de livros, a comissão organizadora mantém o apelo para que todos os que possam «ofereçam um livro para o Hospital».

O PROGRAMA DO «17 DE ABRIL»

A Associação Académica de Coimbra já elaborado o programa de comemorações da data de «17 de Abril», que marcou em 1969 o início da grande crise que culminou com uma maciça greve aos exames. As comemorações iniciam-se no próximo sábado, às 16 horas, com uma sessão no Teatro Gil Vicente em que actuarão o coro de Ferreira do Alentejo e organismos autónomos da Academia de Coimbra: Orfeon, coro misto e coral da Faculdades de Letras.

No dia 17 ainda no Teatro Gil Vicente haverá às 15 horas, uma sessão com filmes sobre a crise de 1969 seguinddo-se um debate sobre lutas estudantis com a aparticipação dos dirigentes estudantis das crises de 1969 e 1962 e ainda os professores Teixeira Ribeiro, Paulo Quintela, Orlando de Carvalho, Luís de Albuquerque e Graciano de Oliveira que sempre se distinguiram no apoio dado às lutas da Academia coimbrã. À noite no mesmo local haverá uma retrospectiva da música de Coimbra e sua evolução — com a presença de Adriano Correia de Oliveira, Fausto Iglésias, Ciríaco, Vasco, Barata Moura, Vieira da Silva, Arnaldo Carvalho, Monteiro e Zeca Afonso. Durante as comemorações estará patente na A.A.C. uma exposição fotográfica sobre o caso do estudante Fausto Cruz e possivelmente com cartazes e documentos da crise de 1969.

EM MONCHIQUE

Vereador do P.S. agredido por elementos do P.S.D.

Representantes do PSD/PPD na câmara de Monchique agrediram no passado dia 6, dentro dos Paços do Concelho, um vereador daquele município, eleito pelas listas do Partido Socialista — revela um comunicado da secção local do PS.

Segundo o comunicado, aquele vereador foi agredido na sequência de um seu protesto contra as seguintes «atitudes ditatoriais» por parte do presidente da câmara:

— Mandar apresentar sob prisão um munícipe de Marmelete que havia recusado a negociar pessoalmente e na via pública, com o citado presidente, um assunto relacionado com o derrube de uma parede de um prédio pertencente ao munícipe;

— Encerramento «violento e inoportuno», da sessão de 16 de Março último, «sem motivos justificados e perante a oposição da maioria dos vereadores, ao mesmo tempo que ordenava a evacuação da sala dos assistentes»;

— Desrespeito pela «opinião e representatividade dos vereadores não afectos ao partido do presidente» (do PSD/PPD);

— Tentativa de opor os trabalhadores do estabelecimento termal das Caldas de Monchique «à intervenção de um organismo do Governo (ENATUR) na condução da administração e desenvolvimento daquela riqueza».

PUB

CONVOCATÓRIA

AOS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO C.C.T.V. DE ARMAZENISTAS DE MERCEARIA, IMPORTAÇÃO, COMÉRCIO, EXPORTAÇÃO E ARMAZENAGEM DE FRUTOS HORTÍCOLAS, ARMAZENAGEM E EXPORTAÇÃO DE AZEITES

Na sequência da proposta aprovada no Plenário de Trabalhadores do sector, na passada 3.ª feira, no qual ficou decidido que se o patronato não assinar o nosso contrato até 6.ª feira, dia 15, se encetará uma paralisação progressiva a nível nacional, a partir do dia 20;

Convocam-se todos os **piquetes de paralisação** e todos os **delegados sindicais** das empresas do sector, para uma reunião no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, Av. da República, n.º 31, 6.ª feira, às 21 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informações
2. Organização da paralisação

EM FRENTE PELA CONQUISTA DO NOSSO C.C.T.V.!

SÓ NA LUTA, FORJAMOS A UNIDADE!

POR ISSO, SÓ COM A TUA PRESENÇA E APOIO, CONSEGUIREMOS VENCER!

Lisboa, 14 de Abril de 1977

A COMISSÃO DE APOIO À C.C.T. N.

Quase todos os acidentes mortais com veículos de duas rodas, são devidos a ferimentos na cabeça. Proteja-se usando sempre o capacete!

circular e viver.

Cortiça

Exigida nacionalização do comércio grossista

A situação que se vive no sector corticeiro e principalmente no que diz respeito ao comércio por grosso da matéria-prima, foi ontem abordada num plenário efectuado no Inatel, em Setúbal, com a presença de António Bica, da cooperativa «Reforma Agrária» e de representantes de sindicatos agrícolas e corticeiros, das unidades colectivas de produção e uniões de cooperativas.

A comercialização por grosso da cortiça causa, neste momento, sérias apreensões aos trabalhadores que, considerando a situação como vergonhosa, exigem que sejam tomadas medidas, entre as quais a nacionalização do comércio grossista, para impedir a restauração dos monopólios.

No final do plenário foi aprovada por unanimidade uma proposta em que se exige que toda a cortiça produzida no país seja submetida ao mesmo regime de controlo de produção e venda, para que deixem de ser beneficiados os grandes e médios produtores individuais.

Na sequência deste plenário foi criada uma comissão, composta por dois operários corticeiros e três agrícolas, para estudo da extracção e comercialização da cortiça e também com o objectivo de contactarem o Governo, o Fundo do Fomento Florestal e o Instituto de Produtos Florestais, no sentido de discutirem os problemas referentes ao sector.

Grupo "Caricatura": é proibido buzinar

Conforme noticiámos, cinco elementos do grupo de teatro amador «Caricatura» foram julgados no tribunal de Cascais na sequência de um incidente com a PSP quando se preparavam para efectuar uma representação de rua da peça «julgamento de Cicatrizes, Pides e Pais».

A sessão de julgamento prolongou-se pela noite tendo o juiz, dr. Mira, absolvido quatro elementos e condenado um deles, Vitor Santos a multa de mil escudos mais o custo do processo pela acusação de utilização abusiva de buzina dentro de uma localidade.

Desapareceu prata no trajecto

A alfândega do Porto divulgou um comunicado em que esclarece o caso do desaparecimento de 20 quilos de prata, de uma encomenda de 515 quilos, expedida de Frankfurt

Segundo o comunicado, no momento da chegada da encomenda ao Aeroporto das Pedras Rubras, foi verificado que ela vinha desfalcada pelo que haverá que concluir que, se efectivamente houve furto, ele terá ocorrido em Frankfurt ou então no trajecto daquela cidade para o Porto.

EANES FAZ BALANÇO DA VIAGEM

Larga maioria de trabalhadores que adquiriram uma consciência

Fazendo ontem em Rio Maior, nas instalações da Cooperativa de Produtores de Carnes e Ovos, uma síntese da saída de trabalho que acabava de concluir, o general Ramalho Eanes apelou para os jornalistas no sentido de ajudarem à «transformação cultural do País, para que outras transformações aconteçam, para que sejamos um povo que vive e dirige o seu País, para que o País seja efectivamente dele». Acrescentaria: que isto não era para fazer uma campanha de consciencialização, que não pediria tanto, «mas apenas ajudá-la».

O Presidente da República, que fazia para os jornalistas o balanço das visitas efectuadas, aproveitou para «corrigir» afirmações feitas na parte da manhã na Mague, onde se referiu ao facto de «a direita poder vir a ser um acidente neste País.» Eanes esclareceu que se referia «à direita que põe bombas, à direita que tem mentalidade de «pide», à direita não democrática», acrescentando que «a direita democrática é indispensável para que a democracia neste País seja efectiva e real».

Ao fazer a análise das empresas que visitou, desde a Mague, uma empresa privada onde «o ambiente é exemplar, onde as relações de trabalho são exemplares e a produção é efectiva», à CIMPOR, uma empresa nacionalizada «onde há uma produção razoável, onde não são necessários subsídios disfarçados de empréstimos», unidades privadas como a Nobre, cooperativas de produtores, aos empreendimentos de iniciativa popular como o Centro Cívico da Abitureira, Ramalho Eanes sublinharia com particular ênfase que «este País tem de ser um País de trabalhadores e não pode ser um País de parasitas». Afirmou depois que «é necessário deixar cair as empresas que não produzem» porque se está a dispender com elas dinheiro que é necessário para dinamizar outros sectores produtivos, mas salientou que «a parte dos trabalhadores que adquiriram consciência é largamente maioritária».

Ramalho Eanes considerou necessário que «o sector público se desenvolva de tal maneira que seja um exemplo para o País» e disse esperar que em breve a Assembleia da República delimite as áreas do sector público e privado «que têm que viver em regime concorrencial», lembrando que o Governo não pode proteger exageradamente as empresas nacionalizadas em relação às privadas. No final, o Presidente da República confirmou a sua visita à Guarda no dia 10 de Junho, dia das Comunidades, e revelou que a sua próxima saída será para o Nordeste transmontano onde tenciona permanecer alguns dias.

Acompanhado pelo ministro Costa Brás (à direita) e pelo tenente Montez (à esquerda), que foi grande impulsionador do Centro Cívico das Abiturrreiras, Ramalho Eanes agradece as saudações que lhe são dirigidas pela população

UM RITMO DE CAMPANHA

Foi bastante intenso o programa desta saída de Ramalho Eanes e não é nada fácil acompanhar o ritmo do Presidente. Ontem, após a visita à Cimpor, uma empresa nacionalizada com boa produção e que deu lucros, onde o Presidente se inteirou de vários aspectos do funcionamento da empresa e programas futuros, a comitiva seguiu para o Cartaxo, onde efectuou uma visita ao Jardim de Infância, uma obra que teve um grande contributo da Escola Prática de Cavalaria de Santarém e de que o capitão Salgueiro Maia foi grande impulsionador no período da Revolução de mais intensa ligação entre povo e militares.

Em Santarém, Rmalho Eanes visitou o Colégio Andaluz, complexo escolar onde já funcionam uma escola do Magistério Primário, uma escola do Ciclo Preparatório e uma escola de Enfermagem.

Uma visita à Quinta de Vale dos Lobos onde morreu o escritor Alexandre Herculano, que ali passou os seus últimos anos, foi como que uma pausa nesse ritmo de campanha que o Presidente vinha imprimindo. Em futuro próximo ali será instalada uma estância cultural, projecto que mereceu grande interesse por parte do Presidente da República. Tal projecto incluirá uma biblioteca especializada em obras de Herculano, a recuperação do espólio do escritor, um parque de campismo e outras instalações para crianças.

Estava prevista a presença do secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira, que apareceu já na parte final da visita, acompanhado pelo prof. Vitorino Nemésio que ali mesmo, à sombra de árvores frondosas, improvisou para o Presidente uma interessante «palestra» sobre Herculano, a sua obra e sobretudo a sua «vocação agrícola». Herculano fundou ali uma exploração agrícola exemplar para a época e pertence-lhe uma tentativa de fundação do Sindicato Agrícola de Santarém, um pouco antes da sua morte.

Junto à fábrica de cervejas Clock, houve uma paragem para o Presidente da República observar alguns projectos industriais no sector alimentar. Inteirou-se de problemas de créditos com que os empresários se debatem e focou a necessidade «outras regras» nestas questões.

Na Abitureira, o Presidente visitou o Centro Cívico, iniciativa popular dinamizada pelo tenente Montes. Ali Ramalho Eanes, contrariamente ao que tinha decidido, descerrou uma lápide. «Abriu uma excepção por se tratar de um camarada». No livro de honra escreveria: «As únicas realidades que socialmente persistem são aquelas que se fazem com amor».

Finalmente, em Rio Maior, Ramalho Eanes visitou a fábrica Nobre e a Cooperativa de Produtores de Carne e Ovos daquela vila.

Muito se poderia escrever sobre o sentido destas visitas, das declarações do Presidente e das conclusões de cada um. Duas conclusões importantes poderemos reter: uma, é que o Presidente da República viu, uma vez mais, que os trabalhadores são «maioritariamente» conscientes dos seus deveres; outra, é que pode observar as condições duras em que muitos trabalham e que no entanto não abalam o seu desejo de produzir.

JANTAR EM SANTARÉM

Ontem à noite, já depois de cumprido o programa da sua viagem, o general Ramalho Eanes, que se reunira em Santarém num jantar de carácter privado com o comandante da Escola Prática e oficiais ali colocados, visitou, cerca das 23 horas, o presídio militar e o Hospital Distrital.

Nos três anos do 25 de Abril

Grande parada militar e concentração antifascista

Uma grande parada militar assinalará oficialmente, em Lisboa, o terceiro aniversário do «25 de Abril» — anunciou ontem o capitão Marques Júnior, membro do Conselho da Revolução, no decorrer de um encontro com directores de órgãos de Comunicação Social.

A concentração para a parada será feita a partir das 10 e 30 do dia 25, no Parque Eduardo VII, desfilando depois as tropas (durante mais de uma hora) pela Avenida da Liberdade, onde estará instalada uma tribuna para o Presidente da República, chefes militares e representantes de outros órgãos de soberania. O general Ramalho Eanes deverá, na ocasião, proferir um discurso. Decorrerão também em todas as unidades militares, cerimónias alusivas ao 25 de Abril, que incluirão a leitura de uma mensagem comum.

Para além destas manifestações militares prevê-se, segundo anunciou o conselheiro da Revolução, capitão Marques, Júnior, presidente da Comissão Organizadora das Comemorações, a participação das crianças através de iniciativas, nas próprias escolas do FAOJ. No domingo, dia 24, decorrerá um grande espectáculo no Coliseu dos Recreios, transmitido pela RDP e RTP, onde terá lugar de destaque a leitura de poesia antifascista; à noite será inaugurada uma exposição fotográfica «Da resistência à libertação» no Mercado do Povo. A Assembleia da República realizará também uma sessão comemorativa que se efectuará no dia 25 às 18 horas.

OUTRA COMEMORAÇÃO

Entretanto, esta manhã na Casa da Imprensa foi anunciado outro programa das comemorações por outra Comissão Organizadora, da qual fazem parte, entre outros, Luís Moita (ex-preso político), Francisco Fanhais (ex-exilado político), Joaquim Furtado (jornalista e locutor do 25 de Abril) e Paulo Graça, da Comissão de Trabalhadores da Efacec.

Luís Moita viria a sublinhar o facto das duas comemorações, a oficial e a desta Comissão, «não serem opostas, não serem concorrentes, mas serem independentes».

Para não «concorrer» exactamente com a oficial, esta Comissão escolheu a noite do 24 de Abril, com uma concentração no Largo Luís de Camões pelas 21 horas, na proximidade de locais simbólicos de repressão e da libertação: Sedes da PIDE e da Comissão de Censura, no Largo do Carmo.

«As portas da liberdade que o 25 de Abril abriu ameaçam fechar-se» lê-se no documento que anuncia as comemorações. Já foram enviados vários convites a militares que participaram no 25 de Abril, entre os quais figura o major Otelo Saraiva de Carvalho. «A alegria e a esperança que o 25 de Abril fez despertar no povo trabalhador têm sido enganadas em vez de uma vida melhor, mais justa, é o povo trabalhador que sofre na carne os efeitos da crise que os grandes patrões provocaram: aumenta o desemprego, sobem os preços mas não os salários, ataca-se a Reforma Agrária, não se cumpre a Lei do Arrendamento Rural e despejam-se os moradores pobres das casas ocupadas», sublinha-se ainda no texto.

Para além de denunciar a libertação dos «pides» e dos bombistas, não deixa de enumerar as grandes conquistas do 25 de Abril, «porque nos deu a liberdade para construirmos com as nossas próprias mãos uma nova sociedade mais justa e sem exploradores nem explorados».

Semana da R.D.A. acaba a 25

É esperado depois de amanhã em Lisboa o dr. Gerald Goetting, vice-presidente do Conselho de Estado da República Democrática Alemã Para a Amizade com os Povos da RDA O dr. Goetting integra uma delegação daquele país que vem a Portugal participar na Semana da RDA levada a efeito pela Associação de Amizade Portugal-RDA.

No âmbito desta iniciativa é esperado ainda no domingo em Lisboa o nadador olímpico Roland Mattes que durante dez anos foi campeão mundial e olímpico nos 100 e 200 metros costas.

Também no domingo chegarão a Lisboa outros elementos da delegação da RDA que participará nas comemorações, entre os quais o burgomestre da cidade de Halle, conferencistas, autores, agrupamentos teatrais e musicais.

A Semana da RDA terá especial incidência na cidade de Coimbra, gémea da cidade alemã de Halle, e englobará manifestações diversas que entretanto se estenderão a todo o País, terminando no dia 25 de Abril.

Estudantes ocupam Reitoria do Porto

PORTO, 14 — Após um plenário realizado cerca das nove horas, estudantes de Medicina ocuparam ao fim da manhã de hoje a Reitoria da Universidade.

Objectivo da ocupação: que o MEIC e a Comissão Instaladora do curso de Psicologia reconsidere a posição tomada em relação ao curso.

Lembra-se, a propósito, que a Comissão Instaladora pretende que os alunos já inscritos no 2.º ano voltem a fazer testes de avaliação sobre a matéria da experiência pedagógica do ano passado. Por outro lado, têm vindo a ser consideradas praticamente nulas as inscrições dos alunos do 1.º ano. No total, são afectados cerca de 500 alunos.

Entretanto, encontra-se em Lisboa o Reitor da Universidade, prof. Silva Pinto. Por altura do fecho desta edição, tinha-se deslocado àquele estabelecimento de ensino o seu vice-reitor, eng. Aristides Guedes Coleho.

Informações de última hora, referem que também a Secretaria Geral da Universidade foi ocupada pelos estudantes.

Sabe-se que a ocupação foi feita por mais de cinquenta por cento dos alunos do curso de Psicologia.

«GUERLAIN» lança «CILSTAR», UM NOVO RÍMEL para as pestanas, nas cores preto e castanho. Com «CILSTAR», as pestanas alongam-se, brilhantes e sedosas. A maquilhagem dos olhos completar-se-á com as sombras-novidade, ainda de «GUERLAIN», «VERT NEPTUNE», «ALOUE» e «BRUNE»

SEGUNDO A CT

Sabotagem económica na Aníbal H. Abrantes

Os trabalhadores da firma Aníbal H. Abrantes, da Marinha Grande, paralisaram hoje totalmente as suas actividades a fim de, em plenário, discutirem medidas de fundo que julgam indispensáveis e urgentes com vista a atingir «uma plataforma que permita a estabilização da vida da empresa e a sua projecção no futuro».

Segundo um documento elaborado pela Comissão de Trabalhadores, estes vivem desde o 25 de Abril sob a ameaça duma «falência técnica», com os detentores do capital a «deixarem passar o tempo», pois, «de actos administrativos, não vimos da sua parte um único capaz de levar a empresa a uma situação estável». Segundo a CT, os accionistas maioritários — Explosivos da Trafaria SARL — «estavam a criar condições para a derrocada total. Senhores de uma situação considerada nas sociedades capitalistas mais importante do que a daqueles que produzem, o vácuo da sua actividade tem um nome: sabotagem económica».

A situação na firma agudizou-se quando, em Outubro passado, o pagamento dos ordenados não foi feito a tempo e horas. De então para cá, a exemplo do que tem acontecido com muitas outras C.T.'s, «tem sido um rodopiar, da fábrica para as sedes dos Bancos e para organismos do Estado (IAPMEI, IPE, MIT, MFIN), para o contacto com os responsáveis da empresa e as estruturas de trabalhadores que tenham uma palavra a dizer sobre o caso».

No dia 23 do mesmo mês de Outubro, em resultado das decisões aprovadas num plenário com participação quase total dos trabalhadores, iniciou-se uma acção organizada e metódica, tendente a clarificar a situação na firma e a garantir, sobretudo, os postos de trabalho. Basicamente, foram duas as variantes de actuação: através da Banca, via Banco Pinto de Magalhães, e do Ministério da Indústria e Tecnologia, via IAPMEI. Verificou-se que da parte do BPM e do IAPMEI houve «compreensão para com o problema, mas também impossibilidade de fazer avançar o processo até onde seria de desejar». (Relativamente ao IAPMEI regista-se uma vez mais que este organismo, seja pelo que for, não tem respondido capazmente aos objectivos que presidiram à sua criação).

Já da parte dos organismos de Estado, foi notório o «afunilamento da situação»: «Um aparelho de Estado como o actual, ainda com as recedivas do aparelho fascista e condicionado pela conjuntura de uma sociedade em transição, só pode ser operacional desde que tenha a coragem de enfrentar a situação com um vigor que abarque o ritmo que as necessárias transformações económicas da sociedade lhe imprimam. E isto — sublinha a CT da AHA — já se viu em Portugal num período que os actuais estadistas, ao invés de procurarem continuar, se limitam a denegrir».

É esta a conclusão que a Comissão de Trabalhadores pode tirar dos múltiplos contactos que teve com o aparelho de Estado.

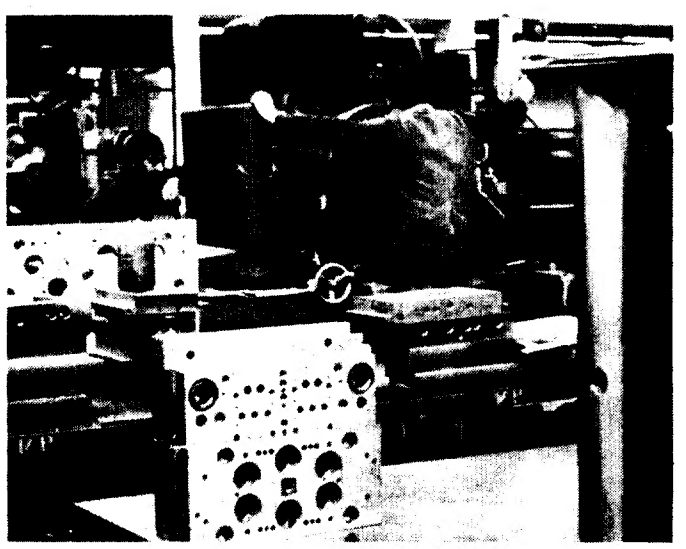
EXPLOSIVOS DA TRAFARIA

Enquanto a CT desenvolvia incansavelmente esforços no sentido de salvar a empresa do descalabro que a ameaça, que faziam os accionistas maioritários? O documento tornado público pppela CT é elucidativo. Bastará transcrever o seguinte: «Da parte dos Explosivos da Trafaria (administradores) ressalta um confusionismo próprio de quem não tem a consciência tranquila. Como exemplo, refira-se uma carta assinada pelo dr. Figueiredo dos Santos, como administrador dos Explosivos da Trafaria, para o presidente da mesa da assembleia geral da AHA (o mesmo dr. Figueiredo dos Santos), em que a empresa da Trafaria se demite do conselho de administração da firma da Marinha Grande. Nessa carta, o mesmo Senhor lavra o despacho em relação ao pedido que apresenta. E noutra carta recusa-se formalmente a dar avais à AHA, isto apesar de os Explosivos da Trafaria, que assim se retiram do emotu-próprio, serem possuídos, maioritariamente, pela Sociedade Financeira Portuguesa, que, como se sabe, está nacionalizada».

Cabe aqui, para melhor compreensão do que se passa com a firma Aníbal H. Abrantes, um pouco da sua história. Foi empresa pioneira no fabrico de moldes para matérias plásticas em Portugal. Resultou da reconversão de uma pequena oficina de moldes para a indústria de vidro, acontecimento ocorrido nos finais da década de 40. Em 1972 houve a fusão da AHA com a INA, depois de um período crítico para a primeira, em 1971, altura em que o seu proprietário se mostrava decidido a vendê-la. A solução encontrada foi, porém, a fusão. Em resultado desta, regressaram à AHA técnicos que nela tinham sido formados. Passam a liderá-la até ao Verão de 1975, ocasião em que resolvem abandoná-la definitivamente «face aos meios autocráticos que utilizavam e ao crescendo do poder reivindicativo dos trabalhadores».

Entretanto, entrara em jogo a sociedade Explosivos da Trafaria, então em pleno desenvolvimento, por reflexo da situação das guerras coloniais. Beneficiando de facilidades de acesso ao financiamento, os administradores dos Explosivos da Trafaria (entre eles, figuras bem conhecidas, como sejam Alpoim Calvão, Barbieri Cardoso, Venâncio Deslandes) obtiveram da Sociedade Financeira Portuguesa capitais com os quais foram comprar, em diversas empresas, acções que consolidariam o futuro monopólio. Os tentáculos desta organização, portanto, não chegaram só à AHA. Estenderam-se à Gazina, Precix, Metalex, Plásticos Valverde, Famopla, Iberoplás, até à Cobrex, no Brasil, e a várias empresas em Angola e Moçambique.

Na AHA, os Explosivos da Trafaria detêm, como já foi dito, a maioria das acções. Dado o comportamento dos respectivos administradores, estes não gozam de confiança dos trabalhadores. O documento da CT aduz, além das razões já aqui referidas, outras ainda que levam à conclusão: «Pensar a empresa em termos de futuro passa inevitavelmente pelo seu afastamento. Se é que há lugar para eles, aqui dentro não...»



Aníbal Abrantes: os trabalhadores moldam o futuro da empresa

O mesmo não acontece em relação a accionistas como o sr. Aníbal Henriques Abrantes «que foi o dono da empresa até ao momento em que a crise estalou» e que, sob certas condições poderá vir a ser parceiro social, e em relação ao sr. António Martins Valverde. Este é o actual presidente do Conselho de Administração e tem o voto de confiança dos trabalhadores.

PARA O FUTURO

A CT da AHA não se fica, no seu documento, pela análise à situação da empresa, que se encontra descapitalizada, impossibilitada de recorrer ao crédito bancário e incapaz de se reapetrechar, vítima do «factor de desestabilização» consubstanciado no comportamento dos Explosivos da Trafaria e da incapacidade de decisão quer dos organismos de Estado, quer da Banca.

Entende, porém, a CT que a estabilidade da empresa é possível, logo que resolvidos os problemas de base, e que a recente legislação sobre «contratos de viabilização» poderá dar uma ajuda na resolução do problema. As soluções apontadas passam pela recapitalização, «a ser feita unicamente com capitais públicos sendo os Explosivos da Trafaria afastados da AHA». Os trabalhadores estariam dispostos, por seu lado, a «colaborar na reorganização da unidade («sem, claro, pôr em causa um único posto de trabalho») e, inclusivamente, abdicar de algumas regalias. «Mas, primeiro, querem «preto no branco», os valores do investimento e um novo estatuto social».

Durante o plenário de hoje serão debatidos em pormenor todos os pontos do relatório apresentado pela CT aos trabalhadores. Na sua quase totalidade, eles têm acompanhado a evolução da crise.

PUB

TRABALHADORES QUÍMICOS

15 ABRIL
Luta a nível nacional

PARALISAÇÃO DAS 15 ÀS 17 HORAS

Faz no final deste mês um ano que os 108 Sindicatos, que representam trabalhadores na Indústria Química, apresentaram a Proposta de Contrato Vertical ao patronato.

Depois de meses de negociação de centenas de horas de reuniões, na discussão das matérias de incidência económica o patronato pretende fazer pagar aos trabalhadores este contrato, retirando e diminuindo regalias em vigor.

O Contrato Vertical que abrange a generalidade dos trabalhadores das empresas químicas (operários **químicos, metalúrgicos, electricistas, construção civil, rodoviários** e **garagens, comércio, empregados de escritório, vendedores, desenhadores**, etc.), é para ser defendido por todos.

O Contrato Vertical porá fim à divisão por contratos por profissão (actualmente estão mais de 15 em vigor), uniformizando direitos e regalias, reforçando a nossa unidade.

CAMARADAS:

A nossa luta, expressará a vontade e determinação dos trabalhadores químicos que, não alinhando em formas de luta pretensamente radicais, sabem na devida altura demonstrar a sua **FORÇA** e **UNIDADE.**

Esta paralisação a nível nacional, não sendo por nós desejada é a única via que nos deixaram quando persistem, provocatoriamente, em tentar retirar regalias adquiridas, ou quando nos fazem propostas de aumentos salariais ridículos.

Pela defesa das conquistas alcançadas!
Por uma actualização salarial justa!
Pela saída do contrato vertical!

Em nome dos Sindicatos Subscritores do CCTV
A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA
- Sindicato dos Químicos do Centro
- Sindicato dos Químicos do Norte
- Sindicato dos Químicos do Sul
- Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos
- Federação Regional Sul Sind. Empreg. Escritório

PUB

AOS TRABALHADORES METALURGICOS E METALOMECANICOS DA INDUSTRIA DE ÁGUAS, REFRIGERANTES, SUMOS DE FRUTA E CERVEJA DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Camarada

Na sequência das reuniões de empresa já efectuadas com vista à integração dos trabalhadores Metalúrgicos e Metalomecânicos no Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria de Bebidas, e dando cumprimento às conclusões dos encontros realizados e do Congresso de todos os Sindicatos quanto à reestruturação do Movimento Sindical, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa, convoca todos os Metalúrgicos e Metalomecânicos que trabalham na Indústria de Águas, Refrigerantes, Sumos de Fruta e Cerveja do Distrito de Lisboa, para uma Reunião de Sócios (Assembleia de Voto) no dia 21 de Abril de 1977 das 8 às 22 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

PONTO ÚNICO — Votação para a integração dos Trabalhadores Metalúrgicos e Metalomecânicos no Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria de Bebidas.

AS MESAS DE VOTO FUNCIONARÃO NOS SEGUINTES LOCAIS:

CERGAL (fábrica)	BELAS
CIREL (Fábrica)	LINDA-A-PASTORA
COPOREL (Fábrica)	LINDA-A-VELHA
SOC. CENTRAL CERVEJAS (Sede)	LISBOA
SOC. CENTRAL CERVEJAS (Fábrica n.º 1)	VIALONGA
SOC. CENTRAL CERVEJAS (Fábrica n.º 3)	CATUJAL
SOC. CENTRAL CERVEJAS (Entreposto 1 e 2)	PRIOR VELHO

SEDE DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS LISBOA — Av. D. Carlos I, 42-2.º — **LISBOA**
DELEGAÇÃO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS (SACAVÉM) — Pç. República, 66-A — **SACAVÉM**
UNIÃO SINDICAL DE TORRES VEDRAS — Av. Tenente Valadim, 1-2.º — **TORRES VEDRAS**

NOTA — Os Camaradas da Empresa VIMEIRO que trabalham na MACEIRA votam na UNIÃO SINDICAL em **TORRES VEDRAS.**

Os Camaradas da Imperial e UNIÃO CERVEJEIRAS votam na DELEGAÇÃO DO SINDICATO METALÚRGICOS em **SACAVÉM.**

Os Camaradas das Empresas, VIDAGO e PEDRAS SALGADOS, SUPERSUMOS, SUMOLIS, ENTREPOSTO C.U.F., PORTUENSE ÁGUAS DO VIMEIRO e ÁGUAS PIZÕES DE MOURA EM LISBOA votam na Sede do Sindicato.

A DIRECÇÃO

Grave situação da Previdência comentada pelo Movimento Sindical

. «O Movimento Sindical considera que não é administrativamente que se avançará na construção dum sistema de segurança social que lhe diz respeito, mas sim e só com a discussão e participação a todos os níveis dos trabalhadores, tal como a Constituição aponta, e é sua vontade expressa nas propostas já apresentadas ao Governo e consta do programa de acção aprovada no Congresso de Todos os Sindicatos», lê-se num comunicado divulgado pelo secretariado da CGTP-Intersindical em que se analisa a grave situação económica da Previdência, que recente legislação veio ainda piorar.

Recorde-se que o Conselho Consultivo Nacional do sector, reunido no princípio do mês, concluira que a Previdência deixará a curto prazo de poder satisfazer os seus compromissos, devido à política do Governo do campo social e económico.

Só nos dois primeiros meses deste ano o défice de tesouraria ascendia a um milhão 342 mil contos. Com efeito, as receitas correspondentes a Janeiro e Fevereiro situam-se na ordem dos 720 mil contos, montante insuficiente para cobrir as necessidades de funcionamento normal da Previdência, que rondam os 4,5 milhões de contos.

Relembra ainda a CGTP-Intersindical que, em Dezembro do ano passado, ficou por remeter às caixas de todo o País o duodécimo respectivo, no valor global de dois milhões e 200 mil contos défice este que ainda não foi coberto.

Tudo isto «é muito preocupante», e leva a pensar que, «a continuar assim, a breve trecho será impossível pagar os benefícios em tempo».

SEM COBERTURA

Revela o secretariado da CGTP-Intersindical sobre o assunto:

«O Governo, aquando da discussão na Assembleia da República do orçamento da Previdência para 77, equilibrou esse orçamento substituindo o déficite orçamental por um valor de 10.500 contos referentes às dívidas do patronato, que, segundo dizia, viriam ser recuperados no decurso de 1977. Ainda não decorridos dois meses, o mesmo Governo faz sair legislação que dilui pelo prazo de cinco anos a recuperação desse valor. Mas, não ficando por aqui, todas as dívidas à Previdência dos patrões, inferiores a cinco mil escudos, ficam perdoadas — o que corresponde a milhares de contos.

«Apesar do Governo ter diluído o prazo de pagamento das dívidas à Previdência, não haverá a garantia do patronato vir a pagar pois o pagamento é feito através de letras, ficando a respectiva caixa responsável pelo reembolso do dinheiro caso o patronato não liquide a letra ao banco.

«Se tivermos em conta que existem milhares de cheques sem cobertura passados pelo patronato, destinados ao pagamento da contribuição à Previdência, será fácil entender antecipadamente os resultados nefastos do processo de recuperação das dívidas propostas pelo Governo, e a sua consequência em termos desastrosos».

Esta, a situação. Para a superar propõe o Movimento Sindical a participação dos trabalhadores nas empresas e nas caixas, controlando as folhas de férias e a entrega dos dinheiros; uma política de apoio às pequenas e médias empresas, às empresas intervencionadas e em autogestão; adopção de medidas eficazes por parte do Governo, que funcionem como incentivo ao pagamento das contribuições pelo patronato.

DESINTERVENÇÕES

Situação mantém-se na maioria dos casos

. A situação nas empresas já desintervencionadas e a desintervencionar continua mal definida na maioria dos casos, mantendo-se a paralisação noutros, como no caso da Auto-Reconstrutora do Barreiro.

Na J. Pimenta, cuja Comissão de Trabalhadores foi ontem informada no Ministério da Habitação e Urbanismo de que a situação financeira da empresa seria discutida na próxima reunião do Conselho de Ministros para os assuntos económicos, está decidido que hoje se efectuará uma paralisação de uma hora, entre as 17 e as 18 horas, enquanto, à mesma hora, serão distribuídos comunicados à população da capital explicando a situação da empresa.

Nesse comunicado dos trabalhadores da J. Pimenta, explica-se que actualmente se verifica o estrangulamento financeiro, uma vez que, necessitando de 15 mil contos mensais de matérias-primas, apenas dispõe de cinco mil para esse efeito.

Além disso, num momento em que os trabalhadores continuam aguardando os salários de Março, existe um aval do Estado, no valor de 30 mil contos, que a Secretaria de Estado do Tesouro se recusa a formalizar.

No documento, a ser distribuído hoje à população, informa-se que a Comissão Administrativa, da confiança do ministro da Habitação e Urbanismo actual, se demitiu há um ano. Enquanto isso, continua a ser aguardada resposta a um projecto de reestruturação apresentado pelos trabalhadores há um ano e meio e que mereceu em tempos a aprovação do eng. Ribeiro Pereira, ministro da Habitação e Urbanismo.

O caso da S.I.P.E. (Sociedade Industrial de Produtos Eléctricos) parece, entretanto, ter sido resolvido, pelo menos segundo afirma a respectiva CT que, depois de ter apresentado à administração um documento intitulado «Reivindicações dos Trabalhadores da S.I.P.E. respeitantes ao regresso dos titulares», afirma que aceitou «a resposta da administração, considerando-a de acordo com a sua vontade». E, assim, foram desmobilizadas as formas de luta encetadas e retomada a laboração normal.

MONDOREL E SANTIX

Os trabalhadores da Mondorel efectuaram ontem uma paralisação de meia hora em todos os turnos, protestando desse modo contra a suspensão, na véspera de quatro operários membros da CT e delegados sindicais.

Entretanto, manifestam a sua disposição de lutarem «pelo cumprimento do caderno reivindicativo apresentado à administração», exigindo que as autoridades «ponham fim aos atropelos e prepotências levadas a cabo pela administração actual da empresa».

Os trabalhadores da Mondorel, que aguardam o cumprimento do que exigem num documento já entregue no M.I.T. protestam ainda contra os moldes em que se processou a entrega da fábrica ao patronato, entendendo que devem ser auscultados sobre estas medidas.

No caso da Santix a situação encontra-se num impasse, uma vez que a administração ainda não apresentou o relatório circunstanciado sobre a situação económica da empresa, correspondente ao compromisso assumido junto do secretário de Estado do Trabalho.

PCP TOMA POSIÇÃO

Sobre um destes casos a Mondorel e ainda sobre o da Ernesto Cruz da Covilhã emitiu a Direcção da Organização Regional das Beiras do P.C.P. um comunicado em que se afirma depois de recordar o carácter de inconstitucionalidade das desintervenções, por não ter havido auscultação nem dos operários nem das CT's.

Retirando o apoio económico à empresa e forçando o retorno do patronato o Governo cria condições para o regresso do sistema de exploração desenfreada e para a instauração do clima de repressão e de vigança. Estas medidas, por outro lado, abrem portas ao acelerar da crise do sector, que poderá ir ao encerramento de numerosas fábricas da indústria de lanifícios, atirando para o desemprego milhares de operários e operárias».

Como «alternativa democrática» para a presente política, a D.O.R.B. do P.C.P. propõe que «em vez de reduzir os salários reais dos trabalhadores, que em lugar de um esforço para destruir as conquistas da Revolução Portuguesa e abrir o país ao domínio do capital estrangeiro, retome o caminho da consolidação e dinamização das transformações democráticas consagradas na Constituição, como as nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo operário.»

. No documento apela-se para os «trabalhadores da Mondorel e da Ernesto Cruz no sentido de saberem evitar e impedir provocações, saberem cerrar fileiras, saberem fortalecer e alargar a unidade da classe contra a investida do capital e da reacção».

COMEMORAÇÕES DO 1.º DE MAIO

"Em espírito de independência"

Estão já constituídas em todos os distritos do País comissões, abertas à participação de todos os sindicatos e outras organizações de trabalhadores, que prepararão, a nível regional, as comemorações do 1.º de Maio, Dia do Trabalhador — anunciou, em conferência de Imprensa, um dos elementos do Secretariado da CGTP-IN. As comemorações terão início este ano no próximo dia 26, estando programadas, para o prazo que medeia até ao dia um, diversas acções de esclarecimento (plenários e reuniões de empresas e de zonas) e actividades culturais e desportivas de cunho popular.

O Secretariado da Central Sindical sublinhou que todas as manifestações «obedecerão ao mais estrito espírito de independência do movimento sindical, pelo que para elas não serão convidados representantes do Estado, nem do Governo, nem de partidos políticos, nem de confissões religiosas». Ter-se-á em vista — conforme foi acentuado — a mobilização dos trabalhadores em torno de objectivos aprovados no Congresso de Todos os Sindicatos: luta contra o desemprego e os despedimentos, contra o aumento do custo de vida, contra o congelamento da contratação colectiva, pela defesa da Reforma Agrária, pela protecção das empresas intervencionadas, pela publicação de legislação de trabalho elaborada com a participação dos trabalhadores.

No próximo fim-de-semana, em 14 distritos, decorrerão reuniões de comissões de trabalhadores, delegados e dirigentes sindicais para análise e discussão da situação social correspondente aos pontos de luta apontados.

De um modo geral, os plenários e sessões públicas incluídas nas comemorações do 1.º de Maio incidirão sobre os objectivos do Caderno Reivindicativo dos Trabalhadores aprovado no Congresso e sua aplicação prática.

Pela 4.ª vez em liberdade, uma manifestação-comício a realizar no Estádio 1.º de Maio encerrará, no âmbito dos distritos de Lisboa e Setúbal, a jornada de luta operária que se avizinha. Luta «pela defesa das conquistas do 25 de Abril, pela consolidação da democracia, pelo cumprimento da Constituição, contra o perigo do fascismo, contra a recuperação capitalista, pela recuperação da economia ao serviço dos trabalhadores e da independência nacional e pela unidade entre todos os trabalhadores.»

EM VILA REAL

. No distrito de Vila Real, exceptuando o Sindicato dos Escritórios, todas as associações sindicais aderiram às comemorações do Primeiro de Maio programadas a nível nacional pela CGTP-Intersindical.

O esclarecimento das massas trabalhadoras sobre a situação actual será o princípio orientador das comemorações naquele distrito.

Armazenistas de mercearia preparam greve para dia 20

. Os trabalhadores armazenistas de mercearia que iniciaram a realização de plenários para discutirem a situação no que respeita ao novo Contrato Colectivo do sector, decidiram em reunião efectuada na terça-feira em Lisboa, paralisar as actividades a partir do próximo dia 20, caso não se obtenha um acordo do patronato até ao dia 15.

As negociações com vista ao C.C.T., que prosseguiram na segunda e na terça-feira sem qualquer resultado, devem ser reatadas na próxima sexta-feira, com a resposta da Comissão negociadora patronal a uma contraproposta da Comissão sindical que abrange todos os pontos em litígio, prevendo salários inferiores aos inicialmente propostos.

Esta proposta sindical, apresentada na segunda-feira, não obteve resposta na reunião do dia seguinte, alegando o patronato que não teve tempo para a discutir. Prometendo a resposta para sexta-feira, os representantes dos patrões afirmaram que só muito dificilmente sairão da posição inicialmente assumida.

Cabe recordar a posição inicialmente assumida: aumentos salariais não superiores a 10 por cento, não havendo acordo quanto ao prazo de vigência do contrato, retroactividades, diuturnidades, regime complementar da previdência e processos disciplinares.

SANTARÉM PROPÕE NOVOS SALÁRIOS

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Santarém enviou à associação patronal respectiva uma proposta de revisão salarial do C.C.T., reivindicando aumentos na ordem dos 37 por cento, «margem considerada de acordo com a evolução do índice do custo de vida».

Abrangendo 1500 trabalhadores, os níveis de maior densidade (26,7 por cento) respeitam aos terceiros-caixeiros e terceiros-escriturários, que vencem actualmente 6500 escudos e para os quais se propõe 8500 escudos. O patronato deve dar resposta a esta proposta sindical até ao dia 20, nos termos do C.C.T. em vigor.

Por outro lado, em reuniões concelhias, os trabalhadores do comércio daquele distrito rejeitaram a aplicação do Decreto 49-A/77, limitativo dos aumentos salariais dos trabalhadores.

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE

TRIBUNAL CIVIL DA COMARCA DE LISBOA 1.ª Vara

ANÚNCIO

Pelo presente se faz público que nos autos de execução de sentença de condenação n.º 4968-F da 1.ª secção desta 1.ª Vara Cível, que o exequente Dr. Luiz de Carvalho e Oliveira, advogado, com escritório em Lisboa, move contra os Herdeiros Incertos de Alice Augusta May Totta e irmã Amélia Augusta May Totta de Sousa, residentes que foram nas Azenhas do Mar-Sintra, correm éditos de trinta dias, que se começarão a contar da 2.ª publicação deste anúncio, notificando o condómino Júlio Macedo, com última residência conhecida em Lisboa na Av.ª da Liberdade, n.º 128, de que, no processo identificado, foi ordenada a venda judicial do «direito indeviso a metade do prédio sito no lugar de Azenhas do Mar, freguesia de Colares, descrito na Conservatória do Registo Predial de Sintra, 1.ª Secção, sob o n.º 23721 do Livro B-58, a fls. 157.º verso,» podendo, querendo, exercer o direito de preferência nos termos do art.º 1409.º do Código Civil.

Lisboa, 31 de Março de 1977

O Juiz Corregedor Presidente

(António Poças)

O Escrivão de Direito

(Joaquim Alves Filipe)

Pub

A Juventude Escolar Católica (JEC) recordando o P.e Maximino e a M.e de Lurdes, seu assistente e militante, assassinados há 1 ano, celebra por eles a Eucaristia no início deste 3.º Período, na 5.ª feira, dia 14, pelas 19 horas na Capela do Rato (Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 - B).

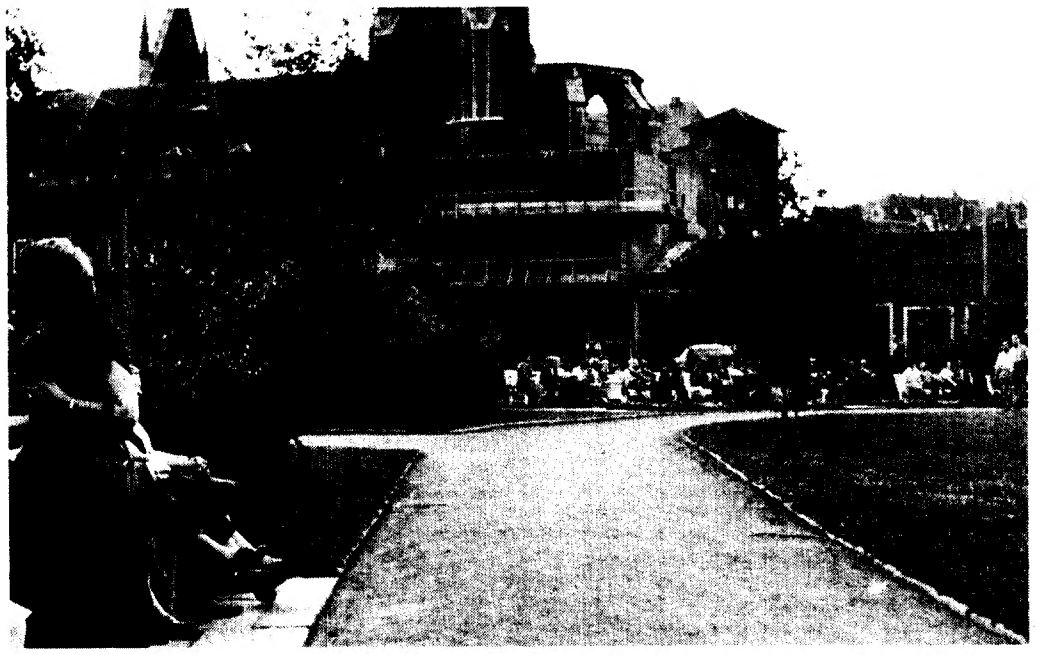
ALCATIFAS PLÁSTICAS ESTAMPADAS

Para revenda Lindas cores
com base de feltro 127$50 + 12% IT
com base de amianto 147$50 + 12% IT
Só vendemos rolos de 60 a 70 m2

José Barros Lda.
R. José Duro, 22-D Alvalade

O grande debate

PIERRE VIANSSON-PONTÉ



Defender a «zona verde» da cidade foi o programa que os ecologistas apresentaram para as últimas eleições para o Município de Paris: os «candidatos verdes», como se tornaram conhecidos, foram derrotados, mas o seu desafio ficou. Na imagem, os jardins de Notre-Dame, um dos «pulmões-verdes» da capital francesa, ameaçada pela poluição

Ainda não acabaram de se medir as consequências do lançamento eleitoral dos ecologistas. Alertadas e decididas a recuperar, daqui até ao próximo ano a clientela desses barulhentos recém-chegados, a maioria e a oposição vão rivalizar e insistir no tema do «verde». Nestas condições quem ousará impedir, proibir ou boicotar as manifestações que eles organizarem? Pelo contrário, todos se vão precipitar para elas, na esperança de ficar à frente do cortejo ou pelo menos, de atrair, e até neutralizar, os militantes e simpatizantes mais sensatos e politizados do movimento ecológico.

Ora tudo faz pensar que, com a chegada do bom tempo, as próximas reuniões, as demonstrações mais ardentes dos defensores incondicionais da natureza e do meio ambiente, terão por alvo as centrais nucleares.

A polémica sobre as centrais teve uma relativa acalmia desde o Outono passado. Ou melhor, ela só deu o lugar, durante seis meses que passaram, a acções limitadas e a debates locais, perdendo um pouco do seu carácter de controvérsia geral sobre os princípios e a finalidade, a necessidade ou a inutilidade, a inocuidade e os perigos da energia nuclear. A batalha vai voltar agora no terreno do «tudo ou nada» e do «em todo o caso, não aqui». Sem contar com os deputados locais, para mais amplamente renovados, e que vai ser necessário tentar conquistar, é o grande público quem vai ser, de novo, a parada e o árbitro desse combate.

Quem tem razão? Quem não a tem? Não procuramos dar aqui uma resposta categórica e definitiva a essa pergunta. Por duas razões: — Primeiro porque já houve a esse respeito, demasiadas opiniões categóricas e juízos definitivos num sentido ou no outro, todos cheios de argumentos aparentemente irrefutáveis e caucionados por homens de saber e de experiência, de igual competência e da mesma boa-fé. Chega-se pois a calcular que a escolha não é tão simples como isso.

Depois porque perante essas conclusões, todas formais mas perfeitamente opostas, sente-se um embaraço, uma confusão, digamos mesmo um mal-estar que acaba por obscurecer os dados do problema, impede de ouvir as demostrações e paralisa a reflexão. O caso já pertence e pode pertencer cada vez mais ao domínio da paixão e não da razão.

Escutemos os ecologistas. Entre eles, três graus na recusa.

Para os mais moderados, a «aposta» nuclear é demasiado arriscada, as incertezas demasiado grandes, as técnicas ainda mal exploradas, principalmente no que diz respeito ao tratamento dos resíduos radioactivos, para que a construção das centrais não deva ser imediatamente interrompida. Após inúmeros progressos e experiências mais aperfeiçoadas, se, na verdade, houver uma necessidade imperiosa, das centrais, poderá então reiniciar-se em bases sólidas a sua discussão, se não a sua construção.

A posição intermédia, entre essa altitude bastante aberta e o ponto extremo, consiste em exigir a paragem das operações em curso, no arrumar dos projectos e num considerável esforço de desenvolvimento das outras fontes «naturais» de energia. Embora reconhecendo que a energia é o sangue da prosperidade económica e o oxigénio de todo o progresso, acham que essa prosperidade e esse progresso não devem ser pagos por qualquer preço.

Por fim, os mais intransigentes vão até à recusa absoluta de toda a indústria nuclear. A energia vai faltar? Pois bem, passaremos sem ela e pronto. Acaba-se o carro «que mata e que polui», acabam-se as «cadências infernais» para produzir a todo o preço, haverá menos electricidade para nos aquecer, para nos iluminar, para nos dar mais conforto. Paciência. O gasto fantasticamente exagerado, as compras inúteis, a agitação destruidora, a procura indefinida de uma felicidade ilusória que nos foge, tudo isso será refreado, detido, e os homens reapreenderão a viver, a viver «de outra maneira».

Mas os defensores das centrais têm resposta para tudo. Perigosas as centrais nucleares? «O nível de risco produzido por cem centrais, é o nível de risco do meteoro que cai num campo de futebol», disse há dias Pecqueur, adjunto do administrador-geral do Comissariado da energia atómica. O debate? Mas houve-o no parlamento perante as instâncias regionais e locais, em toda a França. O preço? Dez vezes inferior ao da energia petrolífera, paga em divisas. Não vão objectar que os Estados Unidos, depois da Grã Bretanha, acabam de abandonar o seu programa de supergeradoras, e que a França com Fénix e amanhã com Super-Fénix, e o único país a desenvolver este sistema.

Estamos no centro do debate.

Os ecologistas, é certo, não falam com grande precisão, confundem até as explosões atómicas experimentais com as centrais nucleares. Eles cultivam o apriorismo e vão até ao fim das coisas. Exageram frequentemente e falam de numerosos acidentes e de dezenas de mortes que teriam ocorrido nas centrais e que seriam escondidos «por razões de Estado». Mas os seus adversários procedem do mesmo modo, fazendo afirmações dogmáticas e lançando anátemas.

Durante um colóquio recente ouviram-se, entre outras coisas, as conclusões de um inquérito feito em Julho de 75. Um francês em dois pensa que há acidentes graves nas centrais, que esses acidentes são escondidos, e gostaria de ser tranquilizado. Esta certeza está presente no público mal informado, de modo incompleto, confesso e pouco tranquilizador.

Os ecologistas vão talvez demasiado longe e vão, sem dúvida, demasiado desconfiados e intransigentes. Mas enquanto o povo for tratado como se fosse uma criança, enquanto lhe dizem que tudo o que se faz é para seu bem e que deve portanto obedecer, calar-se e aceitar sem discussão as decisões «dos que devem saber», não deve causar espanto ver a onda dos manifestantes mobilizados contra as centrais nucleares.

Na madrugada de um ano febrilmente eleitoral, nos primeiros dias de uma Primavera em que a ecologia pode florir mais depressa que as cerejeiras de Maio, não serve de nada repetir que houve debate e que ele já terminou. É preciso abri-lo — ou reabri-lo, pouco importa — aos que têm perguntas a fazer, preocupações que querem ver explicadas. É preciso que o monólogo satisfeito e peremptório ceda por fim lugar ao diálogo.

©(Le Monde»)

EXTRA

a palavra da unidade

Agora, todos os sábados,
um novo semanário para o homem novo.
Um jornal progressista que se preocupa
com os problemas concretos,
nomeadamente os económicos e do trabalho.
Um esforço unitário
no combate pela actualidade,
pela verdade
e pela dignidade da informação.

todos os sábados
A REALIDADE DE TODOS OS DIAS

CDL
a distribuição

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

LINHA DE CASCAIS

AVISO

Para execução de trabalhos de reparação da ponte de Caxias, durante cerca de 20 noites, excepto as de sábado para domingo e de domingo para segunda, a circulação de comboios, das 22 às 5 horas no troço Caxias-Paço de Arcos, far-se-á apenas por uma das vias com os atrasos daí resultantes.

Estes trabalhos terão início na noite de 4 para 5 (2.ª para 3.ª).

Lisboa, 1 de Abril de 1977

O vento da mudança

ANDRÉ FONTAINE

Mas onde está a Europa de outros tempos? A morosidade da «Cimeira» destinada a celebrar, no local da sua assinatura, o vigésimo aniversário dos tratados de Roma, era tanto mais impressionante quanto acabou por registar em vários pontos — diálogo Norte-Sul, auxílio à siderurgia, auxílio às mulheres e aos jovens — resultados francamente mais concretos do que as reuniões precedentes. Para além da própria instituição, não convirá antes, incriminar a crise multiforme que fere a maioria dos seus membros?

Dois dos chefes de Estado ou do Governo presentes no Capitólio, Tindemans (Bélgica) e Den Uyl (Países Baixos), dirigiam gabinetes demissionários e esperavam pelo veredicto das urnas daí a poucas semanas. Callaghan só ficou a dever o facto de ter posto em xeque, quarenta e oito horas antes, uma moção de censura dos conservadores, ao apoio onerosamente pago dos liberais, muito surpreendidos por os seus votos terem sido finalmente necessários. Helmut Schmidt, que ganhara à recta as eleições legislativas de Outubro de 1976, acabava de saber que, pela primeira vez desde a criação da República Federal, os cristãos-democratas tinham ganho as eleições municipais em Francfort, bastião tradicional da social-democracia, e na Land de Hesse.

O gabinete minoritário de Andreotti só sobrevivia, no meio de um oceano de escolhos, graças à abstenção dos comunistas, hostis a toda e qualquer aventura. Giscard d'Estaing acabava de ser colocado numa situação crítica pela esquerda e pelo R.P.R., e ia pôr fim ao primeiro Governo Barre. Só os presidentes do conselho irlandês e luxemburguês é que se sentiam bem. Quanto ao seu colega dinamarquês, esse tinha que se satisfazer conduzindo uma equipa sempre minoritária é certo, mas em todo o caso não tanto como antes das eleições de Fevereiro último.

A falar verdade, o mau humor e a instabilidade não são privilégio dos países da C.E.E. Em toda a parte, ou quase, as eleições mais recentes fizeram surgir um autêntico desejo de mudança. A 19 de Setembro, na Suécia, a social-democracia foi expulsa de um poder que detinha há quarenta anos. Nos Estados Unidos, a 2 de Novembro, o candidato da moralidade foi preferido ao da continuidade e do conservadorismo.

No Québec, a 15 de Novembro, o partido independentista afastou os liberais de Bourassa. No Japão, a 5 de Dezembro, o Partido Liberal Democrata, que governa o país desde 1945, recuou muito. **Last but not least**, a senhora Gandhi foi posta de parte há semanas pelo povo soberano a quem dera imprudentemente a palavra. Quanto a Bhutto, se ganhou as eleições que quase ao mesmo tempo se realizavam no Paquistão, os seus adversários afirmam que isso só aconteceu por ele não ter tido grande respeito pelas liberdades fundamentais: assim, os chefes da oposição estão hoje presos, ao mesmo tempo que os acidentes violentos se multiplicam.

A Leste, e na maioria dos Estados do Terceiro Mundo, só se vota para aprovar. Mas a agitação que há um ano se tem produzido em países tão diversos como a China, a Polónia, o Egipto, a Tailândia ou a Argentina, para não falar do Chile ou do Cambodja, leva-nos a perguntar por quem se pronunciariam os cidadãos se lhes dessem a possibilidade de se exprimir livremente.

DESCONTENTAMENTO GERAL

Seria surpreendente que um descontentamento tão geral não tivesse causas igualmente gerais. É o Mundo inteiro, aliás, que atravessa actualmente uma crise, e nenhum Estado pode gabar-se de lhe escapar totalmente. A instabilidade monetária, a borrasca que periodicamente se sente no valor das matérias-primas, a inflação, afectam, tanto os países em vias de desenvolvimento como as nações industrializadas. Os seus efeitos nem mesmo poupam os países socialistas, levados por necessidades tanto políticas como económicas a aumentar consideravelmente o seu comércio com o Ocidente e que não sabem muito bem o que fazer com a repercussão que as flutuações erráticas dos preços do mercado internacional têm nas suas economias integralmente planificadas.

Em toda a parte ou quase em toda a parte o dinheiro gasto com o armamento dá origem a um levantamento exageradamente grande nos orçamentos nacionais. O desemprego diz respeito a dezasseis milhões de habitantes do mundo capitalista (quase seis milhões nos países da C.E.E.), e nenhuma estatística permite avaliar a coorte dos desempregados do Terceiro Mundo.

Destroem-se excedentes alimentares, desperdiça-se a água, a energia, os metais, enquanto milhões de seres humanos morrem todos os anos de fome. Os capitais afluem à Suissa ou refugiam-se em colocações puramente especulativas, enquanto que a recessão ataca a economia. E a extensão dos «medias» torna mais cruel do que nunca o contraste entre as condições de vida dos ricos e dos pobres, quer se trate de povos ou de indivíduos.

«Os povos gostam de mudar de senhores julgando encontrar melhor», já dizia Maquiavel. Como pedir aos eleitores que confiem de novo naqueles que conduziram o Mundo para aquilo que ele é hoje? Como havemos de nos admirar com o facto de a crise económica ser acompanhada, em toda a parte, por uma nova discussão dos valores e das ideias feitas? É significativo que nos países onde a direita está no poder, o vento sopre para a esquerda, e vice-versa. Na verdade, sociais-democratas ou conservadores, os Governos dos Estados capitalistas não conseguiram combater o desemprego sem criar a inflação, nem a inflação sem agravar o desemprego. Felizes ainda são os que não sofrem ao mesmo tempo recesão e inflação, aqueles em que o «stop and go» não vai dar à «stagflation».

Visto o mal ser universal, seria, de certo modo, aberrante pensar que aqui ou além poderão encontrar-se remédios puramente nacionais. Claro que os Governos de cada Estado não podem deixar de agir a fim de tratar das coisas mais urgentes, principalmente, que a aceleração da inflação não vá ferir a nação na sua própria substância. Mas como fazê-lo sem exportar para os vizinhos, não só, como é normal, o máximo de mercadoria, mas ainda a maior parte possível da inflação do país do seu desemprego, do seu déficee comercial? Não se pode melhorar a posição na selva contemporânea, a não ser à custa dos outros.

O recurso ao proteccionismo constitue, nestas condições, uma tendência natural, à qual aqui e além se sucumbe por vezes. Só impondo uma economia de caserna, seria, porém possível arranjar uma solução para países tão dependentes como os nossos, da importação de matérias-primas e, principalmente, de energia e das suas exportações de produtos agrícolas ou outros.

O caso da República Federal Alemã mostra bem os limites de uma acção puramente nacional. Ela era citada como exemplo de uma sã gestão em período de crise. Hoje, o chanceler Schmidt perdeu muito da sua soberba. Um milhão e cem mildesempregados, apesar da saída do país de quatrocentos mil trabalhadores turcos e jugoslavos; um secretário-geral do D.G.B., central sindical adepta da cogestão, que declara que, se o sistema capitalista não consegue solucionar o problema do emprego, será necessário procurar outra coisa; um militante de extrema-esquerda eleito para a chefia das juventudes do Partido Social-Democrata.

Quanto ao primeiro-ministro francês, Barre, apesar da sua tenacidade, já lendária, e da prioridade legitimamente dada por ele à defesa do franco e à luta contra a inflação, é o primeiro a reconhecer que serão necessários «anos» para endireitar a economia, denunciar as palavras dos que pretendem o contrário, e admitir que há na conjuntura mundial muitos factores de instabilidade nos quais não tem influência.

O esgotamento dos investimentos, o marasmo da Bolsa e da construção, a automatização, a chegada ao mercado de crescentes quantidades de artigos baratos fabricados na Ásia, a diferença, que não deixa de aumentar entre os meios das multinacionais e os de uma Europa atomizada, têm todas as possibilidades de vir a aumentar ainda mais o desemprego. Esperar do livre jogo das leis do mercado, que este traga o pleno emprego, só pode ser, nestas condições, candura ou dogmatismo. Claro que se pode imaginar o envio da maioria dos trabalhadores imigrados para os seus países de origem. Mas claro que os franceses não estariam necessariamente dispostos a cumprir as tarefas que esses trabalhadores assumem actualmente. Uma tal decisão teria, de resto, repercussão imediata no nível de consumo da metrópole, e portanto, na produção industrial e agrícola da França, assim como na utilização dos serviços. E haveria ainda a contar com as reacções da opinião pública e as dos Governos dos países interessados, que poderiam exercer represálias.

Também podemos encarar a hipótese de viver com o desemprego como se vive com o reumatismo. Mas, não só a Constituição reconheceu o direito ao trabalho, cuja existência está profundamente enraizada nas mentalidades como é preciso medir a amplidão do fracasso que representa para a colectividade nacional o facto de fazer com que alguns trabalhem mais para que, em todo o caso, possam subsistir aqueles a quem não se conseguiu fornecer um emprego. Como impedir os não-admitidos ao trabalho e, sobre tudo, os que têm um diploma, de se bater por outra ordem social? O desemprego intelectual tem sido, desde sempre, um dos melhores aguilhões da contestação, para não dizer das revoluções.

Ainda se pode sonhar com outro tipo de sociedade, que voltasse as costas ao crescimento, às coisas prejudiciais, em suma, à cidade. Em quase todos os países desenvolvidos há uma corrente neste sentido. Era a versão libertária (regresso à terra prometida), pregada pelos bem-pensantes em vesperas da Segunda Guerra Mundial: «A terra, essa não mente», dizia Pétain. Ela venceu o programa nuclear do Governo Palme, na Suécia, e, na mesma altura, o próprio Governo. Conseguiu a nova discussão dos projectos dos super-regeneradores americanos. Bloqueou a construção de centrais nucleares nos Estados Unidos. Expôs-se, porém, a censura, recentemente feita pelo **Economist**, de Londres, de deixar o campo livre às ambições dos regimes totalitários, tanto de direita como de esquerda, que seguem em frente sem se preocuparem com a opinião pública; e também à de não contribuir para a solução do problema dominante do último quarto de século: uma melhor distribuição das riquezas da humanidade, e isso não só entre os povos ricos e os pobres mas também entre os cidadãos que têm tudo e os que não possuem grande coisa, e ainda entre o que pode consumir-se imediatamente e que é necessário pôr de parte para o futuro, se não quisermos expor-nos a penúrias maiores dentro de alguns anos.

UMA ACÇÃO DECISIVA

Corre cada vez mais a ideia de que para assegurar essa melhor repartição, é necessária uma acção decisiva que só um poder menos ligado ao dinheiro podia pôr em acção. É este o objectivo do programa comum da esquerda, cujos adeptos têm vindo a ganhar votos desde 1973, em todas as eleições em que têm entrado. Mas Serge-Christopher Kolm não deixa de ter razão no seu recente livro sobre a transição **socialista**, quando insiste, à luz do duplo fracasso chileno e português, nos obstáculos que uma tal tentativa pode encontrar, sobretudo em período de crise económica.

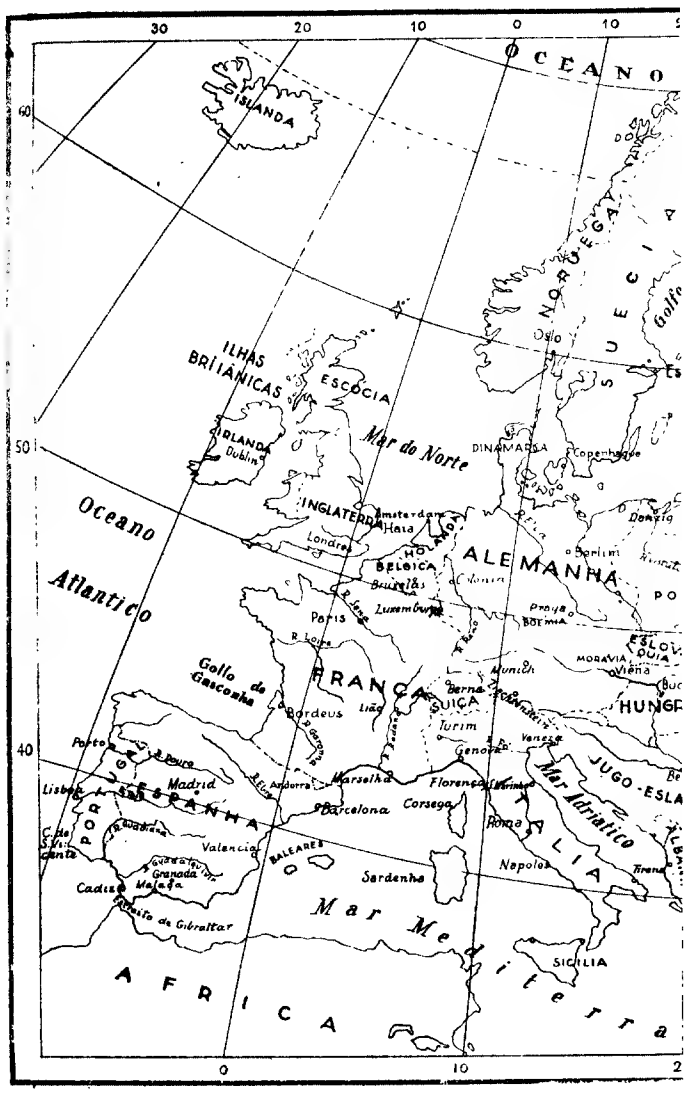
Se a esquerda quiser evitar ver confirmada a regra do «nunca há dois sem três», deverá meditar muito nas lições dessas duas experiências. Para isso é preciso que ela se persuada, e persuada os seus partidários, de que o seu êxito está ligado ao de uma abertura para o Mundo. Relançar o consumo é decerto a melhor maneira de relançar a produção. Mas esse relanço pode conduzir ao agravamento da deterioração da balança comercial em consequência do aumento automático das importações, principalmente da energia.

Os consumidores potenciais existem, naturalmente, nas camadas mais desfavorecidas da população dos nossos países, mas existem também, desta vez às dezenas, às centenas de milhões, nos países do Terceiro Mundo. Eles precisam de produtos alimentícios, de matérias-primas, de capitais, de tecnologia, numa palavra, de tudo, e, antes de mais, para poderem ter tudo isso, precisam de poder de compra. Houve uma situação análoga na Europa, esquecemo-lo demasiado depressa, logo após a Segunda Guerra Mundial. O jogo económico parecia então impossível, na medida em que os americanos tinham rapidamente apanhado, devido à guerra, todas as reservas de divisas e metal precioso do planeta. O economista Jacques Gascuel comparava essa situação à dos parceiros de um jogo de sociedade em que um dos jogadores fica com «todos os feijões». Para continuar a jogar é necessário que o jogador que ganhou volte a distribuir os feijões. Ele explicava assim o plano Marshall, graças ao qual a Europa e o Japão puderam não só reconstruir as suas ruinas como conhecer um período de fantástico crescimento económico.

Infelizmente, uma tal política nunca foi muito utilizada para com o Terceiro Mundo. O ponto 4 de Truman, a mais audaciosa iniciativa americana neste campo, era uma gota de água no oceano. Quanto ao objectivo de 0,7 por cento do produto nacional bruto dos países industrializados, o mínimo consentido como ajuda ao Terceiro Mundo, nunca foi praticamente respeitado. Actualmente, os dezasseis países mais industrializados não dão, no total, mais de 9 biliões de dólares por ano, aos países em vias de desenvolvimento, enquanto que 300 biliões são gastos na corrida ao armamento.

Um tal programa exige que se sacrifique um pouco de presente ao futuro, um pouco de conforto à fraternidade humana, um pouco de rotina à audácia.

© (LE MONDE)



A Europa, após o enorme esforço do após-guerra, volta a ser apanhada nas grandes vagas da recessão economica: uma ameaça que, em parte, é estranha ao continente, mas de que lhe sofre as consequências.

PUB

PRECISA-SE

Pessoa dinâmica, com qualidade de chefia

e alguns conhecimentos de serviços administrativos.

Lugar a preencher em COIMBRA de empresa com sede em Lisboa.

Resposta a este jornal ao n.º 3815

"Ó Regadas, mas como é?"

Cont da pág IV

malta nossa, não foi?

(Agente) — Foi o Teixeira. E antes aparece o tal gajo, o tal que eu já tinha perguntado se costumava estar com vocês?

— Ah, não... Sem querer omitir uma de menor importância. Se às vezes se lembrar! Mas estou convencido que as de mais importância... todas não me esqueci.

(Agente) — Deve ser daqueles que foram a uma e que se cagaram e fugiram

— E, é. Coisa assim no género...

(Agente) — Gajos de massa que contribuiam, lembra-se de alguns?

— Que me tenham dado a mim pessoalmente, não. Era a malta à volta do Ferreira Torres. Havia um tal... como é que se chamava o gajo...

— Tudo aqui do Norte?

— Sim, tudo aqui do Norte. Havia um indivíduo de Valongo, dos pneus, que era... como é que se chamava ao homem... um tipo porreiro. Que esse dava ao Ferreira Torres! Esse aliás era uma das vítimas do Ferreira Torres, que ele uma vez até se esteve a queixar a mim e muitas pessoas. O Ferreira Torres recebia dinheiro de toda a gente. Era um ricaço! Inclusivé fazia reuniões e «é preciso tanto, é preciso tanto». E pronto. E por exemplo vendia automóveis e dizia «vocês compram os dólares mais caros, porque são do MDLP»... O MDLP tem dinheiro que até chateia!

· — Aquelas bombas de Braga... Houve aquela reunião previa de que você me falou... E entrou muita gente naquilo? Foi tanta bomba por todo o lado, que foi muita gente!...

— Foi muita gente. Foi muita gente que eu até já nem me recordo quem era. Tantas bombas...

— Então não eram só vocês os três! Não queiram arcar com as responsabilidades todas!

· — Ah, não, de maneira nenhuma... Não, de maneira nenhuma.

— Então mas quem é que foi mais?

· — Sei lá. Foi muita malta ligada o MDLP que eu agora... quer dizer... Aquilo era tanta malta... e foi nos inícios em que eu fui integrado no MDLP que eu... Era muita malta! Era o Pedro do MDLP, eu sei lá... Uns capitães quaisquer, eram uns tenentes, era muita malta!...

(agente) — Capitães e tenentes?!

· — Pois intitulavam-se de capitães e tenentes...

— Não sabe o nome de nenhum não?

· — Não... O Teixeira e o Manel sabem essas coisas todas...

— Eles sabem nomes, não é?

· — Sabem os nomes... Eles sabem O Teixeira e o Manel sabem muito mais do MDLP que eu mesmo. Eu fui para o MDLP através do Ferreira Torres. E o Teixeira e o Manel, por exemplo, não sabem nada do Ferreira Torres. Sabem através de...

— Qual é a actividade que você conhece do Gonçalo Goncalves Martins?

· — O Gonçalo foi-me apresentado uma vez pelo tal Tó Zé, que é o Silva Santos, na Confeitaria Cunha. Eu penso que... Que é um indivíduo muito chaninha, quer-se meter em tudo, em todos, arvorar-se em comandante de tudo e de todos. Foi-me apresentado por esse To Zé, que também lhe foi apresentado, eu soube posteriormente, por outra pessoa, não sei, uma ligação qualquer, e... Sabia que ele é que arranjava cargas plásticas e que tinha bastantes interesses materiais. E soube uma vez que ele tinha uns conhecimentos que mais tarde, também posteriormente, vim a saber,... Eu uma vez estava em Ponte de Lima e ele estava lá a falar com uns indivíduos... Que se intitulavam FNLA, ou não sei quê, mercenários do FNLA ou da UNITA ou coisa assim!!... Que julgo que foram esses indivíduos que estiveram relacionados com o roubo da Standard Electric, ou coisa assim parecida. Esses indivíduos, no dia em que eu os encontrei, o Gonçalo até me pediu para eu preparar um explosivo, que esses dois indivíduos, eu falei com eles dois ou três minutos só, diziam-se capazes de destruir completamente a sede do Partido Comunista, em Viana do Castelo, e depois parece que a única coisa que fizeram, eu vim a saber através dos jornais, foi chegar ao meio da rua e atiraram aquilo para lá, e estragaram tudo menos a sede do Partido Comunista. Partiram vidros por todos os lados, e na sede do Partido Comunista parece que nem um vidro ficou partido (ri-se)! Esses dois parvalhões, quer dizer, se os vir agora sou capaz de os reconhecer. Cabeludos... Muito armados em não sei quê! Soube que o Gonçalo, depois, estava ligado muito ao tal Manuel Macedo, que era... E esse Manuel Macedo, por sua vez muito ligado também a esse tal Ferreira Torres. Enfim, uns jogos de interesses muito confuso que nunca percebi, talvez moeda!, negócio de moeda ou negócio de ouro! Aquilo era... Esse tal Manel Macedo era um tal gajo que inclusive me aliciou, coisa que eu me recusei, porque quer dizer, uma coisa era uma coisa, outra coisa era outra, não é? E recusei-me, e até digo-lhe honestamente, até não via que a recompensa fosse realmente válida, que era o caso de eu ir incendiar uma casa que ele tinha em Lisboa, e tal, para ele receber o seguro. O senhor mostrou-se uma pessoa bastante depois chata e tal, porque queria que eu lhe fizesse sempre, queria que eu servisse para tudo, e eu não estava para isso. Aquelas vinganzinhas pessoais começaram a chatear-me e eu não estava para...., não estava para... Também, e com toda a franqueza, nem sequer era compensador. Eu... eu dava-me uma certa... dava-me a sensação que houve uma certa altura eu me sentia... eu me sentia manietado por essa malta e até tenho um facto bastante interessante para lhes contar.

QUISERAM MANDAR-ME PARA ESPANHA

Há bem pouco tempo aqui há cerca de um mês e qualquer coisa, o Regadas chegou à minha beira e disse: «Oh, Ramiro, olhe que o Ferreira Torres quer que você se pire daqui para fora.» E eu: «Mas a que propósito?» — «Bem, parece que ainda aí qualquer coisa a Polícia Judiciária Militar e não sei que mais, e isto e aquilo, e eu tenho de lhe dar dez contos para você ir». Andava completamente teso, completamente teso. E o Regadas sabia isso. «Dou-lhe dez contos e você vai ali para Espanha, e o carago, para Frim, para Frim, lá para uma pensãozeca. Você aguenta ali uns dias.. » Eu tinha muita confiança com o Regadas, e disse-lhe assim: «Oh Regadas! Você é meu amigo ou não é meu amigo?» O Regadas ficou... O Regadas sempre tinha assim um bocado de respeito por mim. Sabia que eu não era para brincadeiras no aspecto de... Não era respeito, era admiração. E, quer dizer, podia ter falado mal, mas no fundo tinha... tinha, quer dizer... Zelava pelos interesses dele, mas está bem. Não quer dizer que não zelasse pelos meus interesses, não quer dizer que não tivesse... Enfim, tem certas culpas no cartório, e nunca foi... nunca foi muito da linha do Ferreira Torres. Nunca foi, antes pelo contrário. E eu disse: «Oh Regadas, vocês estão-me a foder! Claro, o Ferreira Torres está-me a foder! Então o Ferreira Torres quer-me mandar assim para Frim com dez contos!!... Então, se quisesse despachar-me daqui para fora dava-me uma boa maquia, mandava-me para o Brasil. O que é que é que você diz? Diga-me como amigo o que é que você pensa da situação?» O Regadas pensa daqui, pensa dacolá!... «O Ferreira Torres é um filho da puta!... É um filha da puta, e tal!» E eu disse ao Regadas: «Ele não me quererá mandar desta para melhor, apanhar-me do lado de lá e «truca»?!»

UM «PIDE» BUFOU...

Eu sabia, nunca tive a certeza,... Constou-me que um pide bufou e eles deram cabo do pide. Nunca tive a certeza, mas deu-me a sensação. Ouvi muita conversa sobre isso. Um pide, uma vez, deu duas bufadelas do que se passava e não passava, ligado ao MDLP, e o pide desapareceu. O certo é que eu nunca mais ouvi falar no gajo! Também não sei exactamente o nome dele. E eu disse ao Regadas, e ele: «Aquele gajo é um filho da puta! E tal... Olhe, você faça o que quiser, que eu faria o mesmo...» Até pedi o conselho desse Tó Zé, que era uma pessoa que estava, embora nunca fosse activo nestas histórias todas, nunca, limitava-me pura e simplesmente... Porque esse é uma pessoa minha amiga e mostrou-se sempre... Eu fui sempre recebido em casa dele com coisa... E era uma pessoa que sente bastante, e achava certos exageros em certas coisas... E até esse Tó Zé disse: «Oh caralho, esse filho da puta desse Ferreira Torres, e tal!!! Você se quiser eu vou falar lá com ele. «Porque era um tipo que, quer dizer, tinha assim um certo interesse... O tipo tem dois miúdos pequenos, sabe que eu tenho um miúdo e tenho poucas possibilidades. Ele é empregado na Mabor, ganha o seu ordenado, a sogra é rica, e ele anda ali assim enconstado. Mas é um tipo da extrema-direita, e tal, e que gosta de ver os comunistas a andar para aí de qualquer das maneiras. O que é nunca tomou parte activa em nada, nem nunca houve assim, nunca fez parte de nada... Tinha uns conhecimentos, e tal, apresentava este, apresentava aquele, de vez em quando dizia: «Ah, e tal, um amigo meu, falei-lhe em si.. Você seu revolucionário do diabo! O gajo deu quinhentos paus, ou um conto de reis!» E de vez em quando... Se calhar isso até nem era verdade, era ele é que queria dar. E para não ser ele a dizer que dava, ou coisa assim no género, arranjava e inventava um outro, um outro amigo dele. E.... quer dizer, estávamos a falar era do Gonçalo, a continuar a falar do Gonçalo. Eu conheci o Gonçalo assim, não é?! E depois o Gonçalo, enfim, aparecia em todas as coisinhas, aparecia aqui... Ah, eu estava era a falar na tal saída. Que baralhação!!! E depois, claro, o Tó Zé foi falar com o Ferreira Torres. Conhecia o Ferreira Torres através do tal indivíduo dos pneus de Valongo, que era um gajo porreiro. Também não estava nada envolvido. Que foi lixado pelo Ferreira Torres, porque lhe vendeu dólares muito caros e ele comprou...

«ESTES CAPITALISTAS»...

Que eu agora não me recordo o nome do homem, e o Tó Zé sempre foi contra o Ferreira Torres: «Esse gajo é um explorador! Você vai levado na onda. O Ferreira Torres é um filho da puta! Só quer... Estes gajos, estes capitalistas só querem é o bem-estar deles! Eles não querem nada a democracia!» E de certo modo até criticava certas acções de... que se faziam. E foi falar com o Ferreira Torres. E: «O Senhor quer que o rapaz vá daqui para fora, e tal, mas é preciso que... descoser-se. O senhor mete o rapaz nas alhadas e ...» Eu tenho a impressão, tenho a certeza absoluta, que ele teve essa conversa. Ele e o Regadas com o Ferreira Torres. O Ferreira Torres ficou assim um bocado. «Bem, e tal, é só uns dias, para coisa... » Mas viu-se muito pressionado. «Bem, se ele não quiser ir não vai, e tal. Se ele não quiser ir não vai... Bem eu podia-o mandar para o Brasil, e tal. Vocês falem com ele a ver se ele vai para o Brasil ou se não vai para o Brasil!» Mas, entretanto, eu, sim senhor, disse que ia. E ele ficou de telefonar ao Tó Zé, ao Silva Santos, que é Tó Zé ou Silva Santos, é a mesma coisa, ou ao Regadas, para dar as massas para eu me pirar para o Brasil. Mas nunca mais falou na situação!

E enttretanto começou, eu comecei-me a sentir perseguido pelo Polícia Judiciária. E disse ao Regadas: «Oh, Regadas, então como é!?... Isto, a Polícia Judiciária atrás de mim?!?!» — «Bem, e tal, e tal...», E eu disse: «Mas o que é que eu hei-de fazer?» E ele aconselhou-me: «Convém não ter nada lá em casa, material nenhum lá em casa...» E eu disse: «Mas, oh pá! mas eu quero saber da minha situação!...» — «Bem, Ramiro, não sei de nada. É muito perigoso um gajo meter-se numas certas coisas!» Fugiu um bocadinho com o rabo à seringa. Nem lá vou nem faço míngua. Nem a dizer que sim, nem a dizer que não! A dizer que sim do género «desenrrasca-te, desenrrasca-te, desenrrasca-te!» E, até hoje! Até que na verdade ontem, anteontem de manhã, foram lá três senhores a minha casa e eu antes que eles me virassem a casa do avesso, dei-lhes tudo. Não lhes dei os detonadores por... por falta de esquecimento. Senão..., foi a única coisa assim mais..., mais agressiva que faltou. Do resto, lembrei-me. Só me lembrei posteriormente dos detonadores. E depois disse-lhes logo.

— Mas o Gonçalo fazia reuniões em casa dele?

· — O Gonçalo continua a ser... Os senhores continuam-me a perguntar... O Gonçalo tinha realmente..., era visitado por muita gente. Eu tenho a impressão que o primeiro contacto que o Gonçalo teve foi através do ELP. Ele aliás, intitulava-se mesmo agente do ELP. Ele intitulava-se chefe não sei de quê do departamento qualquer do ELP. Com ligação com um indivíduo que havia em Valença, com quem eu falei uma vez, com o Gonçalo. O Gonçalo foi lá, e ele tinha lá umas cargas plásticas, ainda daquelas mesmo que eram fornecidas pelo ELP, que eram daquelas maiores, daquelas grandes, pretas, das de dois quilos e meio. E eu fui lá com o Gonçalo. E falei lá com um senhor qualquer que agora não me recordo, lá em Valneça. Só uma vez e muito pouco tempo. Esse indivíduo era um indivíduo para poucas falas. E até parece que ficou chateado por o Gonçalo me levar lá... Ainda nessa altura, muito logo no início que eu conheci o Gonçalo. E o Gonçalo, não há dúvida nenhuma, que tinha muitas ligações. Eu nunca cheguei a perceber a vida do Gonçalo. Nunca cheguei, francamente. Arranjava umas armas, e andava sempre com umas pistolas, e daqui e dacolá... Pistolas para aqui, pistolas para acolá, tudo sempre muito coiso, mas activamente, activamente, assim em qualquer atentado, pelo menos comigo, pelo menos comigo (ri-se), nunca entrou. Pelo menos comigo esse senhor nunca...

— Oiça, aquela bomba na Associação de Amizade em Lisboa, Portugal-Moçambique, não foram vocês?

· — Não, não senhor.

— E esta última agora, na Associação de Amizade Portugal-República Democrática?

· — Também já não fiz parte disso.

— E na DETA? Também não?

· — Também não fiz parte disso.

— E não tem ideia nenhuma?!

· — Não faço ideia. Até fiquei de certo modo, fiquei de certo modo espantado quando elas começaram a surgir. Entretanto, entretanto, acredite: a última que eu fiz foi a da Vialonga. E já digo-lhe, foi mesmo porque estava miseravelmente à espera que me dessem qualquer coisa. Porque a partir do atentado de....., da coisa, eu assim coisas... Lá mandava um carrito ao ar, ou coisa assim, mas coisas que já incluam uns certos riscos e uma série de merdas, eu, eu... Inclusive disseram-me que... Eu não acredito, quer dizer, e até esta coisa não... que havia todo o interesse... Que o general Eanes talvez tivesse interesse, talvez tivesse interesse que realmente se fizesse a coisa da Vialonga muito bem feita, para ele poder tomar uma titude. Eu não acredito! Isso talvez... foi, foi uma boca que fosse lançada. Eu também não acredito. E até quem me disse, nem foi o Ferreira Torres. Nem foi o Ferreira Torres. Nem foi o Ferreira Torres. Aliás, essa já foi feita, essa já foi feita, embora o Ferreira Torres soubesse muito bem que ela se ia fazer, foi mais pressionada pelo Regadas. Porque eu depois desliguei-me. Quando o Ferreira Torres.. Porque essa da Vialonga foi muito próxima, foi há meia dúzia de dias, quando eu me desliguei... quando o Ferreira Torres queria mandar-me para o Brasil e finalmente, e finalmente..., eu desliguei. E essa Vialonga era uma que já estava preparada já quando... Foi logo preparada mal o general Eanes foi eleito, e tal. Não sei quem é que teve a ideia, francamente não sei quem é que teve a ideia. E, claro, foi-me sugerida a ideia e eu disse: «Está bem!»

· — Mas quem é que, então, quem é que o mandou fazer esse trabalho?

· — Esse trabalho foi, quer dizer, o Regadas disse: «E tal, era preciso fazer qualquer coisa à entrada de Lisboa, e tal, e coisa.. Cortar a luz àqueles gajos. Gerar lá um bocado de confusão... » foi até uma conversa mais assim entre mim e o Rego, o chamado Rego. Eu quando estava teso tratava-o por «Rego»! Mas eu não sei bem de onde é que a coisa nasceu. Eu já lhe disse, eu estava saturado, estava mesmo!... Não sei, eu pressentia qualquer coisa... E, sobretudo, via que começava a ter sérias dificuldades financeiras e que ninguém me ligava «puto», a ponto de eu pessoalmente me encher de coragem e ir ter com o senhor comendador Abílio de Oliveira lá a casa dele, na Póvoa, e dizer-lhe assim: «Oh meu amigo, você, ou passa para cá umas pastas... (Porque nós precisamos de dinheiro, a rapaziada precisa de dinheiro...) ou... Bolas, caramba!» Não o ameacei. Mas disse-lhe: «O senhor prometeu, dá. Dá! «Ele disse: «Está bem! E tal. Então eu vou arranjar algum dinheiro. «E ficou de arranjar, e ficou inclusive de o entregar ao Regadas, que eu até hoje não sei se ele entregou ou não entregou. Tenho a certeza absoluta que o comendador disse que entregava e entregava mesmo. Mas entretanto... E devia tê-lo entregue exactamente no dia em que eu vim cá parar, que é o dia que tinha ficado combinado. Ele ia para a «Mantex», que ele vem sempre à sexta-feira à «Mantex», vem sempre à sexta-feira à Mantex..., e por isso... Ele ficou combinado telefonar-lhe para ele ir lá receber a massa. Que ele não queria que eu aparecesse. A coisa ficou assim combinada, e eu não tinha dúvidas nenhumas que isso ia acontecer. Porque era uma massa que me ia fazer um jeito... Embora eu não a recebesse toda, ia receber pelo menos metade. E alguma dessa massa ia distribuir pelo menos ao Manel, porque o Teixeira já não fez parte desse assunto, e aos outros dois rapazes que foram, são rapazes bem instalados na vida e que não actuaram. E também não precisavam das nossas esmolas para nada. Foram por carolice, e chegaram lá... Eles quando se viram embrulhados em semelhante coisa...

— E diga lá: e esses dois rapazes foram como? Foi você que os convidou?

· — Fui eu, fui eu que os convidei. Eu pessoalmente.

— Porque já os conhecia?

Sim, conhecia-os. O quê eram... Por exemplo: um era do género daquele rapaz, o Décio, que era um colega que tinha sido alferes aqui no Quartel General, e eu uma vez quando fui ao Quartel General, por causa do «Povo Acusa», conheci lá esse rapaz e conheci o Décio. E sabia que eles perfilhavam até porque o Décio é sobrinho dum senhor meu amigo, um tal Sotto Mayor que não está ligado a nada disto

Esse quem é?

· — Sotto Mayor... José Sotto Mayor.

Tem-me dado possibilidade de eu lhe angariar umas obras. Tenho sido mais ou menos empregado dele, a vender uns papéis pintados. Ele tem um estabelecimento que é representante da marca «Clark». Porque eu ultimamente tenho dito mesmo que andar da perna, porque senão.. Tenho-me visto quer dizer tenho-me visto de sesperado a ponto de estar na disposição de começar a enveredar por caminho de disparates. Primeiro, não se arranja emprego com facilidade, e depois eu tenho que resolver os meus compromissos, a vida que levo, e tenho-me servido da venda de papéis, servido daquilo servido dali... Tenho andado para aí, inclusive até envolvido em certas merdas que se calhar até estou a meter... Assim muito recentemente estou-me a envolver em coisas até muitas chatas, que não têm nada a ver com matérias de política, não é?

· — Automóveis?...

— Automóveis.

— Infelizmente. Infelizmente serviu assim para umas coisas. Pense o que quiser. Sabe Deus, sabe Deus,... só Deus e eu... Não quero que tenha pena de mim, até porque eu já sou crescidinho e sou responsável pelos meus actos, mas sabe Deus as vezes as necessidades que eu tinha, porque também

Continua na pág. 18

COMÉRCIO DE ARMAS

Prosperidade à custa do Terceiro Mundo

Num artigo publicado no semanário «New Scientist», o dr. Frank Barnaby, director do Instituto Internacional para Investigações sobre a Paz, de Estocolmo, afirma que o comércio de armas entre as nações industrializadas e o Terceiro Mundo aumenta cada vez mais. No mesmo artigo, escreve que, de 1945 a 1976 o mundo viveu 133 guerras, aceitando como definição de guerra «um conflito armado em que intervêm forças de um governo no poder contra qualquer organização combatente, de maneira contínua». Estas 133 guerras guerras ocorreram em 70 países com a intervenção de 80 exércitos nacionais.

Em termos médios, travaram-se 12 combates por dia, de 1945 a 1976, em conflitos que não podem ser classificados como «guerra».

A o todo 95 por cento dessas conflagrações ocorreram em países do Terceiro Mundo e a maior parte das armas utilizadas eram provenientes de países industrializados.

Segundo o mesmo estudo, os três países que mais armas importaram desde 1945 foram, por ordem decrescente, o Vietname do Sul (de Van Thieu), o Vietname do Norte e Israel. Utilizando informações da «Agência Norte-americana de Controlo de Armas» (ACDA), Barnaby afirma que, anualmente, o valor global do comércio de armas ascende a 10 mil milhões de dólares (390 mil milhões de contos) e que, actualmente, existem encomendas no valor de 20 mil milhões de dólares (780 mil milhões de contos).

Numa tentativa de interpretação das razões pelas quais os países do Terceiro Mundo compram tantas armas, o especialista afirma que «são predominantemente factores e desejos de prestígio, de influência, de hegemonia regional». Acrescenta que «a fé na superioridade tecnológica militar e o encanto que têm os equipamentos ultra modernos para os grupos militares influentes, desempenham também um papel importante».

Por sua vez os países industrializados vendem armas ao Terceiro Mundo para conseguir influência económica ou política, adquirir bases militares, amortizar despesas de investigação e desenvolvimento e conseguir uma economia de alta produção.

GRÃ-BRETANHA

"Pacto social" coloca o governo entre a espada e a parede

O Governo trabalhista encontra-se hoje entre a espada e a parede, após a primeira reunião com os sindicatos, havida ontem, com vista à prorrogação do chamado «pacto social», que dura desde 1975. Este «pacto» limita severamente as altas de salários, a pretexto de combater a inflação e repôr em ordem a economia do país. A experiência tem mostrado, contudo, que o «pacto social» se tem traduzido numa real e gravosa diminuição do nível de vida dos assalariados, aumento de desemprego e continuuação da alta do custo de vida.

Por isso, as bases sindicais e as próprias direcções se mostram cada vez mais dispostas a romper com esse acordo, que tem sido um autêntico logro para as massas trabalhadoras. Há dias, delegados sindicais representando milhões de trabalhadores dos principais sectores de actividade do país, ameaçaram recorrer à greve geral.

O Governo trabalhista de James Callaghan, cada vez mais hipotecado aos interesses do grande capital, apoiado agora num pacto parlamentar pelo Partido Liberal, enredado nas teias do Fundo Monetário Internacional, que lhe exige uma política antioperária para continuar a apoiar a libra esterlina, precisa do assentimento dos sindicatos para a política deflacionista que se propõe seguir. Apesar das perspectivas animadoras a médio prazo com que os técnicos da economia capitalista acenam para a situação britânica, a situação real é muito dura: 17 por cento de inflação anual, milhão e meio de desempregados e a mais baixa progressão do PNB entre os países capitalistas industrializados.

Segundo Jean Marc Mendel, da France Presse, qualquer relançamento demasiado forte da economia britânica, qualquer aumento mal calculado da procura (devido a uma exagerada progressão salarial) tornaria a traduzir-se numa alta vertiginosa dos preços, aniquilando as esperanças de recuperação da balança de pagamentos.

Conscientes destes riscos, os dirigentes sindicais não podem esquecer o descontentamento generalizado que lavra entre as bases e não podem isolar-se delas. Tanto mais que o «pacto social» conduziu a um esmagamento da hierarquia de salários, principalmente à custa dos técnicos e dos trabalhadores mais qualificados. As greves selvagens de técnicos da British Leyland e da British Airways revelaram bem os perigos que a economia britânica corre, se estas tensões permanecerem.

O encontro de ontem entre Governo e federações sindicais foi naturalmente duro, dado o fosso profundo que separa as propostas dumas e doutro: enquanto os sindicatos pretendem um aumento máximo de 30 a 40 por cento, o Governo encara um magro aumento de 4,5 por cento. Para os observadores, o Governo de Callaghan, em minoria aritmética no Parlamento, pouco seguro do apoio da opinião pública, será levado a fazer concessões, ao passo que os sindicatos, apesar de tudo, se mostrarão «realistas». Mas as negociações serão demoradas e o seu êxito parece bastante incerto.

Na Dinamarca, o patronato rejeitou entretanto o projecto de renovação das convenções colectivas, resultante ddum compromisso entre a organização patronal e os sindicatos LO. Contudo, o Governo vai propor ao Parlamento que o projecto (válido por dois anos e no qual se prevêem aumentos salariais) venha a ter forca de lei.

Perigo de golpe afastado em Espanha

Tudo indica hoje que o primeiro-ministro Adolfo Suárez conseguiu resolver a pior crise que tem enfrentado desde que ocupou o Poder, há nove meses, quando oficiais do exército de alta patente aceitaram, de má vontade, a sua decisão de legalizar o Partido Comunista Espanhol.

Os generais do exército, que se reuniram em cinco horas de conferência, na terça-feira, à noite, exprimiram a sua «repulsa» pela legalização do PCE, após uma proibição de 38 anos, mas aceitaram-na «como patriotas e pela salvação da disciplina», facto que afasta a possibilidade de um golpe militar, para já.

A reunião seguiu-se à demissão, na segunda-feira, do ministro da Marinha, Almirante Gabriel Pita da Veiga, de 68 anos, um amigo pessoal de longa data de Franco. Um segundo almirante resignou ontem por causa da legalização do PCE. Trata-se do almirante Enrique Amador Franco, subsecretário da Marinha Mercante e primo afastado do antigo ditador.

Mas, se as manifestações de «repulsa» das Forças Armadas parecem estar a chegar ao fim, é de esperar, consideram os observadores, que a direita lance nos próximos dias uma vasta e violenta campanha pré-eleitoral, atacando a iniciativa do Governo.

Por outro lado, passa hoje o quadragésimo sexto aniversário da proclamação da República Espanhola, esmagada por Franco durante a Guerra Civil de 1936-1939.

O Egipto proibe a saída de residentes líbios

. O Egipto proibiu, a partir de ontem todos os súbitos líbios de abandonarem o país, tornando extensiva tal proibição aos diplomatas e aos funcionários da Embaixada líbia no Cairo — revela a France Presse, citando fontes líbias dignas de crédito.

As mesmas fontes desmentiram que medida semelhante tenha sido tomada pelo Líbia contra os residentes egípcios.

A «tensão entre a Líbia e o Egipto» é um dos temas mais abordados pelas agências internacionais, desde que o Egipto se virou radicalmente para a obediência ao imperialismo, enquanto a Líbia vai tentando a libertação total da sua pátria. O presidente Sadat, recentemente regressado dos EUA, muito animado e tornado «amigo pessoal» de Carter, tem encontrado na Líbia e nos «comunistas» os bodes expiatórios favoritos para os graves problemas com que depara no seu país. Em Março último, a explosão duma bomba em Alexandria foi atribuida pelas autoridades cairotas aos serviços líbios de espionagem, os quais foram acusados de pretenderem sabotar a cimeira afro-árabe, preparando uma vaga de atentados no Egipto. Essas acusações não provocaram nenhuma reacção especial do Governo líbio, habituado já às provocações do seu antigo aliado preferencial. Mas um incidente menor desencadeou ontem esta proibição egípcia de consequências imprevisíveis.

Os funcionários egípcios ocupavam todos os lugares dos autocarros que partiam para a Líbia, sem deixarem lugares vagos para os líbios. Esta ligação rodoviária era financiada em 50 por cento pela Vua. Tripoli decidiu interditar a entrada destes veículos em território líbio. Para o Cairo, esta medida foi interpretada como uma proibição de entrada na Líbia destinada aos egípcios. Recomeçaram então as campanhas de Imprensa entre os dois países, o consulado egípcio em Benghazi foi assaltado, o consulado líbio em Alexandria, incendiado, manifestações importantes foram organizadas, quarta-feira, em Tripoli, contra a política egípcia.

PRESSÕES DOS EUA

Os Estados Unidos pressionaram ontem o Koweit e outros Estados árabes, no sentido de exercerem esforços para pôrém termo aos combates perto da fronteira libanesa com Israel, anunciou a agência noticiosa do Qatar.

O embaixador norte-americano no Koweit, Frank Maestrone, passou em revista a situação no Sul do Líbano com o ministro dos Negócios Estrangeiros do Koweit, Sabah Al Ahmed.

Entretanto, tropas sírias, au-entaram as suas patrulhas no Líbano depois de três bombas terem esplodido na cidade de Beirute, que assinalava ontem o segundo aniversário do início da guerra civil.

VITIMAS DO NAZISMO

. O primeiro-ministro de Israel Yitzhak Rabin, declarou na quarta-feira em Jerusálem que «não haverá mais genocídio do povo judeu», num discurso pronunciado no decorrer de uma cerimónia organizada em memória «das vítimas do genocídio e dos heróis da Resistência ao nazismo».

O ministro precisou que «Israel era, diravante, suficientemente poderosa para se defender», notando, por outro lado, que «o mundo do holocausto provocado pelo nazismo, o racismo antisemita levantara mais uma vez cabeça».

Esta cerimónia é organizada todos os anos em Israel uma semana antes da Festa da Independência.

Geisel revela hoje as reformas

O presidente do Brasil Ernesto Geisel vai promulgar hoje, utilizando os seus poderes de excepção, deviersas reformas políticas e vai anunciar o recomeço das actividades parlamentares.

Estes textos vão modificar a vida política brasileira. As reformas serão, no seu conjunto, as que foram anunciadas oficiosamente nestes últimos dias, com excepção no entanto da que previa um boletim único para as eleições legislativas, obrigando o eleitor a escolher os seus três candidatos num mesmo partido. Geisel, decidiu suprimir esta reforma devido à oposição manifestada pelo partido oficial *ARENA*.

Entre as reformas que vão ser promulgadas hoje também está a regulamentação do colégio que vai eleger o futuro chefe de Estado, cujo nome apontado é do general Arnaldo Calderari, um militar quase desconhecido, recentemente promovido e sobre o qual se afirma ser «severo» e «disciplinado».

Ontem, Geisel anunciou a Reforma Judicial, medida que esteve na origem da «suspensão» do Congresso a 1 de Abril.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

CURANDEIROS FILIPINOS

Criança "operada" morre em seis meses

Michel Dor, um rapaz belga de 4 anos, que os pais tinham levado às Filipinas para ser operado por um curandeiro, morreu no último fim-de-semana, vítima de cancro no abdomen. Este caso foi bastante falado pelos jornais da Bélgica do passado mês de Setembro e contribuiu para levar centenas de doentes belgas e estrangeiros a seguirem o mesmo caminho, em busca de remédio para os seus males.

Michel Dor, natural de Rochefort, na província de Namur, foi tratado e operado por professores da Faculdade de Medicina de Lovaina, mas os seus pais preferiram o célebre e rico Agpaoa, um dos mais ricos curandeiros filipinos. As suas «virtudes» foram reveladas ao «extrair» da criança um «tumor», sem anestesia, sem bisturi e sem deixar sinais. Entretanto, as análises do «tumor» realizadas nas Universidades de Lovaina, comprovaram que o tal «tumor» não passava de vísceras de dugon, um mamífero muito vulgar nas Filipinas. Os pais de Michel recusaram-se a aceitar a mistificação e chegaram mesmo a projectar na sala do café de sua propriedade, o filme da «operação». A ilusão durou seis meses.

PUB

União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais, Dirigentes Sindicais e Comissões de Trabalhadores, para um Plenário a realizar no dia 16 de Abril de 1977, pelas 10 horas, no Salão do INATEL em Setúbal, com a seguinte Ordem de Trabalhos :

1 — ANÁLISE E DISCUSSÃO DA SITUAÇÃO SOCIAL

2 — COMEMORAÇÕES DO 1.º DE MAIO

Estarão presentes, elementos do Secretariado da CGTP — Intersindical Nacional.

Pelo reforço da Organização e Unidade dos Trabalhadores !

NÃO FALTES !

SECRETARIADO DA UNIÃO DOS SINDICATOS DE SETÚBAL
SECRETARIADO DA CINTURA INDUSTRIAL DE SETÚBAL (CIS)

Crítica de Música

Mais vaias no S. Carlos

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Quando Puccini formou o projecto de escrever a **Madame Butterfly** decerto teve em conta o **efeito** que o argumento iria suscitar junto das plateias burguesas. Havia o lado pitoresco, o exotismo, transposto em hábeis pinceladas da cena para a música; havia os ingredientes melodramáticos do suicídio («hara-kiri»), da criança vítima inocente do desespero da mãe, e da atitude leviana de um ocidental que, com a brutalidade típica do colonialismo, rebaixa à condição de experiência de circunstância uma relação amorosa sinceramente assumida, em plenitude, por uma japonesa («raça inferior») Será lícito, talvez, compreender os elementos desta história já numa perspectiva ideológica de denúncia do imperialismo, do racismo, da desumanização operada pela máquina infernal do poder capitalista, mas aí, creio eu, deparamos com uma contradição: a contradição entre este conteúdo fixado na linguagem (literária) do libreto e o conteúdo proposto na linguagem musical

Musicalmente o que prevalece nesta ópera é o drama individual de **Madame Butterfly** e não tanto as causas que lhe deram origem. A personalidade de Pinkerton não é caracterizada com a severidade e a profundidade suficientes para, nos meios cénico-musicais utilizados pelo autor, podermos observar esse sentido escondido, de alcance ideológico. A expressão empolada da escrita vocal-orquestral, certos pormenores quase «demagógicos» de tal ou tal situação, destinados a sublinhar o mundo interior de Butterfly, transformam todos os dados históricos ou espaciotemporais em mero revestimento dessa mesma interioridade psicológica. Não actuam, esse dados, como factores dialécticos da trama dramática: surgem como mero pretexto, em função do **pitoresco** cénico-musical que deles se pode extrair.

O que tudo isto **conota** é uma proposta pucciniana de melodrama para consumo burguês, precisamente a presença de uma ideologia conservadora que **recupera** ou neutraliza as potencialidades **críticas** que, à partida, o libreto poderia talvez fornecer.

Não veja o leitor aqui juízos definitivos, mas tão-só **hipóteses** para reflectir e justificar, deste ponto de vista, a necessidade de uma análise profunda e sistemática, inclusive por comparação com outras óperas do mesmo autor (v. g. **Tosca**, **La Bohème**, **Gianni Schichi**).

De qualquer modo, as hipóteses formuladas conferem com o comportamento do público do Teatro de S. Carlos, quando, na récita agora realizada da **Butterfly**, pateou furiosamente os artistas portugueses (com a única excepção de Helena Cláudio, no papel de Suzuki) para distinguir Gilda Cruz-Romo, contratada especialmente como protagonista. A atitude do público que pateou teve de novo cariz reaccionário: ocorre-me o paralelo com a reivindicação de que continuasse a abastecer-se o mercado de «Whisky» velho mesmo que isso só pudesse conseguir-se à custa da fome de leite dos filhos dos operários! A hipocrisia burguesa exige a «cabeça» dos cantores portugueses, sendo certo que as dificuldades com que estes se debatem são devidas à orientação em que persiste o S. Carlos: satisfazer o consumo passadista da ópera.

Segundo os pseudo-entendidos do S. Carlos, não precisamos de criar condições para haver cantores e para estes se profissionalizarem e aperfeiçoarem artisticamente: precisamos é de gastar todo o orçamento no luxo de ouvir os maiores talentos estrangeiros no repertório mais batido. Este público não iria ao S. Carlos se o núcleo fundamental da temporada girasse em torno de encomendas especiais feitas a dramaturgos e músicos portugueses, tendo em conta as características dos nossos intérpretes e a necessidade de conceber espectáculos de fácil montagem, eventualmente do tipo da ópera de câmara, susceptíveis de percorrer todo o País. Mas este público não faz falta nenhuma nem dentro nem fora do S. Carlos; este público está morto há muito tempo; este público é um gigantesco parasita que suga ao orçamento para a cultura sessenta mil contos por ano!

Os artistas portugueses e, em especial, os cantores da Companhia Portuguesa de Ópera, que vivem ainda numa situação de amadorismo (na sua maior parte) não têm pois que se preocupar com o público que tão vesgamente reagiu ao esforço responsável que fizeram na **Butterfly**. Têm que se preocupar, antes, com outra coisa a saber: com a aquisição de uma consciência profissional, cultural e de classe, que lhes permita fazer frente à manipulação discricionária de que são vítimas por parte da direcção do Teatro. É difícil resistir à tentação de aceitar um contrato para a **Butterfly**. É difícil resistir à tentação de aceitar um contrato para contracenar com um grande artista estrangeiro. É difícil recusar, quando se está em estado de penúria. Mas é preciso ter coragem e dignidade para resistir e recusar, para mostrar ao sr. director e ao sr. ministro que não é esse o caminho, para exigir medidas que realmente favoreçam um trabalho criador, culturalmente rentável

Se os cantores portugueses preferem ao incómodo da reivindicação responsável o cómodo da podre rotina em que se deixam arrastar, então... é porque merecem a **Butterfly** tal como ela é, na sua identidade ideológica conservadora, merecem o público que assim a recebe como coisa sua, merecem as vaias ditadas pelo critério do consumo burguês, enfim, numa palavra, merecem sofrer na sua carne as consequências de uma política reaccionária contra a qual não sabem ou não querem lutar!

ACADEMIA ALMADENSE
R. CAPITÃO LEITÃO, 64 — Telef. 2752127 — ALMADA

DADA A AFLUÊNCIA DO PÚBLICO!
MAIS UMA SEMANA!
COM

Todos os dias, às 21.30 h.
Sábados, às 20.30 e 23 h.
Domingos, às 16 e 21.30 h.

Em Lisboa:
Bilhetes à venda na ABEP Restauradores

cooperativa teatro popular

A seguir a comédia
«O SEGREDO DO FAÍSCA»

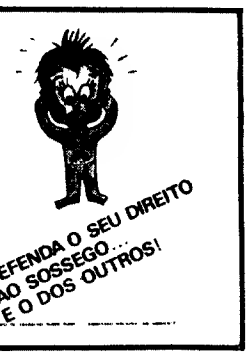
TEMPORADA DA PRIMAVERA 1977
ÓPERA NO S. CARLOS
Primeira apresentação em Portugal do
TEATRO DE ÓPERA DE LEIPZIG
Com duas produções encenadas por Joachim Herz e Bernhard Schroeter

5.ª feira, 14 de Abril, às 21 horas
6.ª feira, 15 de Abril, às 18.30 horas
«XERXES»
(G. F. HANDEL)
Com: Edgar Wähnte, Elisabeth Breul, Gisela Pohl, Rudolf Riemer
Direcção Musical: Wolfgang Wappler

Domingo, 17 de Abril, às 17 horas
2.ª feira, 18 de Abril, às 21 horas
«O RAPTO NO SERRALHO»
(W. A. MOZART)
Com: Barbara Hoene, Ryszard Karczikowski, Heidrun Halx, Rolf Tomaszewski
Direcção Musical: Gert Bahner

ORQUESTRA GEWANDHAUS DE LEIPZIG
CORO DE BALLET DA ÓPERA DE LEIPZIG

CONCERTO SINFÓNICO NO COLISEU
Sábado 16 de Abril, às 21 horas:
Pela primeira vez em Portugal e em concerto único, a orquestra sinfónica mais antiga do mundo (fundada em 1781)
ORQUESTRA GEWANDHAUS DE LEIPZIG
com música dos três geniais sinfonistas clássicos:
HAYDN, MOZART e BEETHOVEN
Direcção Musical: Gert Bahner
Violinista solista: Karl Suske



"a centelha"

"Pelintra e Cantochão dão cabo de um aldrabão"

A cooperativa de produção de espectáculos «A Centelha» leva hoje à cena, pelas 14 horas, um novo espectáculo, «Pelintra e Cantochão dão cabo de um aldrabão», em Queiriga. A sessão seguir-se-á uma conferência de Imprensa na sede do Grupo, à rua capitão Silva Pereira, 117, Viseu.

No encontro com a Informação o grupo propõe-se fazer um balanço da sua actividade no distrito de Viseu, ilustrando-o com um dia de trabalho normal

A PARTIR DE AMANHÃ

"Gioconda perdeu o sorriso..."

Enquanto a Comuna-Teatro de Pesquisa se encontra em Itália para participar num festival internacional e dar vários espectáculos em cidades italianas, o seu espaço teatral, à Praça de Espanha, vai ser ocupado por um grupo francês e a peça «Gioconda perdeu o sorriso...»

Este espectáculo é apresentado no Centro Cultural pelo grupo francês «Tylenchus» que já ali estivera, igualmente a convite da Comuna, com «O mágico da cenoura». Desta feita, o espectáculo do «Tylenchus» inclui apenas dois actores, Jacques e Cristhiane Alonso que, segundo opinião de um crítico francês da especialidade, «falam à sua maneira da miséria: da sua e da dos outros, dos teatreiros, dos condenados à morte, dos solitários, dos cegos, dos desempregados».

«Gioconda perdeu o sorriso» principiará a ser representada na sexta-feira, às 21 e 30, para terminar a carreira a 23 de Abril. Aos domingos há matinée às 18 horas e o descanso da companhia é às segundas-feiras.

Censura abolida na Itália

A Itália abolirá a censura prévia a obras teatrais e cinematográficas, ao fim de sessenta anos de vigência de tal sistema — anunciou-se ontem em Roma.

O decreto-lei, que elimina a censura, foi preparado pelo ministro do Turismo e do Espectáculo, Dario Antoniozzi, e deve ser aprovado num dos próximos conselhos de ministros.

As actuais normas datam de 1962, altura em que foi aprovada uma «lei sobre a censura preventiva», que actualizava os preceitos estabelecidos em 1913 e atenuava as drásticas medidas do período fascista, até então em vigor.

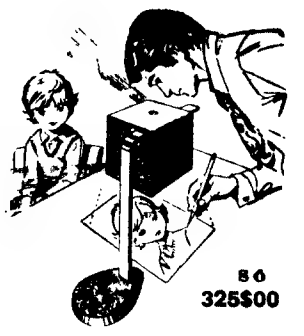
Segundo o novo decreto-lei, as obras proibidas aos menores não serão difundidas pela rádio nem pela televisão.

A medida legislativa prevê ainda processos sumaríssimos para os delitos cometidos por intermédio do teatro e do cinema, e novas normas sobre o sequestro das obras consideradas como corpo dde delito

Uma das últimas obras proibidas pela censura italiana foi «Salo ou os 120 Dias de Sodoma», realização cinematográfica de Pier Paolo Pasolini.

Todas as noites às 21 30
matinées, sábados e domingos às 16 h
TEATRO LAURA ALVES
Tel. 86 47 56
Uma comédia de JOSÉ VILHENA
CALCINHAS AMARELAS
com IRENE ISIDRO • BARROSO LOPES • MANUELA MARIA • LUÍS HORTA • CARLOS MIGUEL • TERESA ZILOC • MARIA JOÃO • PAULA LIMÃO
A mais divertida comédia portuguesa dos últimos 54 anos.

MAGIC ART
APARELHO DE DESENHO



Só 325$00
Agora TODO O MUNDO pode desenhar o que quiser e no tamanho desejado com um bom artista
PEDIDOS A COBRANÇA + 25$00 (portes)
A SEX-SHOP
Apartado 292 — PORTO

Vá ao TEATRO MARIA VITÓRIA
Ver a Sensacional PLURALI REVISTA
Hoje e todas as noites 2 — SESSÕES — 2 Às 20.30 e 22.45 h. • Aos domingos «MATINÉES» Às 16 horas •
O BOMBO DA FESTA!
M 18 anos
ÀS 2.as FEIRAS DESCANSO
UM GRANDE ÊXITO
SALVADOR e IVONE SILVA
HENRIQUE SANTANA
LYGIA TELLES
CARLOS GONÇALVES
HERMAN JOSÉ
IGOR SAMPAIO

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

SIMONE, ESCUTE: CANTAR É OPTAR

A presença de Simone de Oliveira na televisão suscita sempre algum interesse. Menina bonita da canção ligeira, Simone teve sobre si muitas vezes e com a maior intensidade os holofotes dos grandes meios de manipulação das massas, particularmente a Rádio e a televisão.

Depois, o acontecimento quase arvorado em desastre nacional: Simone perdera a voz, tinha uma corda vocal afectada, deixaria de poder cantar. Para o País, evidentemente, o facto contava pouco. Para a caçonetista, a situação raiava o drma: perder a voz significava perder o seu ganha-pão, perder o melhor instrumento ao seu alcance para a realizacão da sua personalidade.

Recordo-me, na altura, de ter chamado a atenção para o facto de se tratar não de um fim de carreira, mas de uma mudança. Quando reapareceu, com a voz mais grave, mais cheia, mais natural, as minhas razões estavam provadas.

Provadas ficaram ontem mais uma vez nas duas canções interpretadas. Quer-me no entanto parecer que Simone de Oliveira teima ainda em cantar como antigamente ou doutra maneira: teima em não se libertar totalmente de um esforço que já não está de acordo com a sua maneira actual. Esta deverá orientar-se, cada vez mais, no sentido da oralidade, da coloquialidade, daquele ritmo em que tudo mais se aproxima da fala que do canto.

No que respeita ao problema da melodia e do poema, Simone de Oliveira tem razão em considerá-lo um falso problema. Não se põe uma questão de supremacia: põe-se a questão de qualidade mínima, quer num caso, quer noutro.

Compreende-se, pois, que em nome da qualidade Simone cante Ary dos Santos. Sem esquecer que uma preferência de qualidade deve acordar-se com uma opção de responsabilidade. Deverá existir uma relação íntima de coerência. O amor pela poesia de Ary dos Santos não é compatível com uma presença em festas Kaúlzicas, por exemplo. Uma coisa está nos antípodas da outra.

PERGUNTAS: À DÚZIA É MAIS BARATO

1 — Quando será que o **Telejornal** se resolve a dar necessária cobertura às iniciativas dos trabalhadores?

2 — Porque será que a RTP desprezou tão ostensivamente a festa das **25 canções de Abril** no Pavilhão dos Desportos?

3 — Porque será que a RTP praticamente ignorou tão ostensivamente o **Mercado do Livro e do Disco**, na Feira das Indústrias?

4 — Porquê a televisão não liga aos concertos organizados pela RDP aos sábados no S. Luís?

5 — Porquê certos indivíduos se dizem sempre contrários «a todas as ditaduras» ou «a todas as tiranias» venham elas donde vierem sabendo-se que só a direita pretende a tirania, a ditadura, o terrorismo?

6 — Terrorismo, ditadura e tirania que não são denunciadas na televisão. Porquê?

7 — Televisão que passa por cima dos atropelos à Reforma Agrária, que ignora a libertação «legal» dos pides, que não ouve os protestos dos trabalhadores contra a carestia e a congelação dos salários. Por quê?

8 — Porque será o grande interesse da RTP por Israel, a pontos de ser raro o **Telejornal** onde não haja grandes espaços para tão pequeno país? Será um caso de amor platónico?

9 — Quanto pagou a RTP pela transmissão de «**o velho continente**», um conjunto de emissões nitidamente ao serviço da desinformação?

10 — Porque motivo não achou oportuna a RTP a transmissão do documentário «Porto Rico libre»?

11 — Será que a rubrica «Melomania» de João de Freitas Branco já foi saneada?

12 — Em que ficamos: o director de programas da RTP é ou não o dr. Niza, compositor e deputado do PS? Se não, porque tratam com ele assuntos programáticos? Se sim, que currículo é o seu e quem o apreciou? Ou bastou-lhe tão só a qualidade de deputado?

A POLÍTICA E O PAÍS-HOJE

A televisão começou a transmitir uma série dedicada ao campo de concentração nazi «Colditz». Era, na realidade, mais do que um campo de concentração: era um campo de represálias, para onde mandavam os «duros», instalado num castelo do século XVI.

Ficamos já a saber que se trata de uma série romanceada, embora assente em acontecimentos verídicos. O processo não é condenável, antes pelo contrário, se o seu objectivo for educar os telespectadores no repúdio do fascismo. Passa por aqui toda a acção educativa nos tempos que vivemos.

No primeiro episódio a acção passa-se ainda fora de Colditz. Oficiais ingleses, embora ameaçados de fuzilamento no caso de intentarem a fuga, procuram mesmo fugir. Recapturados, o oficial alemão (entre **gentlemen** e assim...) perdoa o fuzilamento e resolve enviá-los para Colditz. Na próxima semana veremos o resto.

Um pormenor deverá ter chamado a atenção dos telespectadores. Quando a propósito de política, um inglês declara que, se fugir não será para se meter novamente nessas coisas «porque foi a política que me atirou para aqui».

Que política o atirara para ali, ficam os telespectadores sem saber qual seja. O que fica a pairar é o descrédito da política no seu conjunto e não as cobardias, as cumplicidades a criminosa miopia dos dirigentes ingleses e americanos que, por fervor anticomunista, passaram trunfos sem conta para as mãos do nazismo e do fascismo.

O pormenor é extremamente negativo, em particular num país-hoje como o nosso em que todos os antifascistas devem praticar a política. Para se defenderem, para defenderem a sua classe, a sua pátria.

Hoje

Os Marretas

I PROGRAMA

1.º Período

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.05 Fecho

2.º Período

18.30 Abertura e **Corpo Musical** — Influência da música africana na música popular brasileira.
19.10 **A Magia dos animais**
19.35 **As viagens de Gulliver** — Série filmada.
20.00 **Cientificamente**
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição.
21.05 **O Homem e a terra** — Os Senhores do Bosque
21.40 **Os marretas** — Programa Musical.
22.10 **Um programa da direcção de informação**
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 **Abertura e nojo aos cães** — Intérpretes: Colectiva do «Grupo Cénico da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa» (em 1970) Direcção de produção, Ernesto de Oliveira e Vitor Barbosa. Argumentos e realização: António de Macedo. Ano de produção 1970.
22.35 **Telejornal**
23.05 **Fecho**

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período
13.30, Ciclo Preparatório TV; **18.05**, Fecho.
2.º Período
18.30, Abertura e A Magia do ver; **19.00**, Abre-te Sésamo; **19.30**, Tropicália; **20.00**, Momento Desportivo; **20.30**, Telejornal-1.ª edição; **21.05**, Momento Político; **21.20**, Melomania; **22.00**, O Jovem Garibaldi-Série filmada; **23.05**, Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Banyon. **22.00**, O Cavalo; **22.30**: Telejornal; **23.05**, Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

MAIS BARATO QUE O BACALHAU
POUCO MAIS CARO QUE A BICA
A TASCA
UMA REVISTA DE PAPO CHEIO
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL 874476
TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
«MATINÉES» AOS DOMINGOS: às 16 horas
ANABELA ● ERMELINDA ● HENRIQUE VIANA ● MAGDA ● NICHOLSON

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA —— CENTRO CULTURAL
DIARIAMENTE ÀS 21 e 30
ESTREIA - 6.ª FEIRA DIA 15
«GIOCONDA PERDEU O SORRISO...»
— CRIAÇÃO DO GRUPO DE TEATRO FRANCÊS —
TY LENCHUS
— Toulouse —
DOMINGO - MATINÉE ÀS 18 HORAS
PREÇO ÚNICO - 40$00
SÓ NA 6.ª FEIRA SEGUIDO DE UM RECITAL PARA FLAUTA E GUITARRA POR OLIVIER BENJAMIVES QUEYROUX
CURTA TEMPORADA - SÓ ATÉ 30 DE ABRIL
PRAÇA DE ESPANHA METRO PALHAVÃ T 762624

"PALMA DE OURO"
GRANDE PRÉMIO DO FESTIVAL DE CANNES 1976
TAXI DRIVER

Em cada rua há sempre
um ninguém que sonha ser alguém.
Ele é um homem solitário, esquecido, desesperado
para provar que está vivo.
ROBERT DE NIRO
TAXI DRIVER
A BILL PHILLIPS Production of a MARTIN SCORSESE Film
JODIE FOSTER ALBERT BROOKS as Tom
HARVEY KEITEL LEONARD HARRIS
PETER BOYLE as Wizard
and CYBILL SHEPHERD as Betsy
Written by PAUL SCHRADER Music BERNARD HERRMANN
Produced by MICHAEL PHILLIPS and JULIA PHILLIPS
Directed by MARTIN SCORSESE
quarteto HOJE — ESTREIA MUNDIAL
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

PORTUGAL

AMEAÇA

O Futebol Clube da Foz (Porto) ameaça deixar de praticar Atletismo, **em face do Centro Atlético do Porto, em coligação com Santana de Oliveira, director da Associação Portuense de Atletismo, aliciar atletas, nomeadamente Ana Paula Coelho e Rosa Mota.**

AÇORES

Os dirigentes das associações de Desportos de Ponta Delgada, Horta e Angra do Heroísmo reuniram-se, com vista a efectivação de provas a nível de região. Como resultados das conversações, ficou assente a realização da «Taça dos Campeões Açorianos», com o seguinte calendário: Na Cidade da Horta, de 29 a 31 de Julho, basquetebol de menino; em Angra do Heroísmo, de 5 a 7 de Agosto, voleibol (senior) e andebol (juniores); Na ilha do Faial, de 19 a 21 de Agosto, basquetebol (senior) e voleibol (junior); em Ponta Delgada, de 12 a 15 de Agosto, andebol (senior), basquetebol (junior), na Cidade da Horta, de 19 a 21 de Agosto, basquetebol (senior) e voleibol (junior).

BILHAR

O VI Portugal-Espanha, em bilhar, às três tabelas terá lugar nos dias 16 e 17, no Clube Fenianos Portuense, numa organização do Futebol Clube do Porto. As duas representações são constituídas pelos seguintes elementos: Selecção portuguesa — Wilson Neves (F. C. do Porto) Mário Machado (F. C. do Porto) António Vinagre (Sporting) e dr. Soter Ramos (Leixões). Selecção espanhola — Claudio Nadal (Barcelona), Avelino Rico (Madrid), Cayo Muñoz (Barcelona) e José Carrillo (Valência).

BRIDGE

A Federação de Bridge organiza, nos dias 15, 16 e 17 deste mês, no Hotel Penta (Lisboa) a 1.ª fase do Campeonato Nacional de Pares de Composição Livre aberto a todos os praticantes da modalidade. Trata-se da prova mais importante (de pares) do calendário federativo, que deverá ter uma afluência na ordem de 80 duplas.

O par, actual detentor do título, é formado pelos jogadores Manuel Fontes Pereira de Mello e eng.º Manuel da Costa Antunes.

A rodada final desta prova, a disputar pelos 30 primeiros pares da 1.ª fase, terá lugar em Lisboa, de 29 do corrente a 1 de Maio.

CAMPISMO

A exemplo dos anos anteriores, o Clube de Campismo de Lisboa leva a efeito o seu tradicional «Passeio Mistério», no domingo próximo. A concentração para a partida está marcada para as 9 horas, junto ao Estádio da Luz.

CASCAIS

. Logo à noite (21 horas) o Grupo Dramático e Sportivo de Cascais reúne-se, no pavilhão gimnodesportivo da vila, com os Órgãos de Comunicação Social, para dissecar problemas que afectam o Desporto na generalidade.

CICLISMO

De 16 a 19 de Junho próximo decorrerá o II Grande Prémio «Clock», a cargo do Águias de Alpiarça. A prova conta com o patrocínio, como é óbvio, da «Clock».

Eis o percurso: Dia 16 — Alpiarça-Leiria, na distância de 154 km, com passagem por Almeirim, Santarém, Cartaxo, Pontével, Aveiras de Cima, Alcoentre, Cercal, Cadaval, Bombarral e Caldas da Rainha. Dia 17 — Leiria-Coimbra, 130 km (Figueira da Foz, Mira e Cantanhede); dia 18 — Coimbra-Abrantes, 130 km (Condeixa, Penela, Tomar e Entroncamento); dia 19 — Chamusca-santarém (Fábrica Clok), 32 km no sistema de contra-relógio individual, com passagem por Alpiarça e Almeirim.

HÓQUEI PATINADO

Para a Taça dos Vencedores de Taças, realiza-se no próximo sábado, pelas 22 horas, no pavilhão da Juventude Salesiana (Estoril) o encontro da 1.ª «mão» das meias-finais, entre o Oeiras e o Hóquei de Novara, representante italiano. O programa inicia-se às 21 horas, com um encontro preliminar de hóquei em patins e patinagem artística, sendo os preços dos bilhetes de 40$00 (sócios) e 60$00 (não sócios).

José Lisboa (técnico da Associação de Oeiras) foi nomeado seleccionador-treinador da Associação de Patinagem de Lisboa.

Para o campeonato nacional, mais dois jogos realizados: Sporting, 16-Estremoz, 2 e Oeiras, 10-Salesiana, 5.

INTERCÂMBIO

Na sequência do concurso realizado através de composições escritas, tendo como tema o intercâmbio juvenil de desportistas entre o «Sarre» e Portugal (com a colaboração da inspecção de Educação Física da Direcção-Geral do Ensino Secundário), realiza-se amanhã, pelas 17 horas, na sala junto à tribuna de honra do Estádio Nacional, uma conferência de Imprensa subordinada ao tema que foi objecto do concurso, com as presenças do dr. Weyers, conselheiro da Embaixada da República Federal Alemã, e prof. Nuno Barros, inspector superior de Educação Física da Direcção-Geral do Ensino Secundário.

Proceder-se-á, então, à atribuição dos 5 convites, aos quais se candidataram alunos de 22 estabelecimentos de ensino secundário, e que consistem numa estadia de 14 dias em Saabrucken, no princípio do mês de Setembro.

COP

É na próxima quinta-feira (21), pelas 21 horas, que terá lugar, na sede do Comité Olímpico Português, a cerimónia de posse da Comissão Executiva do COP para as XXII Olimpíadas de Moscovo. A aludida comissão foi eleita no

Continua na página seguinte

Futebol europeu condena publicidade

A fase final do Campeonato Europeu de Futebol será jogada, no futuro, por oito equipas, em vez das actuais quatro — anunciou a União Europeia de Futebol (U. E. F. A.). Segundo um comunicado da U. E. F. A., a decisão foi tomada pelo Comité Executivo da U. E. F. A., reunido em Londres.

O sistema adoptado tem ainda de receber os ajustamentos finais — salienta o comunicado, mencionando como possibilidade torneios, em dois grupos de quatro equipas, cujos vencedores seriam os finalistas. Está (também) a ser apreciada a hipótese de meias-finais, em que participariam os 1.º e 2.º classificados de cada grupo.

Foram rejeitadas uma proposta alemã, que sugeria a realização de jogos em duas «mãos» nos países das selecções emparceiradas, e outra belga, que pedia a inclusão de uma selecção não europeia na fase final e a concessão de lugar automático na mesma à selecção titular.

A comissão também ampliou a proibição à publicidade nas camisolas para a época de 1977-78, exceptuando todavia a marca do fabricante, que pode abranger uma área não superior a 16 centímetros quadrados. Os emblemas do clube podem ter uma área máxima de 100 centímetros quadrados, mas devem apresentar apenas o nome oficial do clube, tal como registado na U. E. F. A.

LA FORA

BASQUETEBOL

Na Bulgária, começou a disputar-se o europeu de basquetebol, para cadetes. Na jornada inaugural, larga derrota de Portugal: 41-77, perante a Checoslováquia. Jogaram no grupo nacional Rebelo, Seiça, Ramos Ferreira, Paiva, Cardoso, Miranda, Anacleto e Carlos Jorge.

DESESPERO

. O Milão, uma das equipas com mais prestígio no futebol italiano, corre o risco de descer à 2.ª divisão, depois de uma época desastrosa. Em grande parte, a sorte da equipa milanesa defende do resultado do jogo que, no próximo domingo, disputa com o Foggia, modesta equipa de província que está igualmente em riscos de despromoção.

Duas das três equipas que descem automaticamente a 2.ª divisão são já conhecidas: o Cesena e o Catanzaro, que têm actualmente 13 e 15 pontos, respectivamente. A 3.ª equipa a baixar de divisão deverá surgir de entre os seguintes clubes: Milão e Bolonha (actualmente com 20 pontos), Foggia (com 19) e Sampdoria (com 18).

DRÁSTICO

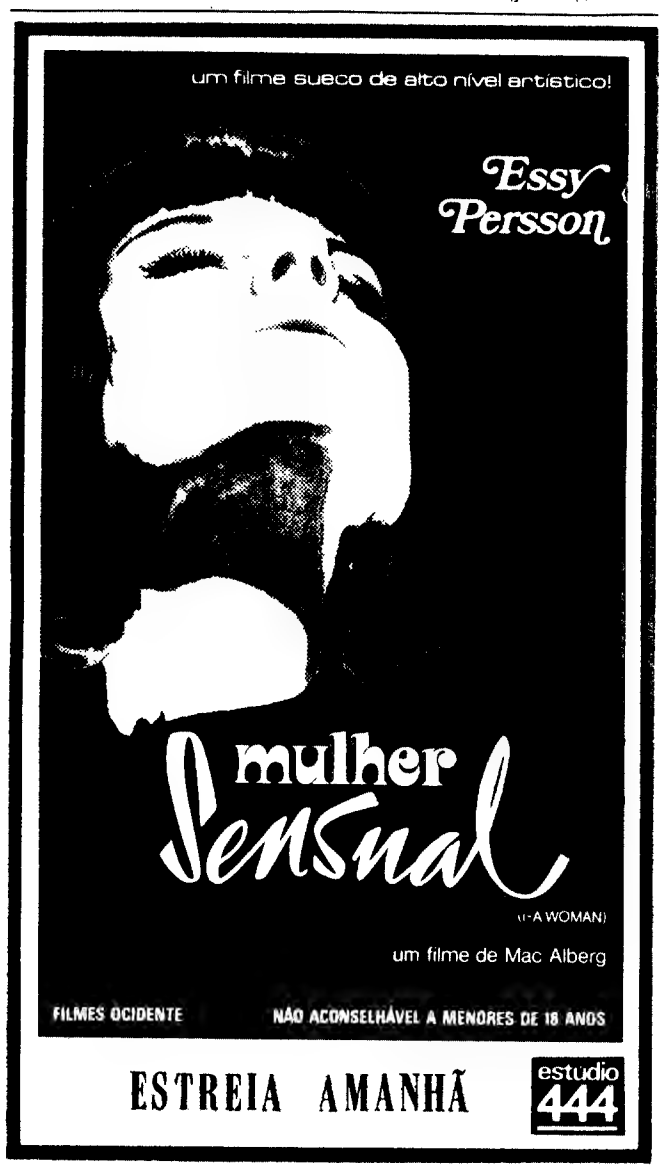
. Um deputado trabalhista sugeriu, em Inglaterra que se «fusile» os vândalos do futebol com tinta indelével, para os deixar marcados para sempre. Arthur Lewis disse que ia propor esta medida ao ministro do interior, na próxima semana.

São muitas as ideias que políticos, sociólogos e educadores têm manifestado ultimamente, para acabar com a violência nos campos de futebol, que já deu lugar ao estabelecimento de graves sanções contra os «furiosos» do Manchester United (conhecidos na Imprensa pelo nome de «exército vermelho») e muito possivelmente contra os do Chelsea (de Londres) também célebres pela sua má educação e espírito destrutivo.

TÉNIS

Pela 1.ª vez na história do ténis nacional, um português (de 14 anos) venceu uma competição internacional: trata-se de Pedro Cordeiro, do Clube de Ténis do Porto, que ganhou o Torneio de Monte Carlo.

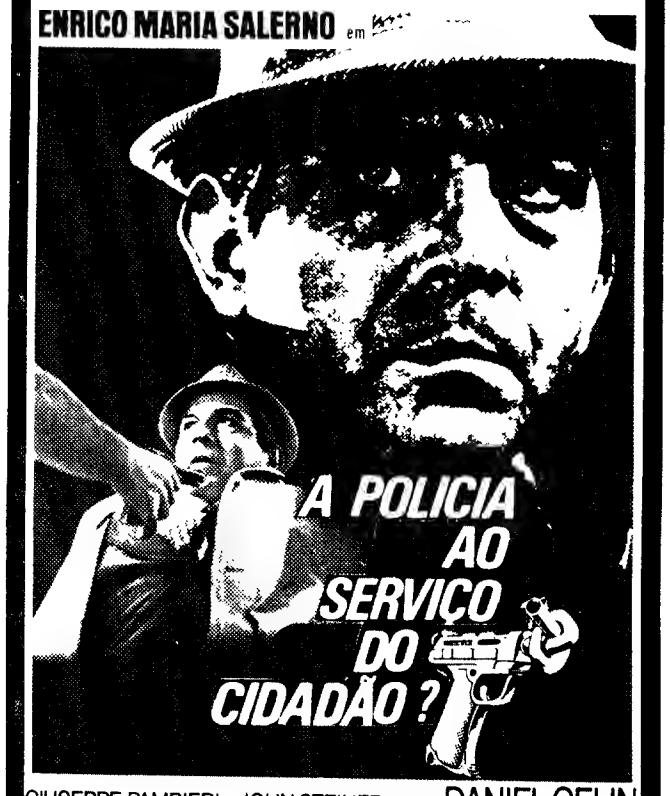
Nesta prova internacional, participaram 37 tenistas, com idade até 14 anos.



NA CIDADE CORRUPTA,
UM HOMEM INCORRUPTIVEL!

O seu primeiro problema era sobreviver.

ENRICO MARIA SALERNO em



GIUSEPPE PAMBIERI · JOHN STEINER e com DANIEL GELIN
Technicolor Realiz. de ROMOLO GUERRIERI · Produc de MARIO CECCHI GORI

AMANHÃ, ESTREIA NO IMPERIO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

PAPEL DE PAREDE

Os melhores padrões, milhares de rolos para entrega imediata
Desde **130$00** por rolo

Barros e Barros Lda.
R. José Duro 22-E Lisboa - 5 ALVALADE

1383

Adaptação da «Crónica de D. João I» de Fernão Lopes
por
VIRGÍLIO MARTINHO
Encenação de
JOAQUIM BENITE
Cenários de
JOÃO VIEIRA

GRUPO de CAMPOLIDE

ESTREIA AMANHÃ
AS 21,30 H.
(N. acons. a m. 13 anos)
BILHETES À VENDA
50 % de desconto para os sócios do INATEL, dos Sindicatos, CCDs e CPTs

TRINDADE - INATEL

EM EXIBIÇÃO ÀS 15, 17, 19, 21 e 23 HORAS

OS DEMÓNIOS

DE ALCÁCER-KIBIR

distribuição : Animatógrafo

Caraballo recebe por não trabalhar

O inacreditável acontece no Atlético, como poderá notar-se ao ler a reportagem de Joaquim Rita, inserta hoje no camarada «A Bola». A palavra para aquele nosso colega:

«Como é sabido, Caraballo deixou o Atlético ainda na primeira volta do «Nacional». Os resultados, as exibições, a queda da equipa no abismo, contribuiram para que aquele técnico abandonasse o leme de Alcântara, ainda antes de se completar a primeira metade da prova.

«Como a rescisão do contrato foi de comum acordo, Atlético e Caraballo acertaram nas condições em que o uruguaio se desligava do comando da turma. Nessas condições se incluía a obrigatoriedade de o clube alcantarense satisfazer os vencimentos do técnico, até ao momento em que este conseguisse, outro clube. Entretanto, os dias, as semanas e os meses foram passando e Caraballo continua sem arranjar clube e... o Atlético continua a pagar-lhe o vencimento como se estivesse ao seu serviço.

«Para que se saiba, Caraballo continua a receber do Atlético vinte contos por mês, o que quer significar que, neste momento, o clube está a pagar a dois técnicos: Caraballo e Artur Santos.»

Quase não valeria acrescentar nada: o comentário a fazer salta à vista mais desarmada. Mas fica-se perante uma lamentável e penosa situação: se o uruguaio Caraballo não conseguir encontrar um patrão (por inécia própria em face das más credenciais anteriores ou devido ao largo desemprego que prolifera especialmente entre os técnicos portugueses) nota-se que, até ao fim da temporada, o Atlético terá de pagar a um estrangeiro que nem sequer veio para o país por seu intermédio e, comodamente, está em casa, à espera de cada dia 30 para ir à boca do cofre alcantarense.

Inaudito, apenas e só.

Humberto tem festa na estreia

A equipa do Sporting actua na próxima quarta-feira, dia 20, no Estádio da Luz, perante a turma do Benfica num jogo de apresentação de Humberto Coelho, que regressou à equipa «encarnada». Humberto Coelho havia deixado o Benfica para ingressar no clube francês Paris-St Germain.

Nos termos de um acordo entre Sporting e Benfica, a equipa da Luz fica devedora ao Sporting de um jogo da mesma natureza, enquanto a turma de Alvalade deve já ao Benfica um encontro com as características do realizado no festival de homenagem ao atleta olímpico Carlos Lopes.

AMÉRICA, AMÉRICA

A equipa principal de futebol do Clube Operário Desportivo, da Vila da Lagoa (ilha de S.Miguel), desloca-se aos Estados Unidos da América, de 31 de Maio a 28 de Junho. A digressão é patrocinada pelo New Bedford Sports Clube, daquela cidade americana. Estão previstos encontros da equipa açoriana com o «Portuguese Sports Club» (New Bedford), o Santa Teresa (Montreal, Canadá), e o Sport Clube Português Newark, New Jersey. Serão ainda realizados jogos nas cidades de Fall River, Bristol e Taunton.

BENFICA

Mário Wilson, jogador do Atlético até final da época, assinou um contrato com o Benfica, por três anos. Mário Wilson que, posteriormente, não chegara a acordo com o Sporting, tem 22 anos, joga como centro campista e vai suspender o seu curso de Medicina (frequenta o 3.° ano) para se dedicar ao futebol, após o que reatará os estudos até concluir a formatura.

BREITNER

O «internacional» alemão Paul Breitner foi transferido, do Real Madrid para o Eintracht Baunschweig (Alemanha Federal). Não foi revelado o montante envolvido, crendo-se no entanto que seja da ordem do equivalente a 27 mil contos.

Breitner (25 anos) foi transferido há três anos, do Bayern de Munique para o Real Madrid. Fez parte do «onze» que, em 1974 venceu o campeonato do Mundo.

ÊXITO

. O Aston Villa conquistou a Taça da Liga Inglesa», em futebol, ao derrotar o Everton (3 a 2) no segundo encontro de desempate da final. Foi necessário recorrer a prolongamento, já que no termo dos 90 minutos regulamentares se registava um empate a duas bolas.

CASTIGOS

Na pequena lista de castigos aplicados pelo Conselho de Disciplina federativo, destaca-se um jogo de suspensão a Viola (Farense) e Pereira (Fafe), repreensão a Inácio (Sporting) e advertência a Valêncio (Farense)

LIXA

O F.C. de Lixa, em colaboração com emigrantes portugueses radicados em Orleães (França), promoveu no seu parque de jogos uma tarde desportiva a nível internacional. Nela tomaram parte, além do Lixa, o Vila Meã, União Portuguesa Social, Desportivo de Orleães (grupo de portugueses residentes naquela cidade francesa) e o F.C. de Orleães. No primeiro jogo, o Vila Meã venceu o Desportivo de Orleães (5-1), enquanto que no segundo encontro o Lixa venceu o F.C. de Orleães, por 3-1.

«OS UNIDOS»

É «dia do clube» para os associados do Clube de Futebol «Os Unidos» que, no próximo domingo, queiram ver em acção a turma do seu emblema, no campo do Bairro Padre Cruz (Lisboa).

Humberto: retorno tem festa com o Sporting

RESERVAS

Jogos para o campeonato lisboeta de reservas: Atlético 1-Sintrense, 2; Benfica, 3-Odivelas, 0; Sporting, 5-Oriental, 0 e Torreense, 0-Estoril, 4. Situação neste momento: Sporting, 31; Benfica, 30, Estoril, Atlético, 24; Sintrense, 2[illegible]; Oriental, 20; Odivelas, 17, Torreense, 15. Sporting e Torreense contam mais um jogo efectuado

SPENCER

Considerado como grande revelação da temporada, o almadense Adriano dos Santos Spencer (nascido há 18 anos, em Lisboa) está a sofrer forte assédio de vários clubes, nomeadamente do Benfica e do Sporting.

SPORTING

O sportinguista Amândio revalidou por mais dois anos o seu contrato com Alvalade.

TAÇA

Acerta-se hoje (17 e 30), no Estádio 1.° de Maio, em Braga, o calendário dos quartos-de-final da Taça de Portugal. Jogam o clube local e o Famalicão, devendo recordar-se que o Sporting de Braga já uma vez conquistou o troféu em equação (1966) enquanto o Famalicão conta como meta maior a entrada numa meia final da Taça, em 1946

A propósito do Braga: o «team» de Mário Lino não se apresentará na força máxima: Pinto está lesionado (rotura na virilha) e Marinho suspenso pela direcção (após uma troca de palavras tida com um dirigente da colectividade, por não ter sido facultado o ingresso no estádio à mulher do jogador, por ocasião do Torneio Internacional da Pascoa.

Mário Wilson: um pontapé na Medicina, a troco de três épocas como profissional da bola

PORTUGAL

Continuação da pág anterior

passado dia 17 de Março, dela fazendo parte os seguintes elementos: brigadeiro Sales Grade, presidente; dr. Francisco Alves, vice-presidente; coronel Garcia Alvarez, secretário-geral; Luís Caldas, secretário-adjunto; Pereira Machado, tesoureiro; eng.° Hugo Carneiro Assunção, vogal; eng.° Lima Belo, vogal; prof. Fernando Ferreira, Matos Soares e dr. Antonio Fernandes Tender, igualmente vogais.

SETÚBAL

Esta noite, eleições no Vitória de Setúbal. Uma lista é concorrente a nova gerência: na presidência, encontra-se Silvério Jones. Todavia, poderá dar-se um golpe teatral: adiamento das eleições para haver tempo de apresentar outra lista, comandada por Fernando Pedrosa.

VAREJENSE

Uma prova pedestre e outra de marcha, respectivamente em 25 de Abril e no 1.° de Maio, são as principais atracções do 38.° aniversário do Clube Futebol Vareiense (sede: Rua Lopes, 54, 1.°), cuja direcção, formada vitalmente por gente jovem, elaborou, a propósito — e para o mês em curso —, todo um vasto rol de iniciativas. O atletismo assume posição de relevo, e repare-se no facto daquela duas provas, desde 2 mil a 5 mil metros, na pedestre, e 1000 a 10 000, na marcha, serem dedicadas a rapazes e raparigas com idades compreendidas 10 e 15 anos, no primeiro caso, e pre-infantis até 9 anos) e mais de 35 (anos), no segundo (marcha).

VILAMOURA

A Federação Portuguesa de Ténis marcou, definitivamente, o VII Torneio Dunlop (internacional), que pela segunda vez consecutiva decorrerá, de 13 a 16 de Outubro, nos «courts» de um hotel de Vilamoura. Recorde-se, a propósito do referido torneio que as seis anteriores edições foram ganhas por Raul Peralta (Argentina), Juan Couder (Espanha), Elschenbroich (RFA), Kunhke (RFA), Manuel Santana (Espanha) e Marian Mirza (Roménia). Nas provas femininas avultam como nomes de vencedoras a espanhola Ana Estabella (1969, 70, 71 e 72), Virginia Wade (Inglaterra) e a portuguesa Conceição Posser.

XADREZ

Vai ser posta à venda, dentro de dias, a Revista Portuguesa de Xadrez (II série), propriedade da Federação Portuguesa de Xadrez. A publicação terá como director António Simões Nunes e com uma tiragem de 12 000 exemplares. Será lançada no mercado nos primeiros dias de cada mês, ao preço de 15 escudos. A Revista Portuguesa de Xadrez (II série), continuará a ser o elo de ligação de todos os que estão, de qualquer forma, relacionados com a modalidade. Para disputar, durante os próximos dois anos, as preliminares das provas da Federação Internacional de Xadrez por correspondência, a Federação Portuguesa, com o acordo da secção delegada para o xadrez por correspondência (Figueira da Foz), selecionou os seguintes jogadores: Álvaro Pereira (capitão), Luís Santos, Raul Soares Nobre, Vitor Silva, António Pereira dos Santos, José Pereira dos Santos, Renato Vasconcelos (suplente) e Carlos Pires (suplente).

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.° 33 DE 17 DE ABRIL DE 1977

O Algarve, x11 121 x11 1211; Auto-Rádio, 2x2 221 212 1111; Cardeal Saraiva, 2x2 1x1 111 x2x1; A Comarca de Arganil, 2xx 1x1 x11 2221; Cavalgada do Ritmo, 2xx 221 212 112x; O Distrito de Setúbal, 1x2 1x1 x11 111x; Rádio Totobola, x11 1x1 x11 11xx; O Despertar, 2x1 111 11x 21xx; Correio do Douro, x1x x11 21x 11x2; O Comércio de Leixões, 2x1 x11 11x x12x; O comércio do Porto, x1x x21 1x2 21x1; Correio dos Açores, 2x2 211 21x 112x; Correio de Coimbra, 21x 1x1 111 11x1; Pajú Informativo, x22 x11 21x 12x2; Objectivo, 2xx 121 x11 2x22; Pajú Desportivo, 212 xx1 1x2 x12x; Correio do Vouga, 21x 1x1 111 1121; Defesa de Espinho, 2xx xx1 111 11x2; Diário de Coimbra, xxx 1x1 11x 21xx; Diário de Lisboa, x1x 111 112 212x; Ecos de Cacia, xx2 1x1 112 12xx; Estrela da Manhã, 2xx 1x1 x11 11x2; Estúdio 64, x22 111 x1x x121; Eu Sei Tudo, 21x x21 x1x 1222; Jornal de Gaia, 21x x11 11x 1111; Folha de Domingo, 21x 1x1 x12 x111; Gazeta das Caldas, 21x 211 111 11xx; O Jornal de Felgueiras, 2xx xx1 111 11x2; O Jornal da Lixa, 21x 111 x1x 1x21; Jornal de Sintra, 21x 1x1 11x 2x2x; Jornal do Sul, 221 111 211 x1xx; Linhas de Elvas, 211 1x1 21x 11xx; Litoral, x22 121 x11 112x; Manchete Desportiva, 111 111 111 1x2x; Maria da Fonte, 211 1x1 111 11xx; Mundo Desportivo, 212 xx1 x11 21xx; O Norte Desportivo, x11 111 x1x x1x1; Noticias de Évora, 2x1 111 x11 x1x1; Noticias de Felgueiras, xxx 1x1 x11 xx11; Noticias de Gouveia, 1x2 1x1 112 1xx2; Noticias de Guimarães, 12x 1x1 1x1 221x; Noticias das Caldas, 112 111 211 xx11; A Ordem, 2x1 xx1 111 1xx1; Penalti, 11x 111 111 11x2; Placard Desportivo, 2x1 x21 1x2 11x1; Presença Coimbrã, 21x x21 x11 1x21; Programa Sem Nome, xxx 221 x11 x212; Quadrante Desportivo, 21x xx1 21x 1x2x; Quadrante Norte, 111 1x1 xxx 1x2x; Panorama, x1x 221 xxx x1xx; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 111 111 211 11x1; Repórter do Dia, 2x2 121 111 112x; Resenha Desportiva, 1xx 211 21x 122x; Reconquista, 21x 111 111 1xx1; Renovação, 211 121 212 2112; Encontro Musical, 211 x21 x12 1121; Dimensão 3, x1x 121 2x1 212x; Primeiro Andamento, 2xx x21 111 12xx; RDP-Desporto, 21x 1x1 x1x x12x; A Voz das Beiras, 21x x11 x1x 21x1; A Voz do Domingo, xxx 121 111 1xx1; Voz de Lamego, 2x2 xx1 211 21x1; A Voz de Palmela, x12 x21 x12 111x; Alvo Desportivo, x1x 111 x11 1111; Boletim Desportivo, x11 x21 212 x1x2; Jornal da Graça, 21x x11 111 x1x1; Jornal da Graça, 2xx xx1 111 111x; Miscelânia Musical, 222 111 xx2 112x; Montra do Exito, 22x 1xx 221 x1x1; Música e Desporto, 222 1x1 xx1 1111; O Primeiro de Janeiro, 11x 121 111 2121; Programa da Manhã, 2xx 111 x1x x12x; Rádio Alvo, 212 x11 x11 1111; Só Rádio 2x2 [illegible] 21x [illegible]x1 A Voz dos Rid[illegible] x1x 2x11

	RESUMO 1	X	2	[illegible] 1	X	2
1. GUIMARÃES - BENFICA	11	20	45	2	5	
2. PORTIMONENSE - BELENENSES	39	28	9	[illegible]	[illegible]	[illegible]
3. LEIXÕES - BOAVISTA	18	39	19	3	[illegible]	[illegible]
4. BEIRA-MAR - SETÚBAL	45	23	8	7	4	[illegible]
5. MONTIJO - ACADÉMICO	26	30	20	4	3	[illegible]
6. PORTO - SPORTING	75	1	0	11	[illegible]	[illegible]
7. ATLÉTICO - BRAGA	30	29	17	5	[illegible]	[illegible]
8. SPORTING - VARZIM	66	9	1	10	[illegible]	[illegible]
9. CHAVES - PAÇOS FERREIRA	40	22	14	[illegible]	[illegible]	
10. PAREDES - FAFE	44	17	15	[illegible]	[illegible]	[illegible]
11. U.COIMBRA - PORTALEGRENSE	51	15	10		[illegible]	
12. UNIÃO LEIRIA - FEIRENSE	18	33	25	[illegible]		
13. SINTRENSE - BARREIRENSE	33	31	12	[illegible]	[illegible]	[illegible]

a) Nos termos do Art.º 13º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de [illegible] o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica [illegible]:

21X 1X1 111 11X1

Noruega ajuda a construir hospital

VILA REAL, 14 — O distrito de Vila Real, uma das regiões mais subdesenvolvidas de Portugal, vai ter um novo hospital custeado pelo governo norueguês que acaba de oferecer 700.000 contos com esse objectivo. As obras, segundo informações do governador civil do distrito, deverão começar ainda este mês, prevendo-se que o novo hospital, que será construido na aldeia do Lordelo, venha a ter 450 camas.

Ramiro Moreira ao vivo

Continuação da pág. 12

queria levar a vida de certo modo «bon vivant». Não é? E claro, nunca queria parecer mal... Sabe Deus às vezes. A tal história que eu contei. Jantar em casa do pai, e ir a correr a casa da mulher tomar uma refeição também, e tudo... Havia dinheiro para gasolina, aquele estúido daquele carro gasta gasolina que nunca mais acaba..., dinheiro para a mulher das limpezas e limpar lá o apartamento, e para ir uma vez por outra ao cinema com as raparigas... Ultimamente não havia dinheiro, nunca houe, e então ultimamente é que havia falhas.

PAPÉIS DO KAÚLZA

Mas de que maneira.

— Você lá em cima na sua casa tinha uns papéis de uns discursos, uma coisa do Galvão de Melo, outra coisa do Kaúlza,... Quem é que lhe deu aquilo?

— O Galvão de Melo, admiração pessoal pelo general Galvão de Melo. O Kaúlza de Arriaga pela minha linha ideológica tenho simpatia pelo Kaúlza de Arriaga. E assisti uma vez aqui a uma conferência de Imprensa. Não há nada mais. Pelo menos nunca fui contactado. Nem houve tentativa nenhuma. Muitas pessoas minhas conhecidas, eu sei que são simpatizantes do Kaúlza de Arriaga, mas nunca o nome de Kaúlza de Arriaga foi mencionado para... sei que ele tinha um grupo qualquer, mas nunca... Um grupo não activo para colaborar no partido. Eu conheço muitas pessoas que gostam do Kaúlza de Arriaga e perfilham das ideias do Kaúlza de Arriaga. Primeiro era do Galvão de Melo, depois o Galvão de Melo parece querer resolver desistir e viraram-se para o Kaúlza de Arriaga. E eu simpatizo, quer dizer, simpatizo de uma maneira geral, com todas as pessoas mais ou menos da linha direita. Continuo a simpatizar, mesmo depois de tudo isto e de ter sido... ter sido vá lá enganado por malta que se intitula de direita mas que de direita só tem os interesses mesmo deles e mais nada. E que se estão a marimbar para o País. E o que eles querem — que eu chegue à conclusão — é que o País entre em convulsão porque quanto mais confusão houver mais eles ganham. Eu sei que certos indivíduos, são assim.

BOMBAS NAS IGREJAS NÃO!

Caso dum Joaquim Ferreira Torres, desse Manuel Macedo, e doutros, não é? Que entretanto não estavam envolvidos nisso mas que sabiam de negócios de moedas, e negócios disto, e negócios de outro, e negocios daquilo, mandar caixas para o Brasil, e mais isto e mais aquilo, importações assim, importações por debaixo da cortina, tudo este coiso de indivíduos que gostavam que houvesse muita confusão, muitas bombinhas, e quantas mais bombinhas houvesse os tipos pensavam nas bombas, não pensavam nas falcatruas que estavam a fazer por detras, e não tenho dúvida nenhuma que vi que essa camarilha toda estava interessada não na democracia, que isto fosse por diante mas antes pelo contrário gostavam é que a coisa continuasse bastante... bastante agitada. E faziam tudo... Até davam a sensação que... Inclusive chegaram a sugerir-se ideias de pôr-se bombas nas igrejas. Eu não sou católico praticante, mas tenho o meu respeito lá pelas coisas sagradas. Os meus pais sempre foram assim, e eu recusei-me obstinadamente: «Não. Em igrejas não, nem pensar numa coisa dessas. Não fomos agora também andar a ponto...» Uma vez: Ah, para lançar a confusão. Numa igreja...»

— Quem é que propôs isso?

JOAQUIM TORRES ERA O «CÉREBRO»

— Prpôs-me o sr. Joaquim Ferreira Tores. Achava que isso era uma ideia, uma ideia muito boa para manter essa chamada confusão. Esse senhor é uma pessoa diabólica. E lamento imenso, lamento imenso e faço fé em qualquer altura e na presença de seja quem for, que o cunhado, o sr. major Mota Freitas, se tivesse envolvido nisto... Mas tenho a certeza absoluta que esse homem tem um medo incrível do cunhado. Primeiro porque enfim, casou-se com uma irmã. Ele domina-o como quer. Até porque tenho outras referências do major Mota Freitas em que ele é uma pessoa honesta, vertical, nunca foi coisa, mas casou-se com a irmã do Ferreira Torres, e tal, e o Ferreira Torres exerce uma... Exerce sobre ele uma coisa... O cérebro de toda esta história é o Ferreira Torres. Até porque ele sabia muito anteriormente. Quando eu me meti nestas andanças, aquele rapaz o Ludgero disse-me: «Oh pá tu sabes, eu havia de te levar ao Ferreira Torres. Porque ele dá umas massas, e tal.» Porque o Ludgero conhecia Ferreira Torres. Duns negócios de moedas de carros e de não sei que mais... «Ele há-de-te dar umas massas». E eu uma vez cheguei ao major Mota Freitas e disse-lhe assim: «Então o seu cunhado!...»

Plenário da A.R.

Por acordo com os grupos parlamentares, o plenário da Assembleia da República não reunirá amanhã, como estava previsto, mas na próxima sexta-feira, a partir das 14 horas.

Da ordem de trabalhos fará parte a discussão da proposta de lei 61/1 sobre a emissão de empréstimos públicos «Fomento de Investimento Público — CIP», a ratificação de Convenção n.º 87 da OIT sobre a liberdade sindical e a protecção do direito sindical e a ratificação da Convenção n.º 11 da OIT sobre os direitos de associação e de coligação dos trabalhadores agrícolas.

Lemos Ferreira em Tancos

O Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, esteve hoje em visita de trabalho na Base Aérea 3 (Tancos), onde, conjuntamente com o comandante da Região Aérea e todos os comandantes das Unidades operacionais, discutiu e analisou a situação interna da F.A. perante o actual contexto politico-militar do País.

Nota oficiosa

CASAS PARA RETORNADOS

Comissariado para os Desalojados divulgou a seguinte nota oficiosa sobre atribuição de fogos:

«Tendo chegado ao conhecimento deste Comissariado que nalguns locais do País se está a processar indevidamente a abertura de inscrições para a atribuição dos fogos constantes do seu programa habitacional em curso (casas prefabricadas), esclarece-se os interessados do seguinte:

«1.º — Essas inscrições não têm qualquer validade, não se responsabilizando o Comissariado pelos prejuízos que daí possam advir.

2.º — Logo que aprovados superiormente os regulamentos do concurso e atribuição dos fogos em construção, o Comissariado, em ligação com o Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção, divulgará a nível nacional e através dos órgãos de Comunicação Social e das suas comissões regionais, distritais e concelhias, todos os elementos que possibilitem a inscrição nesse concurso.»

SUPER STARK
ANTENA TV ELECTRÓNICA
Só 250$00

Uma pequena maravilha que transforma a sua instalação eléctrica numa gigantesca rede que amplia o campo de recepção da TV e rádios com AM-FM.
PEDIDOS À COBRANÇA
+ 25$00 (portes)
SEX-SHOP
Apartado 292 — PORTO

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ANÚNCIO
2.ª PUBLICAÇÃO

FAZ-SE saber que por este 1.º Juízo e 1.ª Secção, e, nos autos de acção especial para Divórcio litigioso n.º 1288/76 que o autor, JOSÉ ALBERTO DE CARVALHO, residente na Travessa do Terreiro do Trigo, 6, 4.º Esq.º, em Lisboa, move contra a ré, ISABEL MARIA GUERREIRO, casada, doméstica, de 35 anos de idade, natural de S. Salvador, Odemira, ausente em parte incerta, e com último domicílio conhecido na Rua Luciano Cordeiro, n.º 7 cave, direita, nesta cidade de Lisboa, correm Éditos de TRINTA DIAS, a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquela ré Isabel Maria Guerreiro, para, no prazo de VINTE DIAS, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido que consiste em ser decretado o divórcio entre autor e a ré com fundamento na Alínea h) do Artigo 1778.º do Código Civil; e, bem assim, no mesmo prazo deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária formulados pelo autor, seu marido, com base na insuficiência económica deste.

Lisboa, 16 de Março de 1977

O Juiz Corregedor do 1.º Juízo,
(José Neto do Amaral e Pereira da Silva)

O Escrivão de Direito da 1.ª Secção,
(Jaime Júlio da Silva Cardoso)

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA Máxima 17,6º
ELVAS Mínima 3,0º

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo vento fraco ou moderado de Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

PORTO	14º
P. DOURADAS	10º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	15º
FARO	17º
FUNCHAL	16º

MARÉS DE HOJE

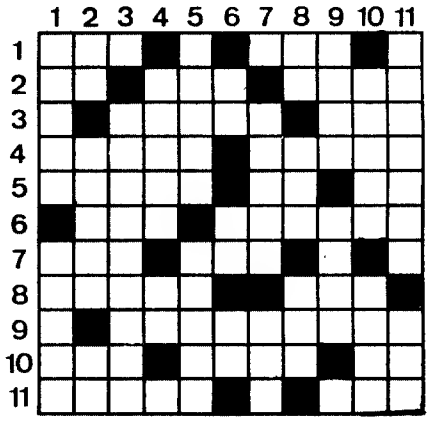
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.09	3333.7 m	6.13	1,3 m
12.44	3,6 m	18.30	1,4 m
DIA 15			
1.01	3,8 m	6.55	1,2 m
13.29	3,8 m	19.10	1,2 m
DIA 16			
1.45	4,0 m	7.30	1,1 m
14.08	3,9 m	19.45	1,1 m

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.01
OCASO AS 20.13

Dia 18 Dia 26 Dia 3 Dia 10

Palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11718



HORIZONTAIS:

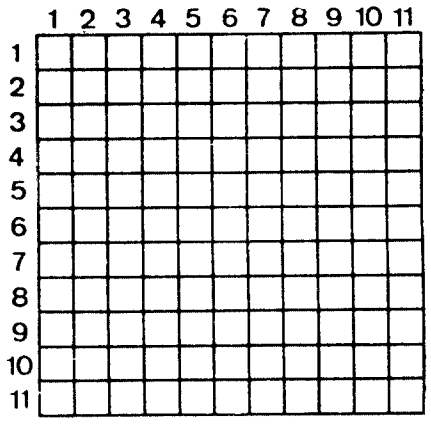
1 Animal doméstico. Pronome relativo.
2 Artigo definido. Estrada macadamizada. Qualquer proção de uma curva.
3 Mulher que rouba. Lista.
4 Bailarina espanhola que executou na ópera de Paris, numerosas criações coreográficas. Nome de flor.
5 Corpo celeste. Batráquio. Arsénio (abrev.)
6 Pequeno símio do Brasil. Ligeiros.
7 Oceano. Colocou.
8 Cidade do Japão. Acreditei.
9 Comprarias.
10 Rio de Portugal. Bisnaga. Nome que os Egípcios davam ao Sol.
11 Pronome demonstrativo. Negativa.

VERTICAIS:

1 Multa, pena, que se impõe especialmente ao dono de gados que danificam propriedades alheias. Tortura.
2 Campeão. Tostas. Alteza Serenissima.
3 Combatêramos.
4 Aquele que leva uma empresa a bom êxito. Cério (sq).
5 Saudável. Estacionas.
6 Cidade da antiga Caldeia. O lado do vento. Centímetro.
7 Picantes. Suspiros.
8 O mesmo que uma (ant. e popl. Chefe etíope. Nome de jogo.
9 Vagueia. Vinho de Palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico.
10 Nome que se dá na serra da Estrela aos pequenos vales. Palmeira da Amazónia.
11 Pessoa agigantada. Saudável.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7778



HORIZONTAIS:

1 Nome de peixe. Certa qualidade de cereja (T. de Viana).
2 Magnete natural. Sentidas Condolências. Prendem com elos.
3 Emblemas. Planta vivaz e medicinal.
4 Inunda. Soluçar.
5 O mesmo que rolão. A Pérsia.
6 Montões. Antes de Cristo.
7 Aparelho de ginástica. Espaço de doze meses.
8 Amónio (s.q). Nome de letra. Impulso.
9 Lista. Organização das Nações Unidas. Eia!
10 Tecido de linho. Forte. Mãe de Ismael.
11 Espécie de terra avermelhada que se emprega para dar brilho ao ouro. Membro de ave.

VERTICAIS:

1 Descascar. Pragana de espiga de cereais.
2 Planta também chamada lírio-do-campo. Grande afeição.
3 Borla de barrete. Liga.
4 Apanha. Mil e cinquenta em romano.
5 Serra de Portugal. Personagem do Otelo de Shakespeare.
6 Prefixo de negação. Prefixo de privação.
7 Encolerizas.
8 Vinte mãos de papel.
9 Oculto. Dá como explicação ou desculpa.
10 Atravessa. Nome de frutos.
11 Rio da China. Enrubescera.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11717

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 O. Provarias.	1 Omar. CALADO.
2 Maré. Au. Ora.	2 Atinaras.
3 Ato. Arredar.	3 Prós. Cera. É.
4 Riso. Aa. Aca	4 Re. Obá. Ar
5 Bar. Isar.	5 O. Ave. Ata.
6 Caçavam.	6 Vararam. Cr.
7 Are. Ementas.	7 Aura. MELHOR.
8 Lara.	8 Iodas Giz.
9 Asa. Achegas.	10 Araçá. Afama.
10 Atro Imo.	11 Sararas. Soo.
11 Opera. Razão.	

PROVÉRBIO O calado, é o melhor

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7776

HPRIZONTAIS	VERTICAIS
1 Paval. Trama.	1 Pá. Chapadas.
2 Anal. Arem.	2 Ana. Grão. Ru.
3 Agá. Rã. Alaí.	3 Vaga. Morada.
4 Arre. N.S.	4 Alarga. Oro.
5 Hg. Grã. Br.	5 Arc.
6 Arma. Aos. Ro	6 Pregaram.
7 Pão. Fr. Mat.	7 Ro. Vás.
8 Aoro. Ave. Sá.	8 Ra. Nas. Eros.
9 Aramara.	9 Arás. Are.
10 Ardor. Sorna.	10 Mel. Bras. Ni.
11 Sua. Cl. Seis.	11 Amarrotaras.

farmácias de serviço

LISBOA

AFRICANA — R. Bernardino Costa, 45. Tel. 369120
ARNALI — Rua Escolas Gerais, 83-A. Tel. 863940
ASCENSO — Praça Norte, 11-A (Bairro Encarnação) Telefs. 311216-310171
AVENIDAS — Av. República, 27-A. Tel. 533688
AZEVEDO, FILHOS — Pr. D. Pedro IV, 31 (Rossio). Tel. 327478
CARRASCO — Rua Presidente Arriaga, 39. Tel. 667460
CELTA — Rua Moura Girão, 3-B. Tel. 890621
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480
CUNHA — Rua Escola Politécnica, 16. Tel. 325455
DIMAR — Rua Conde Monsaraz, 17-B Tel. 842533
G. SILVA — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873
GAMA — Calçada da Estrela, 130. Tel. 660339
J. RIBEIRO — Estrada da Luz, 199-A. Tel. 780969
JOÃO XXI — Av. João XXI, 16-A. Tel. 726462
MARLUZ — Calç. da Picheleira, 140. Telefs. 720703-728395
MENDES GOMES — C.ª da Ajuda, 222. Tel. 638256
NOBEL — Rua Actor Vale, 53. Tel. 842152
OLIVEIRA — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424
OLIVEIRA VIEGAS — Rua Viriato, 29-A. Tel. 548966
ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo, 2-B. Tel. 45079
PROFÍRIO — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349
RAINHA SANTA — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B. Tel. 765262
S. A. E. SILVA, F.os — Rua S. João da Mata, 72-74. Tel. 661010
SALTER — Rua de Xabregas, 63-65. Tel. 381185
SANEX — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 897505
SIMÃO — R. Cidade de Cabinda, 15-A. Tel. 310581
TAPADA — Calçada da Tapada, 83-A. Tel. 634721
UNIÃO — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 700092

PERMANENTE

AVENIDAS — Av. da República, 27-A. Tel. 533688
ASCENSO — P.a Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tel. 311215-310172
CARRASCO — Rua Presidente Arriaga, 39. Tel. 667460
DIMAR — Rua Conde Monsaraz, 17-B. Tel. 842533
G. SILVA — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873
AZEVEDO, FILHOS — P.a D. Pedro IV, 31 (Rossio) Tel. 327478
GAMA — C.a Estrela, 130. Tel. 660339
NOBEL — R. Actor Vale, 53. Tel. 842152
SANEX — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 381185
UNIÃO — Est. de Benfica, 592-594. Tel. 700092

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Miraflores** — R. António Granjo, 2 (Telef. 2113161)
ALCABIDECHE — **Carvalho** — Até às 21 horas
PORTO SALVO — **Ferreira Bastos** — Até às 21 horas
CARCAVELOS — **Central** — Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA — **Godinho da Silveira** — Av. Saboia, 29-B (telef. 260085). Até às 21 horas
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS — **Godinho** — R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS — **Leal** — Até às 21 horas
PAREDE — **Macau** — R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785)
PAREDE — **Junqueiro Mendes** — Até às 21 horas
AMOREIRA — **Amoreira** — (Telefs. 262313-267314). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL — **Lopes** — R. Hangar, 3 (Telef. 260008). Até às 24 e das 0 às 9 horas
CASCAIS — **Misericórdia** — R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141). Até às 21 horas; **Cascais** — R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef. 938703). Serviço permanente; **Carmele** — R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303). Até às 22 horas; **Helénica** — R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613). Até às 22 horas
DAMAIA — **Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
MERCÊS — **Claro Russo**
QUELUZ — **Gil** — Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117)
CACÉM — **Araújo e Sá** — Est. de Paço de Arcos, lote 1-B (Telef. 2940781)
MEM MARTINS — **Química** — Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2914103)
RIO DE MOURO — **Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194)
SINTRA — **Marrazes** — Estefânia (Telef. 2930058)
COLARES — **Abreja** (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — **Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS — **Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250)
BAIXA DA BANHEIRA — **Teixeira** — B.º de Moçambique, 84 (Telef. 2040946)
BARREIRO — **Normal** — Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2073035)
ALMADA — **Galeno** — R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565)
COVA DA PIEDADE — **Cerqueira Afonso** — P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 2750254)
MOITA — **Silva Rocha** — P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO — **Montepio** — R. Almirante Reis, 93 (Telef. 2310035)
SESIMBRA — **Lopes** — R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028)
SETÚBAL — **Bocageana** — R. do Romeu (Telef. 23425); **Bairros** — B.º Santos Nicolau (Telef. 23330)
SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

NAU VITÓRIA — Rua Nau Vitória, 723 Tel. 490427
ORDEM DA TRINDADE — Rua Heróis e Mártires de Angola Tel. 27420
CONFIANÇA — Rua de Santa Catarina, 960. Tel 22884
ANTAS — Av. Fernão Magalhães, 1076 Tel. 481158
ANTIGA PORTA DO OLIVAL — Campo Mártires da Pátria, 122 Tel. 24262
FERREIRA — Pr. D. Afonso V, 55. Tel. 681975
LOUSADA — Largo do Campo Lindo, 62 Tel. 480353

(De dia e toda a noite)

ALVES DA SILVA — Av. da Boavista, 1016. Tel. 60342
AZAVEDO — Rua de Azevedo, 136. Tel. 52344
GOMES FERREIRA — Rua Faria Guimarães, 449. Tel. 481907
FALCÃO — Rua Santo Ildefonso, 61. Tel. 21566

COIMBRA

CRUZ VIEGAS — Rua do Brasil, 154. Tel 74821
MONTES CLAROS — Rua Dr. António José de Almeida, 69. Tel. 25904

espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»

MARIA MATOS
21.30 (18 anos)
«O Encoberto»

VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Isto é que me Dói»

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»

TEATRO BAIRRO ALTO OS CÓMICOS
21.30 (18 anps)
«Magic Afternoon»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui Quem Manda sou Eu»

ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Paródia»

LISBOA/Cinemas

CALEIDOSCOPIO
21.15 (6 anos)
«A Espada Era a Lei»

SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«Morte em Veneza»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«O Sexto Continente»

PARIS
21.15 (18 anos)
«Expose»

EUROPA
21.15 (18 anos)
«A Agressão»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Dragão»

PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«O Justiciero de Deus»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
Férias Violentas»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Laços Escaldantes»

OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«O Jogo do Ouro»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Fogo Real»

RESTELO
21.15 (13 anos)
«Aaina»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Rapariga para Casal Precisa-se»

PALÁCIO FOZ
21.15 (13 anos)
«A Escada de Caracol»

ARCO
21.30 (10 anos)
«O Diabo não Dorme»

ROYAL
21.15 (13 anos)
«Não há azar»

CINE-AUDITÓRIO
21.15 (14 anos)
«O Juiz (Roy Bean)»

VOX
21.15 (13 anos)
«Moisés, o Profeta»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (13 anos)
«Dr. Estranho Amor»

PAÇO DE ARCOS
Charlin
21.15 (18 anos)
«A Minha Mulher é um Violonsexo»

PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«Ambição Fatal»

CASCAIS
Oxford
16, 21.15 (13 anos)
«A Espada Cumprida de Siegfried»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Irmão contra Irmão»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (6 anos)
«A História de Cinderela»

MEM MARTINS
21.15 (13 anos)
«O Marujo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
Teatro «A Grande Jogada»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Cidade do Crime»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
Cinema (1900» 1.ª parte

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Amor entre Mulheres»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Os Preços»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«20.000 Léguas Submarinas»

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Homens e Tubarões»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Moisés o Profeta»

OLIMPIA
21.15 (18 anos)
Lições privadas»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Voando Sobre um Ninho de Cucos»

ESTÚDIO 400
21.15 (18 anos)
«Um Tipo Duro de Roer»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»

CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Tudo Vai Bem»

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Tubarão»

S. JOÃO
21.00 (13 anos)
«Zorro»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«A Iniciação de Flossie»

JÚLIO DINIS
21.15 (12 anos)
«Mulheres e recrutas»

SALA BEBÉ
21.15 (18 anos)
«Casy Rider»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Mistérios do Organismo»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Lucky Luciano»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«S. Francisco Cidade nua»

COIMBRA

S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«De Amor Também se Morre»

AVENIDA 21.15 (13 anos)
«Lutador da Rua»

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Tubarão»

cinemas

ALVALADE
Tel. 897480
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
2.ª Semana
Magia, sonho, beleza e Alegria!
Walt Disney apresenta
A ESPADA ERA A LEI
Para todos
Falado em Português

APOLO 70
Tel. 763319 — 14.15, 17.45 e 21.15
N. Acons. men. 13 anos
BARRY LYNDON
6.ª semana
um filme de Stanley Kubrick
Às 0,30h - Grupo D. m. 18 anos
A PRINCIPAL TESTEMUNHA

AVIS
Tel. 47163 — 15.30, 18.30 e 21.15h
Int. men. 18 anos
O primeiro e único monstro das artes marciais
O HÉRCULES CHINÊS

BERNA
Tel. 776098 — 15,00, 18.00 e 21.15
Um espectáculo de rara distinção!
A HISTÓRIA DE CINDERELA
3.ª Semana
com Richard Chamberlain, Gemma Craven
Para todos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093
Sessões às 14, 16.30 19 e 21.15
2.ª semana
A ESPADA ERA A LEI
Magia, Sonho, Beleza, Alegria
Para todos

CASINO ESTORIL
Tel. 264521 — 17 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
A PROFESSORA DE CIÊNCIAS NATURAIS

CASTIL
Tel. 630194 — 15.15, 18.15, 21.15
Burt Lancaster em
MOISÉS, O PROFETA
O grande filme da Páscoa com Ingrid Thulin/Irene Papas
Não acons. a menores de 13 anos
Amanhã às 24 h. ante-estreia
A REDENÇÃO
Int: men 18 anos

CONDES
Tel. 322523 — 14,00, 16,30, 18 45 e 21.15
(Para todos)
Louis de Funès
PEITO OU A PERNA
2.ª semana

EDEN
Tel. 320768 — 14, 16.30, 19,00 e 21.15
Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss
TUBARÃO
(JAWS)
2.ª Semana
Um filme de Steven Spielberg
Não acons. a men. de 13 anos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ESTÚDIO
Tel. 535134 — 15.00, 17.00 19.00 e 21.15
Sisse Reingaard/Ole Busck
DIÁRIO DE UMA ADOLESCENTE
2.ª Semana

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 — 14.30, 16.45 19. e 21.15
Não acons. a M/ 13 anos
4.ª Semana
A MARQUESA D'O

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 — 15.15, 18.30 e 21.15
Para todos
Ele ai está
Louis de Funès em
2.ª Semana
O PEITO OU A PERNA
O grande espectáculo nas férias

LONDRES
Tel. 801313 — **14.15, 16.30, 19 e 21.15**
Não acons. a men. de 18 anos
O INTRUSO
5.ª semana
c/ Laura Antonelli
4.ª semana
um filme de Luchino Visconti

MUNDIAL
Tel. 538743 — 15.15, 18.15, 21.30
5 «Oscars» da Academia Britânica
BUGSY MALONE

NIMAS
Tel. 574362 — 14.15, 16.30 18.45 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
Um documento único, real e importante
HOMENS E TUBARÕES
o filme de Bruno Vailati

ODEON
Tel. 326283 — 15.15, 18.15
Não acons. men. 18 anos
(Colorido)
SURVIVE

PATHÉ
Tel. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Int. a men. 18 anos
3.ª Semana
SPERMULA
A VAMPIRA DE HOMENS
c/ Jayile Maddon

POLITEAMA
Tel. 326305 — 15.00, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
MOISÉS O PROFETA
c/ Burt Lancaster
em 2.ª semana

RESTELO
Tel. 610375 — Às 21.15
Não acons. men. 13 anos
A AINA

ROMA
Tel. 727778 — 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. m/ 18 anos
Um caso verídico!
SURVIVE
Epopeia dos Andres

ROXY
Tel. 48560 — 14.15, 17.45, 21.15
Da India uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
3.ª Semana
Não acons. a men de 13 anos

S. JORGE
Tel. 554153/4 — 15.15, 18.15, 21.15
5 «Oscars» da Academia Britânica!
BUGSY MALONE»
Música de Paul William
3.ª Semana
Não acons. men. 13 anos

STADIUM (Algés)
Tel. 2112544 — 18.00 e 21.30
Semana de Ficção Científica
Maiores de 18 anos
BARBARELA
Amanhã às 15 h
A AMEAÇA DE ANDRÓMEDA
(M: 14 anos)

TIVOLI
Tel. 570595 — 14,00, 17.45 e 21.45
3.ª semana
Não acons. a men. de 13 anos
BEN-HUR
c/ Charlon Heston-Jank Hawkins, Haya Hararelt
4.ª Semana
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

UNIVERSAL
Tel. 774402
Ás 15, 18 e 21 h.
«1900» (2.ª parte)
Um filme de Bernardo Bertolucci
Não acons. m/ 18 anos)
Sexta e sábado às 24 h.
«1900» (2.ª Parte)

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — Às 21.15
Às 21.15 h
É PRECISO VIVER PERIGOSAMENTE

1.º Programa

16.00: Noticiário «Musivária»; **17.00**: Giradiscos; **18.05**: «O Povo e a Terra», Programa do Emissor Regional do Sul «Música Portuguesa»; **19.00**: «A Criança», Programa do Emissor Regional de Coimbra; **19.30**: Acção sindical; **20.00**: «Jornal da Noite»; **20.30**: Orquestras; **21.00**: 3.º episódio do folhetim «A Mordaça», de Alfonso Sastre, numa adaptação de Maria Arlete Reis; **21.14**: «Contraponto»; **23.30**: Polidesporto; **00.00**: «Último Jornal»; **00.30**: Música de Filmes; **01.00**: «Música na Noite»

3.º Programa-Nacional e Regional-(290 m)

16.00: Variante (continuação); **16.10**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **17.10**: Prevenção e saúde, pelo dr. Sousa Pereira (repetição); **18.00**: «Contacto»; **18.20**: Títulos de 1.ª página; **18.30**: Actualidade; **18.45**: Fórmula 1; **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.15**: Antologia; **20.30**: Pesquisa; **20.50**: Diálogo; **21.00**: A música e as vozes; **21.30**: «Quando o telefone toca»; **23.03**: «Nocturno»; **23.06**: Mensagens bíblicas; **24.00**: «Nocturno» (continuação); **00.15**: «Dia a dia com o passado»; **02.00**: Fecho.

3.º Programa-Local (187,5 m)

18.00: «Entardecer»; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **19.30**: Romance duma cidade (repetição); **20.15**: Apontamento biográfico; **21.00**: Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

19.00: «Em Orbita»; **20.00**: Programa da noite; **22.00**: «Auditório»; **24.00**: «Prisma»; **02.00**: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Noticiário; **16.05**: Sequência da Tarde; **18.08**: Apelos; **18.30**: Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rr; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao Encontro da Grande Música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas Vivos; **23.05**: Última Hora; **23.30**: Dicionário Político; **23.55**: Meditando; **01.00**: Rotação; **02.00**: Encerramento da Estação.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 17363
LISBOA PORTUGAL

Recapturado um evadido do carro celular

Dois agentes da Guarda Nacional Republicana deliveram ontem à noite um dos presos libertados pelo «comando» que na tarde de terça-feira assaltou o carro celular dos Serviços Prisionais, próximo do Hospital de Caxias.

O evadido agora recapturado é Vítor Barata, também conhecido por «Rato» ou «Míope» e viria a ser detido em Queluz quando, de «táxi», se dirigia para casa da sua companheira, algures em Rio de Mouro.

À passagem do «táxi», dois motociclistas da GNR reconheceram no passageiro o evadido, movendo imediata perseguição ao automóvel. O «táxi» acabou por parar ao sinal dos agentes da autoridade e do seu interior saiu Vítor Barata, que se encontrava visivelmente embriagado.

Entretanto, prosseguem as diligências com vista à recaptura dos restantes elementos que se encontram a monte. As três corporações policiais — PJ, PSP e GNR — desenvolvem nesse sentido grande actividade.

Na altura, «Manolo» conseguira fugir ao volante de um automóvel, com o produto do assalto: 220 contos.

Manuel Ribeiro Mesquita namorava uma jovem no Vale da Pinta, concelho do Cartaxo, e este facto foi decisivo na sua captura. O «Manolo» não resistiu à tentação de passear com a noiva na sua terra e, na circunstância, a Polícia actuou. Não foi possível, contudo, capturar dois indivíduos que se encontravam com o assaltante e por isso suspeitos.

O delinquente tinha consigo ainda 193 contos, provenientes do assalto ao banco, e uma pistola de guerra «Savage».

Vítor Barata: 24 horas de «liberdade»

«Manolo»: recapturado por um caso de amor

DETIDO ASSALTANTE DE ODIVELAS

SANTARÉM, 14 — A Polícia de Segurança Pública do Cartaxo deteve ontem, ao princípio da tarde, Manuel Joaquim Ribeiro Mesquita, «O Manolo», que lograra escapar após o assalto a um banco em Odivelas, depois dos seus dois cúmplices terem sido presos.

Mota Freitas foi ontem preso

O major Mota Freitas, antigo comandante da P.S.P. do Porto, entrou ontem em regime de prisão preventiva numa unidade militar de Tomar.

A sua detenção, aguardade há vários dias, foi feita na sequência das acusações de que é alvo quanto a ligações com a rede bombista. O major Mota Freitas encontra-se em regime de detenção preventiva, depois de ter estado na situação de apresentado no Comando-Geral da P.S.P. de Lisboa.

O mandato de captura foi passado pela P.J.M. no início deste mês, tendo sido entregue ao chefe do Estado Maior General das Forças Armadas para ser accionado.

Além de Mota Freitas, a P.J.M. emitiu mais cinco mandatos de captura, também com base em acusações de ligações com a rede bombista. Trata-se dos casos de Abílio de Oliveira, Décio Sottomayor, Joaquim Torres, António Silva Santos e Manuel Macedo, todos em liberdade, dado que após a sua próxima detenção ter sido anunciada com invulgar destaque, desapareceram

Semana de Solidariedade com povo do Brasil começou na Reitoria

Um colóquio realizado na Aula Magna da Reitoria marcou ontem o início da Semana de Solidariedade do Povo Português com o Povo Brasileiro, que se prolongará até ao próximo dia 19 de Abril.

O tema abordado por destacados antifascistas brasileiros no colóquio de ontem foi «Causas e consequências do golpe de Estado no Brasil», analisado pelo antigo membro do PCB e actual dirigente do PCB(R), Apolónio de Carvalho e pelo antigo dirigente sindical Rolando Frati.

Presidiram à sessão, para além dos dois intervenientes, o dr. Piteira Santos, director-adjunto do Diário de Lisboa e membro do Comité Pró-Amnistia e o antifascista brasileiro José Abraim. Na assistência, reduzida para a importância do acto, estava presente o almirante Rosa Coutinho.

Apolónio de Carvalho salientou a força crescente do movimento popular no Brasil, denunciando também o propalado «milagre económico», que se traduz, segundo afirmou, no aumento da dependência externa do país, através das grandes multinacionais e por alianças com os grandes agrários e com o capitalismo monopolista interno.

Rolando Frati, ex-presidente do Sindicato da Construção Civil de S. Paulo falou sobre as condições de vida dos brasileiros e denunciou as diversas intervenções militares do Brasil na América Latina, a mando do imperialismo americano.

LEILÃO DE APOIO

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, à Rua Barata Salgueiro, em Lisboa, o anunciado leilão de obras de arte cujo produto reverterá a favor dos antifascistas e presos políticos brasileiros.

As obras a leiloar encontram-se expostas num salão da S.N.B.A.

Eleitas Comissões Consultivas Municipais

As comemorações do 25 de Abril figuraram entre o assuntos debatidos na reunião semanal da Câmara Municipal de Lisboa efectuada anteontem, e que registou a presença do respectivo presidente e de 15 vereadores.

No período da ordem do dia foram designados os vereadores que irão supervisar as Comissões Consultivas Municipais. Assim para a Comissão de Higiene foi designado o dr. Silva Graça; Comissões de Turismo Nandim de Carvalho; Arte e Arqueologia arquitecto Roque Gameiro Barata; Horários do Comércio e Serviços José Feist

Foi ainda apreciado o ante projecto de novos horários para os estabelecimentos de venda ao público.

Em sessão extraordinária, realizada a seguir, para designação do vereador que substituirá o presidente durante a sua ausência em Itália (participação no Congresso das Grandes Cidades do Mundo) foi eleito o vereador dr. Manuel Cabeçadas Ataíde Ferreira.

Conselho da N.A.T.O. espera visita de Eanes

Joseph Luns, secretário-geral da NATO, delcarou ontem em Washington, ser possível que o Presidente da República Portuguesa, general Ramalho Eanes, assistisse em Londres, no dia 10 de Maio, à reunião do Conselho da NATO.

Em contacto esta manhã com a Presidência da República, fomos informados de que «a hipótese de participação do Presidente da República na cimeira da NATO está em estudo, mas o Presidente ainda não tomou nenhuma decisão sobre o assunto».

Luns fez aquela declaração após uma entrevista de 40 minutos com o presidente Carter, em que foram focados problemas da aliança atlântica, em vésperas de reunião cimeira a realizar em Londres, a 10 e 11 de Maio.

Nas suas declarações, o secretário-geral da NATO manifestou-se satisfeito por ter podido constatar o interesse da nova administração americana pelos problemas da NATO, nomeadamente pela convicção de que os E.U.A. não retirarão as suas bases militares da Europa, ainda que isso prejudique o recomeço das negociações SALT, em Genebra.

P.S.D. COM EANES

O Presidente da República recebeu hoje de manhã um delegação do Partido Social-Democrata, composta por Sá Carneiro, Sousa Franco e Barbosa de Melo.

Segundo uma nota da Presidência da República, esta audiência integra-se nas habituais sessões de trabalho do Presidente com dirigentes dos partidos políticos.

Os dinheiros do "dia de trabalho"

Costa Martins ilibado de acusações

O Tribunal da Relação de Lisboa considerou provado que o major Costa Martins nunca teve depositados na Caixa Geral de Depósitos, em seu nome pessoal, 80 mil contos ou qualquer verba tão elevada, condenando portanto a autora do artigo difamatório publicado no jornal «O Dia» por ter violado o direito do ofendido ao seu bom nome.

O artigo, da autoria de Maria de Lourdes Falcão Simões de Carvalho Salvação Barreto, atribuia ao maior Costa Martins o desvio, em seu proveito pessoal, dos dinheiros do «dia de trabalho para a Nação».

O tribunal condenou ainda a autora do artigo a pagar uma indemnização civil de 50 mil escudos ao ofendido.

Este acórdão altera a sentença do 1.º Juízo Correcional de Lisboa que havia absolvido a jornalista de «O Dia»

Na parte criminal a sentença indica que a informação dada pelo capitão Tomás Rosa à jornalista é que a induziu a escrever o artigo e como ele era ministro não era lícito duvidar da informação. Em relação à conta que teria sido aberta em nome pessoal do major Costa Martins as informações dadas pelo capitão Tomás Rosa «não eram inequívocas».

A Relação de Lisboa decidiu por maioria em relação ao conteúdo da notícia que a sua finalidade era exlusivamente política pelo que estaria sempre amnistiada. O desembargador João Alcides de Almeida votou vencido por entender que a ré cometeu o crime de difamação já que, referindo que a conta estava aberta em nome pessoal do major Costa Martins, insinuou o propósito de as importâncias depositadas serem desviadas, referência que não lhe era permitido fazer por o capitão Tomás Rosa não lho ter dito.

Quanto à parte civil o tribunal entendeu por unanimidade que a ré agiu com culpa violando ilicitamente o direito do major Costa Martins ao crédito e bom nome pois afirmou que os dinheiros dos trabalhadores estariam depositados na Caixa Geral de Depósitos em nome do major Costa Martins, o que não corresponde à realidade. Desta afirmação resultou um dano moral para o major Costa Martins, porque originou a suspeita pública de que ele pretenderia apropriar-se daqueles dinheiros.

Nota

PERGUNTA

Personalidade angolana muito ligada ao Governo da República Popular de Angola teria feito a seguinte pergunta: «Não haveria melhor maneira de mostrar sério desejo de estabelecer relações fraternais connosco do que enviarem-nos um conde como embaixador?»

Efectivamente, o embaixador de Portugal em Angola é o dr. J. Sá Coutinho (conde de Aurora), que fora anteriormente embaixador da Guiné-Bissau.

RESPOSTA

Uma personalidade portuguesa recém-chegada de Luanda lamentava-se de que não aparecesse ali à venda uma única conserva de origem portuguesa, apesar de os enlatados terem largo consumo em Angola.

"Jornal Novo" processado pela Inter

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional vai proceder judicialmente contra o vespertino «Jornal Novo», em consequência de uma notícia ontem publicada sobre as comemorações do 1.º de Maio em termos «falsos e caluniosos».

Sob o título «1.º de Maio/Grande jornada de luta contra o Governo democrático/ - Pretende a Inter/PCP», aquele vespertino «noticiava» uma conferência de imprensa realizada na sede da CGTP-IN, onde, na verdade, «não foram proferidas quaisquer afirmações que pudessem levar algum jornalista a inventá-lo». Trata-se, segundo informa a central sindical, de um acto de «calúnia e desinformação, uma e outra consubstanciadas na identificação da CGTP-IN com um partido político e na pretensa afirmação do Movimento Sindical de combater o Governo».

Laboração normal na Soares da Costa

Acedendo às reivindicações dos trabalhadores, a Administração da empresa de construções «Soares da Costa» comprometeu-se a pagar, a partir do próximo mês, os subsídios de dez dias de férias do ano passado ainda em débito.

Como noticiámos, os trabalhadores vinham paralisando uma hora por dia desde o início deste mês, forma de luta que agora suspenderam.

"Metro" parou 23 minutos

Uma avaria no sistema de travagem duma composição do metropolitano paralisou a exploração entre as 8.57 e as 9.20 de hoje.

Detectada na estação de Entrecampos, a avaria começou imediatamente a ser reparada mas, apesar dos esforços, não foi possível evitar a paralisação de toda a rede.

Soares Louro

De Soares Louro, que exerceu as funções de subsecretário de Estado da Comunicação Social, recebemos um cartão no qual refere as atenções que o «Diário de Lisboa» lhe dispensou enquanto titular do cargo desejando felicidades a quantos trabalham nesta casa. Registamos a deferência.

Assembleia da Paz

Realiza-se em Santarém, no próximo dia 19 de Abril, às 21.30 no Cine Clube local, uma reunião distrital preparatória da II Assembleia da Paz, que se reunirá em Lisboa.

A Assembleia da Paz será realllizada sob a égide do Conselho Português para a Paz e a Cooperação.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais-premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º Prémio	41358	9.000 contos
2.º Prémio	34487	1.800 contos (vend. C. Sorte)
3.º Prémio	33506	900 contos

Consulte a lista oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA · PORTO · COIMBRA · BRAGA

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM FEVEREIRO: 46.233
(Hoje 24 páginas)

APARTAMENTO

Precisa-se 1 ou 2 ass. Zona Lisboa. Renda 4.500$00 Contact. Tel. 386156 8h 12 ou a partir das 21.

As gravações de Ramiro Moreira

VOZ DE BOMBISTA AO VIVO REVELA MUITA, MUITA COISA

Em primeira mão, e numa linha de perfeita coerência com o respeito que nos merecem os nossos leitores e com o papel que a Informação deve assumir na defesa do Estado democrático, o «D.L.» revela, neste destacável, o espantoso depoimento de Ramiro Moreira. O homem que recebia ordens, bombas e dinheiro de altos responsáveis para semear o terror no nosso país, sob a capa do anticomunismo mas visando, em última análise o fim das liberdades, a queda da democracia.
Apenas os subtítulos são da nossa responsabilidade.

Fui para o P. P. D. Fui para o P. P. D. e com a simpatia que naturalmente tenho junto das pessoas, as pessoas aceitaram-me perfeitamente. Eu fui para o P. P. D. com a ideia mesmo de ajudar a que houvesse democracia em Portugal e com a ideia de combater o comunismo. Sobretudo, combater o comunismo. Mas nunca pensei que fosse até ao ponto a que cheguei, mas não simpatizava com o que se estava a passar, logo no início, no País, e cada vez se veio a acentuar mais essa minha tendência através dos tempos. Estive durante uns tempos no PPD. No fim de certos dias já estive com dirigentes não importantes do PPD, dirigentezecos que não tinham por mim a maior simpatia porque eu estava sempre a contestar umas certas coisas. E saí publicamente do PPD. Para mim o PPD era um partido de esquerda. Mas toda a gente soube. Aliás, veio publicado no jornal, porque a Comissão Política publicou que eu tinha abusado da minha situação de estar no PPD para dar um abraço ao general Galvão de Melo no comício das Antas e como tal..., já era... Eu saí completamente do PPD. Quando estava no PPD, tive já vários contactos com o nosso major Mota Freitas que eu conheci no PPD, porque estavamos lá em baixo numa secção... O PPD estava instalado numa secção que pertencia à tropa e ele passava por lá. Era pessoa simpática e como eu era o tipo da segurança e havia aquelas ameaças permanentes de feques e dos comunistas, mas principalmente feques e dos UDP's que iam atacar a sede, e mais isto e aquilo, o major Mota Freitas começou-me a dar certas instruções sobre segurança. Inclusive aconselhou-me a que eu tirasse licença de uso e porte de arma caçadeira e aconselhou-me a comprar uma caçadeira, coisa que eu fiz, e nós viemos a ter contactos bastante diários, já ainda eu no PPD, com o major Mota Freitas.

MOTA FREITAS: «ANTICOMUNISTA FAMIGERADO»

O major Mota Freitas considerava-se um anticomunista famigerado. Estava sempre pronto a fornecer qualquer informação e ajuda para combater os comunistas e como via em mim possibilidades e até talvez o aventureirismo de eu querer fazer toda essa..., todo esse trabalho, auxiliava-me em indicações, várias indicações que me dava, sugeria-me certas ideias. Começou por me fornecer um sem número de matrículas de certos indivíduos, a dizer que indivíduos «x» ou indivíduos «assados» seriam mais perigosos ou menos perigosos, uns mais interessados outros menos interessados, mas isto ainda dentro do âmbito do PPD, portanto sem nada de maior. Eu, claro, também não ia actuar logo assim. Limitei-me, com um grupo de rapazes do PPD que não têm nada de significado mas que era malta porreirinha, a chegar à beira dos carros dos comunistas e pôr-lhes um bocado de gasolina com uma bomba incendiária. Incendiámos dois ou três carros de comunistas. Sei lá, atirámos... bem, incendiámos uns carros duns comunistas. Foi mais ou menos isso, até que houve manifestações, quer dizer, entrou-se naquele periodo de convulsão aqui com o general..., com o coronel... Corvacho, e eu através de um rapaz meu amigo do PPD, que não tem nada a ver com o aspecto do terrorismo, o Abílio da Cunha, que faz parte do PPD, resolvemos elaborar um texto atacando o Corvacho. Foi um texto até bastante polémico, que eu pessoalmente distribuí por quase todo o Norte do País, porque se fizeram quase 75 mil exemplares. Ora isso foi, digamos, a base de lançamento para eu depois entrar..., abrir as portas a certas pessoas que viram em mim uma possibilidade, quer dizer, um atrevimento... Até porque eu cheguei a estar detido cerca de quatro horas dentro do Quartel-General..., a ponto de me ter ousado a entrar dentro do Quartel-General e fazer propaganda do papel e entregar uma quantidade bastante grande. Antes disso..., antes disso, tinha encabeçado, e foi talvez essa a minha primeira atitude mais de terrorismo, tinha encabeçado o ataque à sede do MDP/CDE na Boavista. Até ali eu ainda não possuía explosivos. A minha única arma era uma arma caçadeira, tinha uma matraca, uma vez uma, outra vez outra, ... (ri-se) ... e não tinha mais nada. Tinha uma pistola de alarme. Não tinha piada nenhuma aquilo, mas de qualquer das maneiras, tinha.

Começou a haver problemas do «arco-da-velha», isto, aquilo e aqueloutro, até que acontece no Porto uma noite tenebrosa... muito tenebrosa, em que há os acontecimentos da UDP. Quer dizer, a malta... Houve um comício do Partido Socialista, os tipos da UDP começaram a atirar granadas, a malta do Partido Socialista tentou atacar a UDP e eu andei logo ensarilhado naquela marmelada toda. Aquilo deu muita polémica, muitos tiros; muitos tipos «lixados», magoados, não sei... Até parece que morreu um naquela altura. E... e depois... ah!, foi exactamente nesta altura, nos acontecimentos da UDP em que eu me destaquei. E nessa altura eu já era possuidor duma arma 7/75! Tenho a certeza absoluta, e garanto, embora tivesse disparado alguns tiros, tenho a certeza absoluta que não matei ninguém. Até achava muita piada (ri-se)... porque eu já há muito tempo que não dava, quando andava na tropa dava.

FORNECIMENTO DE MATERIAL

E foi nessa altura que eu acelerei o meu contacto com o senhor major Mota Freitas, em que ele me disse que havia uma possibilidade de me fornecer certo material. Então aí eu comecei a chatear certos «gajos» a sério. Material explosivo: material explosivo, granadas e material plástico, cargas de trotil. E foi esse o início da festa, através da pessoa do major Mota Freitas, tendo eu por vezes encabeçado manifestações do PPD. Fui eu que conduzi a manifestação ao RASP! Levei com uma pedra, tenho aqui a marca duma pedrada, tenho uma marca no ombro! Fui dos primeiros a entrar na ponte. Era um indivíduo... Não era nada modesto, e dava mesmo..., quer dizer, ia sempre à cabeça do touro, com um megafone na mão, a conduzir as massas! Achava piada, quer dizer, além do meu partidarismo bastante elevado, a minha ideia de anticomunista, eu achava uma certa piada entrar naquelas coisas. Porque motivava uma pessoa! Quer dizer, de momento, uma pessoa, digamos, obscura. Passei a ser conhecido, e depois tinha certos indivíduos que diziam: «Ah, é uma merda o PPD!». Até clientes meus. E compravam um bidão disto, um bidão daquilo, porque eu era um «gajo» do PPD, era um «gajo» porreiro, aparecia sempre na primeira linha a gritar por todos os lados. E pronto!

Depois, a partir daí, quando eu comecei realmente a ter explosivos... Todo o início foi uma brincadeira. A primeira coisa que rebentou no Porto, que eu intitulo uma brincadeira, mas que foi um explosivo já feito a sério foi... Eu, agora vou contar tudo «tintin-por-tintin» e espero não me esquecer de absolutamente nada. A primeira coisa que rebentou no Porto, até teve muita piada, foi num dia em que estava a chover e eu tentei atacar a LCI. Mas havia uma certa inexperiência, porque apesar de eu ter sido pára-quedista era um pára-quedista mais de lançar e de estar... Mas nunca fui operacional. Fui pára-quedista e mantive-me sem ir para o Ultramar nem nada, e por isso não tinha assim... embora tivesse tirado um curso de arte subversiva e todas aquelas coisas, mas consegui através de um apadrinhamento evitar todas as coisas. Depois também estive na polícia aérea... Bem, mas isso não interessa. Não era uma pessoa operacional, na tropa nunca fui um operacional. Fui sempre mais ou menos atrevido e gostei sempre de me meter em certas alhadas. A primeira granada foi uma granada de mão tipo ofensiva, cá no Porto, foi ali no viaduto de Gonçalo Cristóvão sobre a UDP em que houve um rapaz amigo, que não interessa sequer mencionar o nome porque só nessa vez é que entrou e ficou com tal medo que nunca mais quis (ri-se), até porque era ele que ia lançar a granada e eu conduzia o carro. Mas depois nós passámos e ele disse: «Agora não porque está ali não sei quem... agora não pode ser...» Finalmente, fui eu que conduzi o carro, fui eu que parei o carro em cima do viaduto e fui eu que atirei a granada (ri-se). Mas enfim, foi a primeira coisa que se fez. Aquilo deu um brado do Diabo! O Porto nunca tinha assistido assim a uma coisa desse género. E começou aí. Começou aí e não foi nada mau.

NA INOVA

De seguida, havia aí uma tipografia no Porto que ia editar um filme do Vasco Gonçalves, um livro do Vasco Gonçalves, e nessa altura aconselharam-me a que metessemos um susto lá nessa tipografia. E essa foi a primeira carga a sério a rebentar cá no Porto. Fui aconselhado por várias pessoas, quer dizer, não me recordo bem, aliás dei conhecimento ao senhor major Mota Freitas do que ia acontecer e ele disse-me: «Sabe...» Não dizia que fizesse ou não fizesse, mas achava muita piada. Aliás, achava sempre piada a todas as coisas. E então eu, juntamente com... porque, em princípio, eu arranjava assim uns certos rapazolas do PPD que sempre que tinham conhecimento de certa coisa, desapareciam e nunca mais se viam nem queriam saber de nada... (ri-se) Era uma parvoice. E foi quando foi o atentado, o primeiro atentado já com certo vulto contra..., contra a tipografia Inova, salvo erro. Eu meti lá uma carga de quilo de trotil, através dum vidro partido e rebentou aquela história toda. Devia ter causado prejuízos de vulto!... A malta alarmada. Eu achei muita piada. Toda a gente que me rodeava achou muito bem. Havia quem me dissesse, pessoas, que eu estava a andar muito bem, que certas pessoas estavam a gostar, mesmo até a nível militar. E não só a nível militar como a nível civil. Que sim senhor, que me apoiavam.

E a partir dali começou a ser um chorrilho. Desde o simples carro dum «gajo chato» que era dirigente disto ou dirigente daquilo, tudo de esquerda, e que ficava completamente estourado... Acho que não vale a pena estar a mencionar; todos os automóveis até porque foram tantos que não me recordo. Havia noites em que iam três e quatro ao ar. Os senhores estavam lá em Lisboa deviam saber mais ou menos o que se passava, não é?! (ri-se) Do género: passar, carga de trotil lá para baixo, arrancar, e PUM... Aquela merda defazia-se toda! Bem, intervieram comigo até essa altura, ainda até essa altura, dois ou três rapazes que um até..., aliás dois mais efectivos, que estão ausentes por causa de serem implicados naquele caso do Ludgero em que eu não tive, felizmente, quer dizer, naquela altura não estava presente. Porque... ele andava a chatear os outros e eu andava a chatear outros por outro lado. Havia esses dois rapazes que não estão cá, mas eles na verdade é que me acompanhavam, e tal... Normalmente, eu guiava o carro, um punha a carga, o outro acompanhava também no caso de haver qualquer coisa. Isto tudo assim a nível de automóveis. Pusemos também, por exemplo, numas casas, numas vivendas duns certos indivíduos, nomeadamente uma aqui assim em Miramar, em que se meteu uma carga de plástico, de plástico não, de trotil, na base central no telhado. E quer dizer... Desculpem mas eu para dizer tudo tenho de me lembrar de tantas coisas que... um boocadinho só, se não se importam.

DIRECTAMENTE AO COMANDO

(Bom, para esses rebentamentos dos carros, da vivenda, da Inova, e outras coisas, quem é que lhe fornecia os explosivos?)

Esses explosivos, eu ia buscá-los ao Comando da Polícia. **(Directamente?)** Directamente ao Comando da Polícia. **(E era fornecido por quem?)** Bem, eu contactava com o nosso comandante e o comandante fornecia-me os explosivos. **(E ele chamava alguém para lhe entregar isso?)** Ele próprio forneceu o armamento e forneceu todos os tipos de explosivos. Posteriormente, através de outra pessoa. Isso é mais à frente...

Quer dizer, eu ia na vivenda de Miramar... Houve uma série de coisas que eu agora não posso precisar, que..., foram tantas e tão poucas que... Há uma vez um atentado contra o Rádio Clube Português que foi gorado em que ... Houve uma pessoa que achava bem que se destruísse completamente o Rádio Clube Português. (**Quem era?**) Você vai puxar pela pistola?! (ri-se) Está bem, pode puxar. (ri-se) Era o segundo comandante. Pessoa extraordinária... (**Quem?**) O major Cerveira! Da Polícia! Pessoa que se dava muitíssimo bem comigo e o que ele gostava mais era que se lixasse o Rádio Clube Português. Sobretudo porque atacava muito a Polícia de Segurança Pública. Até fez um esquemazinho para eu atacar o Rádio Clube Português. Mas falhou na medida em que havia um guarda... eu não fui avisado na altura!..., havia um guarda lá dentro. E eu ia com uma carga, inclusive acesa, e vi o polícia lá, e não atirei o explosivo lá para dentro nada!... Matava o polícia, e acabei por deixar o explosivo no meio da rua.

Parece que os meus amigos também vão querer falar de certas actividades minhas no que respeita a automóveis... **(Não vale a pena!)** Bem, obrigadinho. E, aliás, foram usados somente com o fim... e aconselhado até para ser exactamente assim... para não me porem uma no meu carrinho, coitado! Ainda não está pago sequer, esse estupor (ri-se)... Houve o atentado ao Rádio Clube Português e eu ia subindo progressivamente. Quer dizer, eu ia contactando com pessoas que iam sabendo, mais pessoas do género do capital, querendo defender os seus interesses. Fazer isto, fazer aquilo... Chegavam à minha beira: «Aquele filho da puta tem um carro porreiro. É preciso dar-lhe cabo do carro!» E eu lá ia... PUMBA!... Cabo do carro!

Até que a coisa começou a entrar muito a sério. Começou a entrar muito a sério, começou-se a pensar nisto, a pensar naquilo. E um dia eu sou convidado por uma determinada pessoa a visitar o senhor Joaquim Ferreira Torres, pessoa que estava muito interessada em conhecer-me, que é o cunhado do comandante Mota Freitas, e disse-me que eu precisava de ir falar com o comandante Alpoim Calvão. Eu digo para ele me dar certas indicações, quer dizer, começar a militarizar-me para eu mais actuar, não assim como eu andava, e tal, mas mais efectivamente. Mais com uma certa... Eu fui realmente e... falei com o senhor Joaquim Ferreira Torres. Eu até aí andava sempre muito «à rasca de massas e o senhor Joaquim Ferreira Torres disse-me que não havia problemas, que desde que eu fosse um tipo com juízo, que podia dispor de toda a massa. Nunca dispus dessa tal massa que ele me disse. Dava-me aos cinco contos de cada vez, assim..., mas muito... Chegou-me a dar uma vez dez contos. Entretanto eu fui realmente para Vigo, contactei lá com o senhor comandante Alpoim Calvão. Conheci um tal Manuel Macedo que pessoalmente considero uma pessoa muito puro e que foi das pessoas que mais me incutiu a eu entrar neste género de cousas. Inclusive me prometeu dinheiro para eu incendiar uma casa, coisa que eu recusei. Prometeu-me dinheiro para incendiar para receber do seguro!!!... Um indivíduo!... Posso não ter escrúpulos, mas esse parece que tinha menos do que eu! **(De onde é que era ele?)** Era um senhor de Santo Tirso. Um senhor de Santo Tirso que tem ali agora uma casa de papéis. Tem já há bastante tempo.

Esse indivíduo, também se concluiu com o senhor Joaquim Ferreira Torres, até porque são uns grandes oportunistas, fui com esse senhor ao senhor Joaquim Ferreira Torres e conjuntamente com esse senhor e com o senhor comendador Abílio de Oliveira, de Santo Tirso, um belo dia, fomos todos para uma grande almoçarada a Vigo, onde eu era a pessoa mais... (ri-se) Porque, claro, toda a gente estava espantada com... até então não eram feitos nada especiais... Qualquer um atirava uma carga de trotil para qualquer lado... Foi com o senhor comandante Alpoim Calvão. E o senhor comandante Alpoim Calvão disse-me que particularmente gostava de falar comigo, o que fez posteriormente. Depois eu irei falar sobre esse assunto. Nesse mesmo dia, o senhor comendador Abílio de Oliveira deu seiscentos contos para o MDLP, para

Cont. na pág. II

"Calhou-me a parte de leão"

Cont. da pág. I

a compra dumas armas, das quais eu possuia. Essas armas foram transportadas para Portugal, no meu carro e não só no meu carro, através dum senhor da Polícia Judiciária. **(Quem?)** ... Um senhor da Polícia Judiciária! (ri-se) É o senhor Regadas! Devo dizer que não tenho nada que dizer desse indivíduo... **(Foi transportado no carro dele?)** -- Foi transportado no carro dele e no meu carro. Ele é que deu a possibilidade. Aliás, ele também está, desde a primeira hora, ligado a mim. Mas eu já conhecia o Regadas antes de... Conhecia o Regadas através da Polícia, mas não tinha ligações com ele de espécie nenhuma. Eu tenho a melhor impressão do Regadas até uma determinada altura. Depois o Regadas... Foi sempre um tipo porreiro para mim, mas eu notei ultimamente em que ele... Quando eu estava apertado ele retirava-se da situação e não queria saber. E muito, muito próximo da meta, até fui informado que ele que atacava, e não sei que mais..., para receber diversos... É a razão até porque eu falo dele, lamentando de certo modo, mas de qualquer das maneiras acho que ele me conduziu bastante para isso... e não só. E então a partir daqui é que começou a festa! (Você viu o **comendador Abílio de Oliveira entregar...**).

... Os seiscentos contos?! Com certeza! Mas não posso precisar exactamente se foram seiscentos contos. Mas foi um cheque em pesetas que eu posso afirmar junto do senhor comendador... Muito à volta de mil e qualquer coisa pesetas. Aliás, importância... Um milhão e não sei quantas pesetas em cheque! Aliás, importância que era mais ou menos o custo das

MOTA FREITAS OFERECE METRALHADORA

As armas foram transportadas. Foram todas guardadas no Comando da Polícia. Primeiro em casa do senhor Joaquim Ferreira Torres, e depois transportadas para o Comando da Polícia. E eu, por minha vez, recebi das mãos do senhor major Mota Freitas a pistola-metralhadora que tinha, a F/18, as duas «Remington», mais uma arma com silenciador. Nunca foi definida naquela altura, uma situação para aquilo, mas seria no caso de em qualquer eventualidade ser mesmo necessário usar. (-- **E o resto das armas? Para onde é que foram?**) -- O resto das armas, francamente, não sei. Sei que veio naquela altura uma dúzia de metralhadoras, uma dúzia mais ou menos daquelas três qualidades que eu tinha. Entretanto, a posse da minha «Walter» veio através de um outro meu amigo que também não é pessoa ligada à situação, embora soubesse das minhas actividades, mas não era pessoa que..., nunca se meteu em nada. Sabia e achava muito bem (ri-se) e de vez em quando falava comigo: «Então, e tal...» Antes pelo contrário. Dizia-me várias vezes: «Amigo, cuidado! E tal...» E, quer dizer, teve possibilidades de me arranjar uma pistola «Walter», que não sei bem a proveniência dela, e ele foi simpático a ponto de me oferecer a pistola. Naquela altura parece que se arranjavam pistolas «Walter» a cinco contos ou não sei quê e ele deu-me a pistola «Walter».

Foi prometido fazerem um seguro de vida e um seguro de acidentes pessoais. Como andava sempre na boa-vai-ela, para aqui e para acolá... Fizeram-me só seguro de vida. Mandaram-me fazer seguro de acidentes pessoais, nunca mo pagaram. Até foi esse senhor Manuel Macedo que tratou dessas coisas, porque ele era agente de Seguros e depois disse que me dava a comissão. Nunca me deu comissão nenhuma.

Depois de Braga, depois de Vigo, então fui a Braga. Fui contactado, quer dizer, fui contactado para ir a Braga. Fui contactado por uma pessoa de Braga. (-- **Quem?**) -- Uma pessoa francamente extraordinária, não sei como é que se meteu nisto, um tipo porreiro, o Zé Cardoso, o Cardoso da Saudade. (-- **Também foi pelo ar a casa dele...**) -- Foi, mas quer dizer, foi anteriormente a isto. (-- **Exacto.**) -- Quer dizer, nessa altura eu a partir dali estava integrado no MDLP. Então eu fui a Braga.

Em Braga nunca tinha feito nada. Tinha-se feito por lá uns estoiritozitos, e tal, e eu fui a Braga para fazer uma pequena demonstração de força acompanhado pelo senhor Manuel da Silva, que também era do MDLP, e acompanhado por outra pessoa. E eu fiz o trabalhinho. Quer dizer, a primeira explosão em Braga é já uma explosão razoável. A partir desta altura, foi-me começado a ser fornecido material plástico através do comandante, senhor major Mota Freitas. (-- **Que material plástico?**) -- Plástico, daquele assim plástico. Quer dizer, trotil é uma coisa, material plástico é outra. Eu não sei bem a denominação. Tenho a impressão que é 808. É muito mais poderoso do que o trotil! Entretanto, parece que o resto do trotil se esgotou e havia plástico. Não sei de onde é que ele vinha e havia plástico. Isto, quer dizer, há uma série de coisas aqui que... Os acontecimentos sucediam-se de uma maneira incrível! Entretanto, eu conheço o Gonçalo, que me é apresentado por pessoas que serviam para ajudar, e o Gonçalo era apresentado como sendo capaz de arranjar todo o plástico necessário que nós quiséssemos, ou uma determinada importância. Determinada importância que eu, por minha vez, eu por minha vez, dado que o senhor Manuel Macedo, que era a pessoa que mais me acompanhava, dizia ao senhor Joaquim Ferreira Torres quanto era preciso e quanto não era preciso, enquanto não havia possibilidades de haver plástico na Polícia de Segurança Pública.

«MALTA PORREIRA»

Então eu fui a Braga e pus um petardo mesmo dentro da antiga escola primária de Braga, que era considerada... Não sei bem, aquilo era onde se reunia um grupo qualquer, FEC, ou um grupo qualquer, não sei bem... Disseram-me: «É aí que é preciso.» (-- **Você tem um recorte de jornal a falar dessa escola de Braga?!**) -- Eu não tenho, de Braga! (-- **Ai não?**) -- Não, tenho é de S. Martinho do Campo. (-- **Então é isso...**) -- Aquela malta em Braga, toda ligada ao MDLP, uma série de indivíduos que eu conheci lá... (-- **Quais? Diga alguns!**) -- Olhe, eu francamente... (ri-se). Olhe, era um cangalheiro, que eu agora não sei o nome, lá de Braga... Uma malta porreira lá de Braga, o doutor Barroso, e tal... Mas, quer dizer, não eram indivíduos activos. Eram só de «béu-béu», como é o caso do Cardoso da Saudade. Havia lá vários indivíduos do MDLP, um deles era o... que tinha a mania que era muito bom, que era muito importante, que fazia tudo e ficou muito espantado quando se deu o tal rebentamento. Até disse que não admitia... Ainda não sabia que eu estava integrado no MDLP... Como é que se chamava?... Era o Pedro! E era mesmo o comandante da zona de Braga do MDLP! Depois cheguei a conhecer o Benjamim, também. Mas o Benjamim foi detido. Depois então preparou-se uma coisa em grande em Braga. Desculpem a minha vaidade (ri-se), não levem a mal por isso, mas eu é que fiz tudo. Eu tinha... A sério! Talvez fosse um bocadinho de inconsciência. Eu sentia-me como peixe na água. Claro, um dia estava sujeito a que me rebentasse uma merda daquelas no focinho, ou coisa assim no género. Pegava nos detonadores, naquelas merdas todas, ligava aquilo tudo. Já agora, já que sabem, hão-de ir lá buscar uns detonadores a casa, que eu tenho lá escondidos num determinado sítio. Também não tenho mais nada. (-- **Mas convém, podem...**) -- Pois é, podem ser chatos. Depois eu digo-lhes onde é. É numa coisa da cozinha onde está. Mas não tenho mais nada. Agora podem virar a casa ao contrário. Uma vez rebentou um, deixei cair ao chão, e foi uma chatice...

Eu então em Braga planeei... Eles disseram-me mais ou menos os trâmites como era, como não era, e preparei as cargas todas mais ou menos num plano conjuntamente com eles. Foram para lá rebentamentos! Foram sete numa noite, salvo erro! (-- **Mas nesse grupo nunca interveio esse Corrécio?**) -- Não, eu não conheço o Corrécio. Eu não conheço o Corrécio. Aliás, só houvi falar do Corrécio agora através dos jornais. (-- **Nem o Fernando Cigano?**) -- Não. Não. (-- **Não?! Estranho! O Costa «Espingardeiro» também não?**) -- Não senhor, não senhor. De Braga, conheci o Zé Cardoso, conheci uma pessoa extraordinariamente simpática que achava muita piada, mas era um bocado contrário a estas coisas, que é o cónego Melo, e tal. Assustava-se e fugia parecia um rato! Bem vê, convivia com toda a gente... E foram assim. Para além do cangalheiro, o Alberto das Urnas, e mais dois ou três, pessoas que quanto a mim... (-- **Sabiam, mas não actuavam...**) -- Ou actuavam duma maneira quase não significativa e à primeira vez levavam... Borravam-se de medo que não actuavam! Em Braga aquilo foi um pandemónio. Aliás, eu tive mais ou menos possibilidade de observar de perto. Aquela malta começou a fugir em todas as direcções. PUM dum lado, PUM do outro! Preparou-se todos os atentados, dois ou três dias antes daquilo se dar. Reunimos lá numa quinta. (-- **De quem era a quinta?**) -- Não sei, não lhe posso dizer. Foi de lá dos indivíduos de Braga, eu até nem sabia... Eu fui para casa do doutor Barroso e depois de casa do doutor Barroso é que me levaram lá à quinta. Por isso, não sei localizá-la. Foi de noite, à uma e tal da manhã, e depois saí de lá também não sei. Sei que era um senhor velhote e não sei mais nada. Nessa altura é que estava lá toda a malta reunida, indivíduos do MDLP que era o...

CONVERSA EM BRAGA

Sou muito coiso para nomes! Até porque era uma coisa que eles me mentalizavam. Era que não fixasse os nomes e eu fui... Esquecia, pronto! Estive mais tarde em Espanha, também, e tive uma conversa com o Alpoim Calvão. Deu-se o que se deu em Braga, e naquela altura as coisas começaram a ser a sério. Braga já..., já tinha um certo significado. Braga foi aquilo que os senhores sabem! Foram uma série de explosões e a mim calhou-me a parte de leão. Eu era para ir ao Inatel, mas democraticamente eu decidi que se tirasse papeizinhos por papeizinhos para não dizerem que eu é que queria ir à União, e não sei que mais. Porque se eu fosse ao Inatel, dava cabo daquela história toda e acabei por cair naquele quartel de sindicatos que havia na Praça da República em que eu meti para aí quatro quilos de carga plástica. Os senhores devem calcular o sucesso para toda a gente, para o MDLP. (-- **Os outros que houve em Braga não foi o senhor?**) -- Não, não. Eu fui só a um. Houve simultaneamente sete rebentamentos. (-- **Mas foi tudo combinado nessa reunião?**) -- Exactamente. (-- **Foi tudo pessoal saído dali que foi fazer isso?**) -- Exactamente. Embora eu planeasse mais ou menos e soubesse todos os objectivos a alcançar e desse a ideia sobre a casa onde é que se havia de fazer e onde não se havia de fazer, eu tinha a minha missão. (-- **O senhor não sabe dos outros indivíduos os nomes?**) -- Conheço-os a todos, mas..., agora..., neste momento não sei... Calmamente teria de puxar pelos nomes. (-- **Então puxamos mais daqui a bocado...**) -- Oh pá, por exemplo, o Manuel e o Teixeira, rapazes que estão aí presos que actuaram em Braga! (-- **Eram dali da Póvoa...**) -- Eram, eram como eu, andavam como eu envolvidos nestas coisas. O Teixeira é um tipo porreirinho, também foi levado. Agora anda para casar e tudo! Mas, quer dizer, eles não tinham posições-chaves nenhumas. Eram chamados ao engodo dumas pastas que apareciam e muita malta actuou assim. (-- **Quanto é que vocês receberam nessa vez de Braga?**) -- Olhe, eu não recebi nada. Foi cinco contos a um, cinco contos a outro... O MDLP prometeu-me dez contos mensais que eu nunca cheguei a receber, nunca cheguei a receber. Nunca cheguei a receber... Havia sempre uns amigos... (-- **Talvez seja um bocado fora da questão. O nome de Rui Macedo não lhe diz nada?**) -- Não conheço! (-- **Um rapaz que é da Póvoa, que é vendedor de automóveis...**) -- Não conheço, nem de nome conheço! E há outras pessoas da Póvoa que... Parece que está aí um rapaz que é o... (-- **Luís!**) -- O Luís. Ele não andava metido em nada, esse rapaz. Ele sabia, mas nunca alinhou. É um medricas. Nunca alinhou. Ele queria é estar a muitos quilómetros de distância.

O M D L P

A seguir a Braga, houve o padre de A Ver-o-Mar. Que eu vim de Braga, e nessa altura fui eu que fui ao padre de A Ver-o-Mar, meter-lhe uma bomba lá dentro de casa, porque também acharam muito bem que isso acontecesse.

Quer dizer, era o que eu estava a explicar. Muitas vezes o senhor Joaquim Ferreira Torres, que delineava todas estas coisas, dava-me a nítida sensação que ele queria que se aumentasse a confusão. Quanto mais confusão... Aquilo já não era... O que era preciso era rebentar bombas de qualquer das maneiras e em qualquer lado. E quanto mais melhor!... Eu queria ver se não erro muito... Quer dizer, foram tantas que algumas até...

Entretanto apareceu a grande opção. Entretanto, eu alternava isto com umas seguranças ao CDS. Ia aos comícios do CDS, com o general Galvão de Melo, pessoa que eu conheço dos tempos do serviço militar, mas não está ligado a nada disto. Simpatizava muito comigo... Dava-me a sensação, dava-me a sensação que ele suspeitava de qualquer coisa, e uma vez fui a casa dele, visitá-lo, numa das minhas idas a Lisboa, porque... Ele gostava que... Uma vez até fui a Beja quando foi o comício do CDS em Beja. Aquilo estava toda a gente com um medo bestial e eu fui a Beja com aquele equipamento todo de defesa! (ri-se) E ele sabia que eu estava ligado ao MDLP, mas sempre me aconselhou a ter muito cuidado, e coisa... Sabia que eu estava ligado ao MDLP e sabia mais ou menos que coisa... Mas sempre me aconselhou a pôr-me um bocado a leste desta história. Nunca foi pessoa que dissesse: «Actua ou deixa de actuar!» Não tem nada a ver com esta história.

Entretanto, Braga, e não sei que mais, e eu... O major Mota Freitas diz: «Bem, agora aqui no Porto era preciso... É preciso é em Lisboa!» Depois de A Ver-o-Mar ainda houve assim mais duas ou três merdecazinhas, assim e tal, não quer dizer que não fosse mais uma merda aqui, outra merda ali... Fui ao «Avante». Uma vez fui ali ao «Avante», e meti-lhe uma mecha lá para dentro, e... Aquilo foi uma coisa, na Livraria «Avante», uma coisa assim!... Todos, todos os dias haviam praticamente ou um automóvel, ou... Há uma vez uma na Póvoa, dum advogado lá, que era um chato do diabo, e tinha chateado não sei quem, que era um gajo muito chato, e PUMBA... Lá fui eu pôr uma bomba na porta do advogado. Era daquele género. Eram vinganzinhas até do género pessoais e tudo isso.

ALPOÍM CALVÃO SUGERE MORTE DE MELO ANTUNES

Até que se vem a pensar muito mais tarde no abate selectivo de certas pessoas. Essas nunca notei que fosse vingança pessoal. Entretanto, eu fui a Madrid. Falei com o comandante Alpoim Calvão, e o comandante Alpoim Calvão sugeriu inclusive, esse foi a primeira altura, e foi a razão até porque veio a arma com silenciador. Perguntou-me se eu era capaz de dar cabo do Melo Antunes! Que estava a incomodar não sei quem, e não sei que mais, e não sei que mais... Entretanto não se chegou a concretizar. Entretanto era para ter outro contacto, e não sei porquê era para ir mais abaixo, lá é que era bom, e se fosse cá mais em cima já não era tão bom. E a coisa nunca chegou a concretizar-se. Eu também não disse se era capaz ou se não era capaz. Doido como eu sou, era capaz de tentar qualquer coisa. Sei lá... às vezes! Os tipos apontavam e eu lá ia... Armado em «cow-boy»! Bem, é claro... Depois houve uma reunião cá no Porto e disseram-me que era preciso começar a actuar em Lisboa também. «Lisboa! Lisboa!» (-- **Onde foi essa reunião no Porto?**) -- A reunião aqui no Porto... As reuniões normalmente faziam-se em casa do senhor Joaquim Ferreira Torres. Já disse que tinha todo aquele equipamento, já disse que tinha problemaas com o material plástico... (-- **Quem é que estava nessa reunião?**) -- Estava o senhor Manuel Macedo, estava o senhor Joaquim Ferreira Torres, estava o senhor Regadas,... (-- **O major Mota Freitas?**) -- O major Mota Freitas conversei com ele aqui, mas ele estava plenamente de acordo com as ideias. Eu geralmente, as minhas visitas ao major Mota Freitas, ou a casa dele ou aqui no comando. (-- **Então o senhor Regadas aqui da Polícia esteve nessa...**) -- Sim, esteve nessa reunião. E resolveram fazer qualquer coisa... Começar-se a fazer qualquer coisa em Lisboa. Era preciso fazer-se qualquer coisa em Lisboa.

E pronto. E conceberam... Ida para Lisboa, programa, e tal, e isto e aquilo,... A Embaixada de Cuba. A Embaixada de Cuba, e tal... (-- **Há aí uma coisa: a Embaixada de Cuba já se dá após o 25 de Novembro!...**) -- É natural, é natural. Não digo que não. Não sei exactamente a data. (-- **Ah, está bem...**) -- É que, depois do 25 de Novembro a coisa ainda se intensificou. Quer dizer, de certo modo... (-- **Ainda estava ligado ao MDLP?**) -- Sim, sim. Ligado ao MDLP. Eu praticamente só me desliguei do MDLP no fim do ano. No fim do ano é que aquilo desmantelou-se, e tal... (-- **De que ano?!**) -- Deste ano. (-- **A Embaixada de Cuba já foi este ano...**) -- Pois foi... Já foi... Então??!! Então!! Ah!, sim. É verdade, é verdade! Nessa altura o MDLP estava extinto. Estava extinto, mas eu actuei sob... Pois, eu avancei no tempo. Quer dizer: deu-se o 25 de Novembro... O 25 de Novembro, aliás,... Quando se deu o 25 de Novembro,... ... Braga! Tenho a impressão que foi depois do 25 de Novembro?! (-- **Pois...**) -- À volta disso. Quer-se dizer, deu-se o 25 de Novembro, mas ainda havia, havia que acentuar, na minha opinião, um certo poderio... Havia uma tentativa de subjugar completamente toda a esquerda. Quer dizer, todo aquele aparelho da esquerda. Chateá-los mesmo, ou derrotá-los mesmo. Era o que eu estava convicto. Estava a pensar que era assim (risos). Os senhores desculpem, eu não tenho nenhum... (-- **Estava no MDLP. Você diz-me que o MDLP é extinto no fim do ano...**) -- Sim. Mas é que eu continuo ligado às pessoas que me levaram para lá, no aspecto de... Ah! Esse senhor Joaquim Ferreira Torres uma vez, mandou-me, por sua alta recreação, pôr uma bomba num tipo em... em... Lá está, eu começo-me a lembrar depois... Em... Um tipo que é muito mais rico do que ele, que é mesmo rico como ele, e ele como não gosta do gajo... Que é o presidente da Câmara de... Amarante. E eu fui lá. Pus-lhe lá uma merda na janela, chateei lá o homem...

Eu também, agora acreditem, ao princípio tinha um bocado de cuidado. Tinha..., não gostava..., tinha... Não é que tivesse medo, mas tinha um bocado de receio de fazer vítimas. Para mim fazer vítimas era... (-- **Chocante.**) -- Não percebo, havia certas coisas... Eu tinha necessidade realmente de... Que me dessem algum dinheiro, mas não compreendia.

Assim como houve também o atentado contra a exposição russa que havia em Vila Real. Essa também é da minha autoria. Sempre coadjuvado com vários rapazes. (-- **Teixeira...**) -- Não, o Teixeira não. O Teixeira foi em Braga, só. E depois teve mais outra, só. (-- **Foi Vila do Conde, também...**) -- Vila do Conde, sim. Vila do Conde também foi. Essa foi bastante cedo até, essa de Vila Real. Foi a de Amarante e depois foi Vila Real, feito por esses dois rapazes, que não estão cá, que um até era mulato, era brasileiro, um tipo que andava aí... Era um marginal. Tinha muitos problemas. Mas não está cá. Tanto é que ele roubou umas coisas lá de casa e lixou-me, pôs-se a cavar...

Quer dizer, e depois, entretanto, surge... Eu não sei exactamente a data, mas sei que há uma altura em que a malta

Cont. na pág. III

"Era tudo anticomunismo"

Cont. da pág. II

diz: «Bem agora, aqui e tal..., Lisboa é que era bom!» E mais daqui e dacolá... «Lisboa...» E depois havia aquela história dos cubanos, em Angola e tal... A Embaixada de Cuba. Vamos para Lisboa, sim senhor, a Embaixada de Cuba! Vamos lá a ver... Uma coisa a sério. Quer dizer, ali começava mesmo a ser a sério.

Ah, faltou uma das incríveis cá no Porto! Foi a Cooperativa Arvore! Desculpem, elas foram tantas e tão poucas! Depois, se quiserem voltava-se a fazer uma nova gravação! Mais com sequência, com os pontos mais de interesse. A Cooperativa Árvore também foi... (— **Foi dos rebentos principais...**) — Foi. (— **Nessa não mataram ninguém?**) — Não, não. Foi só... Por acaso, eles pintaram para aí a dizer que antes tinham saído umas pessoas, e que estavam lá... Não estava lá ninguém! Eu analisei que saíu toda a gente. E só muito de madrugada é que... (— **Quantos quilos é que foram postos na Cooperativa Árvore?**) — Na Cooperativa Árvore, salvo erro, foram cinco quilos. (— **E nessa altura já começavam a receber os explosivos — por intermédio do Gonçalo?**) — Era. A partir daí já se começaram a receber os explosivos por intermédio do Gonçalo. (— **Já agora que estamos a falar do Gonçalo, e antes de passarmos para Lisboa, havia ali muitas reuniões em casa do Gonçalo?**) — Olhe, eu nunca cheguei a perceber o Gonçalo. O Gonçalo mostrava-se ligado ao ELP, mostrava-se ligado ao MDLP, um tipo com muitas ligações, e tal. Muito armado em senhor muito importante, andava sempre a cheirar daqui, a cheirar dacolá. Eu soube posteriormente que ele se arvorava em ser ele que fazia tudo isto e não sei que mais, mas foi sempre um pateta alegre, que nunca actuou em nada. Aliás, eu noutro dia disse-lhe: «Você qualquer dia, dou-lhe um tiro na cabeça que o lixo!...» E o gajo ficou todo, todo a tremer pelas pernas abaixo... (ri-se). Tenho a certeza absoluta. Nunca actuou. Muita conversa, muitos conhecimentos, muitos contactos, mas nada, nada de activo. Nunca, nunca que eu tenha conhecimento.

Ah, aliás, através do Gonçalo, eu uma vez conheci uns gajos... Conheci muito de repente, até porque... uns palermas... Porque estando eu em Ponte de Lima, porque eu ia lá buscar o material a casa do Gonçalo. Não sei porquê, o Gonçalo... Aliás, eu vim a saber porquê o Gonçalo teve cuidado em nunca me divulgar a pessoa que lhe fornecia o material, porque o vendia muito mais caro que essa pessoa, que eu não sei quem era! (ri-se) Não faço ideia nenhuma, porque eu como não ganhava nada naquilo... Porque eu soube mais tarde que... quanto custava realmente o plástico de origem de tudo isso. E o Gonçalo ganhava largamente. Aquilo parece que era a 40 paus o quilo e o Gonçalo vendia a 80, e depois haviam sempre uns manfios que entravam. Depois faziam-se umas «quetes» por aqui, «quetes» por acolá, dava ao Ferreira Torres, e juntavam-se umas massas do diabo.

Muitos tipos que não eram actuantes arranjavam massa porque era preciso dar cinco contos a mim, dar cinco contos, por exemplo ao Manel, dar cinco contos ao Teixeira, — foram as pessoas que mais alinharam assim juntamente comigo. Aliás foram eles que foram a Lisboa. A Lisboa também foi um indivíduo que é um parvalhão do diabo, aliás, acho que esse indivíduo divulgou muitas coisas que não devia ter divulgado. Era um tal... Eu digo mais tarde para não estar a gastar fita! («Está preso?») — Não, não, não está. Por acaso devia estar!!! Isto agora, vingança pessoal,... mas eu depois digo.

EMBAIXADA DE CUBA

Fomos a Lisboa, à embaixada de Cuba. Fomos a Lisboa com uma equipa: fui eu, o Manel, o Teixeira e esse gajo que trabalha na Efacec e ainda esse Décio. Mas esse não interessa. Quer dizer, é um palermita! Não, não, não teve, nem sequer teve parte activa... Fazia assim umas coisas... Bom rapazinho, mas nunca se meteu, não é! Uma vez foi comigo, quis meter uma bombita debaixo dum carro, e aquela merda não acendeu, e ele fugiu muito depressa... Depois tive que andar eu a acender aquilo... Quer dizer, são pessoas que, quer dizer conotar assim tão longe, não é... Bom se fosse assim, então havia meio Porto metido nesta história toda!... (ri-se) Havia pelo menos meio Porto... Porque essa era uma das pessoas... Era tudo anticomunismo! Era uma festa. Nós íamos para Lisboa, hospedávamo-nosss lá num hotel qualquer, às custas lá desses senhores. («Então levavam muito dinheiro para baixo?»...) Levávamos, levávamos uma importância qualquer, uma importância miserável. Devo dizer que naquela altura tinhamos que actuar em Lisboa, tentar fazer mais qualquer coisa em Lisboa porque era para ser em duas embaixadas, e não se fez porque não havia dinheiro que chegasse. O único dinheiro que restava era para gasolina, para regressar, porque, senão, não regressávamos. («Qual era a outra embaixada, já agora?») Era a embaixada alemã. Eu ia falar nisso, na tentativa sobre a embaixada alemã. Há coisas que eu gostava que depois tivessem a franqueza de dizer se pensavam ou não que éramos nós.

Eu fui a Lisboa e fui à lista telefónica, para saber onde é que era a embaixada de Cuba. Eu sabia lá onde é que era a embaixada de Cuba!... Bem, sabia que era ali na Avenida 'não sei quantos'... Eu conheço Lisboa relativamente. Devo dizer que não gosto de Lisboa apesar de ter lá família. Mas nunca simpatizei muito com a cidade. Muito grande, muita confusão, aquilo, andar ali!... (ri-se) Quer dizer nunca fui muito amante de Lisboa. Embora goste de estar lá, com muita massa e tal... Mas como nunca tive muitas massas. E quando as tive gastei-as, que se lixe... Tenho umas más recordações dumas gajas de Lisboa.

Cheguei lá para estoirar a embaixada de Cuba. Esta merda... A embaixada de Cuba!... Aqui, quer dizer, era pôr bombas numa janela, na porta, era pôr bombas debaixo dum carro, e tal... A embaixada de Cuba era um berbicachodo arco da velha! A embaixada de Cuba!!! Eu digo-lhes meus senhores e os senhores pensem lá o que quiserem, de mim. Eu estive mesmo para desistir. Pôr uma puta de uma bomba na embaixada de Cuba!... Primeiro, e lá está a tal coisa que eu também peço que tomem em consideração, eu não queria matar ninguém. A única possibilidade que havia de pôr uma bomba na embaixada de Cuba era de dia. Havia lá um porteiro, as portas estão fechadas, o gajo sempre ali... Porque nós fomos dois dias antes para estudar a situação. Eu analisei a coisa pormenorizadamente, estive horas e horas a ver quem entrava e quem saía... E disse: «A bomba lá vai matar gente... e tal... Até aqui não morreu ninguém». Porque até à embaixada de Cuba não tinha morrido ninguém. «Mas agora vai mesmo morrer gente. É uma merda! Foda-se... e daqui e dacolá... morrer gente!...» E eu até passei lá duas noites que praticamente nem dormi a pensar naquela merda! Pus-me a pensar. Mas ao mesmo tempo ainda havia aquela minha vaidade pessoal de mostrar a toda a gente do que era capaz. Ao mesmo tempo, não sei se estupidamente se não, sei lá, achava que... Eu sou vaidoso naturalmente! E achava que tinha que fazer aquilo. Era uma coisa de que não podia desistir. Já não podia. Estava já duma maneira tal que não podia... E então concebi um plano. Concebi um plano sem ter nada, concebi eu mesmo sem consultar ninguém, e um dia de manhã levantámo-nos e eu apareci à rapaziada todo bem fardado, de gravata. Sou muito vaidoso também no vestir. Até agora que estamos no Verão que se pode andar à vontade! Porreirinho, de fato, com uma mala, aquela mala igual à do senhor. E concebi o plano. Eu em tempos tinha trabalhado com um senhor que tinha relações com Cuba e que trabalhava em madeiras. Oue importava umas madeiras de Cuba. Lembrei-me daquilo e fui lá ao porteiro entrei, todo perfumado, todo bem penteado, todo porreirinho, com óculos, e não sei que mais... Sabe que eu tenho uns óculos de «ver» para quando vejo televisão e estou a ler porque tenho um problema na vista esquerda! E às vezes uso os óculos que dá assim um ar de pessoa mais civilizada e assim um ar de pessoa mais importante... Os senhores compreendem isto, não compreendem?!... Cheguei lá... e tal... Eu levava a mala completamente vazia, assim com uma papelada, uns papeis até relacionados com detergentes, nada relacionado com madeiras, para o caso de o gajo às vezes me mandar abrir a mala ou coisa assim no género. E disse: «Boa tarde! A embaixada de Cuba em que andar é que é?» Farto de saber é claro. Feito parvo. E ele perguntou-me para que assunto era. «Trata-se de um assunto de importação de madeiras». E o senhor foi simpático e disse-me: «Faz favor! 5.º andar.» Eu meti-me no elevador. Subi ao 5.º andar. Tive a felicidade de subir sozinho. Aliás, eu nesta minha acção tive uma sorte extraordinária. Não tive chatice, a não ser as dificuldades psicológicas que eu em mim mesmo encontrei. Dificuldades materiais, não as encontrei. Também se as tivesse não sei o que é que fazia. Eu inclusive a única defesa que eu levava era um esguicho de gás lacrimogénio. Porque eu tinha receio que até a arma me caísse... Porque eu ia de camisa, gravata, casaco, assim todo muito coisa, assim, não tinha bolsos, tinha bolsos de chapa no casaco... Por isso levei só o esguicho. Bom: eu subi ao quinto andar. Carreguei no quinto andar. Saí no quinto andar e fui ao sexto. Porque eu sabia que no sexto é que me interessava porque era onde estava o embaixador, porque eles diziam que o embaixador estava no sexto andar. E subi a pé pelas escadas de serviço até ao sexto andar. Dei assim um bocado de tempo... Estive ali na escada de serviço bastante tempo, para dar tempo a que o porteiro não desconfiasse. A analisar! Como é que vou pôr aqui esta merda? Como é que vai ser? Quando fui lá a primeira vez não estava muito convicto e ia lá a segunda... Dei novamentte um certo espaço de tempo, desço novamente ao quinto andar pelas escadas de serviço. Não sei se os senhores conhecem o edifício?!... Meto-me no elevador e desço. Chego cá em baixo ao porteiro e digo: «Olhe muito obrigado. Ainda vou voltar porque tenho que ir buscar uns documentos ao escritório, por isso ainda volto...» Quer dizer, para preparar o porteiro para a segunda vez não aparecer ali de «chofre» O porteiro muito simpático, acho eu que não notou nada...

E então foi nessa altura. Eu tinha o carro parado por trás, fui ter com a rapaziada e disse: «Bem vamos preparar imediatamente esta merda... Porque eu vou pôr a mala lá em cima». Eu já ia nessa altura também com a mala. «Bem eu vou pôr a mala lá em cima e isto vai ser uma merda do carago! Vamos lá a ver o que é que vai resultar!» Prepara-se aquilo tudo, mesmo dentro do carro. Viémos cá para cima para a beira do estádio do Benfica, a preparar aquela coisa. Tínhamos que meter cinco quilos dentro da mala. Pus-lhe dois detonadores — é que podia falhar um detonador! Preparei tudo. Pus-lhe uma placa de cartão por cima e a mala ficou completamente na mesma. Esactamente na mesma! Levava os rastilhos para só ser preciso abrir a mala e acender o isqueiro. Vi o tempo que mais ou menos durei a ir,e sensivelmente três quartos de hora. Cheguei lá, estava o porteiro. «Olhe, vou então...» «Faz favor...» O porteiro acho que não desconfiou, até porque se desconfiasse...acho eu que não desconfiou nada. Subi rapidamente, ou seja meti-me de novo no elevador, e fiz exactamente a mesma coisa. Quer dizer, ninguém no coiso... Cheguei ao quinto andar, que também pertencia à embaixada de Cuba. Subi ao sexto andar. Mal cheguei ao sexto andar, o que eu queria era ver-me livre daquela merda. Acendi rapidamente não sei se acendi um ou dois rastilhos, tenho a impressão que só acendi um. Estava de tal meneira, eu sei lá... Eu parecia que... Estava debaixo duma tensão incrível. Eu só sei que acendi um rastilho, não sei se acendi os dois rastilhos. E vim para baixo. E os rapazes estavam à espera no carro. Quer dizer, eu actuei sózinho, sem qualquer espécie de... Até porque não convinha. Eles mesmo nem acreditavam que se fosse capaz de fazer uma coisa daquelas. Meti-me no carro e arranquei. Arranquei por trás, assim em direcção aquela rua por trás da maternidade, e quando ia mais adiante, ouviu-se a explosão. Pumba. Aquela merda foi do caraças! Aquilo foi mesmo! Eu não fiquei contente. Não fiquei contente... Não fiquei contente porque logo de seguida ouvi ambulâncias e merdas, e até fiquei bastante..., fiquei bastante... E ainda havia a embaixada da alemanha, porque convinha ser duas embaixadas, e eu... Primeiro só havia dinheiro para a gasolina... E a malta: «Bem, mas vamos lá num instante...» Mas eu não estava já em condições. Isto tinha sido arrazante para mim. Eu envelheci com isto. Incrivelmente até me dá a sensação que me começou a cair o cabelo, por causa disto. Agora só mais tarde é que eu comecei a ver realmente. Era uma vida, era uma vida estúpida, era uma vida digamos de mercenário, em que, embora eu reconheça que os cubanos estivessem em Angola intrometidos ilegalmente, essa é a minha opinião, embora achasse que devia ter feito aquilo, no fundo achava bem destruir a embaixada de Cuba mas não com as pessoas lá dentro. Porque continua-me a pesar de certo essa história, a pesar e bastante. Depois mais tarde eu vim a sentir isso por outras situações.

10 CONTOS PARA FESTEJOS

E pronto, viemos. Viemos mas não há dúvida nenhuma que cheguei aqui ao Porto e fui recebido de braços abertos. A embaixada de Cuba! De maneira que o senhor Joaquim Ferreira Torres, para festejar, deu-me 10 contos. Foi muito bom para mim, quer dizer tudo aquilo de que eu vinha mal disposto de lá de baixo, pelo menos aparentemente, de maneira alguma não há dinheiro algum que pague. Aquilo que eu fiz, nem isso é pago com dinheiro nem com nada. Parto do princípio que eu fiz, e eu sou na verdade o responsável porque fui eu que fiz, nessa altura já tinha trinta e quatro anos, como tenho agora, e não era nenhum menino, e não sou doente mental, e sabia bem aquilo que iria causar. Eu iria causar vítimas. Disso não tinha dúvida até porque sabia já a força da explosão. E as pessoas cá diziam: «É mesmo para matar a Puta que os pariu!» (desculpem o termo) É mesmo para matar! A malta cá. Até porque os rapazes que iam comigo: «Chato, e tal,matar gajos!..» A malta, a malta do meu nível, do meu nível moral não estavam assim bem preparados.

Porto. E pronto. No Porto houve assim mais umas barracazitas, mais umas chaticezitas por aí... Mas nada de nomeada, que eu me recorde. Mas no entanto continuavam a haver as pressões para que houvesse mais coisas. Entretanto surge o primeiro de Maio. Isto já lançado, já este ano em 1976. E a embaixada de Cuba foi um mês antes provavelmente. Entretanto eu dedicava-me, sei lá, a chatear um gajo, já não sei quem.

Ultimamente os rapazes, duma maneira geral, acompanhavam-me. Eram levados por mim, eu tinha uma influência bastante forte sobre eles. Como se sentiam em certas dificuldades financeiras e como eu dividia sempre o bolo, como eles poderão provar, puderam sempre comprovar que era assim, fui sempre honestíssimo para com eles. Eles podem provar... Eu dizia: «Ó pá, vamos a uma missão 'tal', isto dá 'xis', claro, e o que der dá...»

UM MORTO NA AVENIDA DA LIBERDADE

Agora chegámos a um ponto, e eu não sei se vocês sabem desta ou não sabem, o centro da confusão. Surge o primeiro de Maio e era preciso fazer qualquer coisa em Lisboa. Era preciso fazer qualquer coisa em Lisboa... Ora eu não tenho bem a certeza... Surge o primeiro de Maio, dia do trabalhador, a festa dos trabalhadores, nhé, nhé, nhé,..., e tal... Eu não sei exactamente as conversas todas, porque se soubesse as conversas todas saía cada uma daquelas de se lhe tirar o chapéu... Primeiro de Maio. Exactamente. Era preciso fazer qualquer coisa em Lisboa. Mas o quê fazer em Lisboa?! O que é que se há-de fazer, o que é que se há-de fazer? Sugestão. Sugerem a ideia de ir com o meu carro lá baixo. Fomos no meu carro, ou noutro qualquer indiscriminadamente, e decide-se colocar uma carga a sério na Avenida da Liberdade, junto do Partido Comunista, o mais próximo do Partido Comunista, para dar a entender... Vocês não sabiam desta! Vocês não ligaram isso a mim!

Lá se conseguiu um carro. Era um mini. Pôs-se na mala uma carga, uma carga boa, julgo que à volta de 20 quilos, não preciso bem, mas julgo que mais de 20 quilos não foi. Foi talvez 17. Era o resto que havia. Naquela altura arranjou-se o máximo que havia por aí e zuca, tudo na mala do carro e há que arrancar com o carro por aí abaixo. Foi o meu carro à frente e esse tal filho da puta que fala para aqui também me fez companhia nessa altura. O Rangel, da Efacec. Que mora não sei aonde na minha lista dos telefones. Eu posso-lhes dizer isso mais tarde porque há lá números de telefone que não interessam nada. Que são das minhas raparigas e outras pessoas. Uma coisa que eu estava preocupado é que estava lá um número de telefone do general Galvão de Melo e eu palavra de honra de homem que nunca tive qualquer relação no aspecto terrorista com o general Galvão de Melo. De resto é uma pessoa por quem eu tenho muita consideração porque já o conheci dos tempos da tropa. E várias vezes me ajudou a livrar-me... desenrascarmo-nos nos fins-de-semana e mais umas coisas! A malta arranca, a malta arranca para baixo e levamos o carro para baixo e nessa altura, não sou eu que faço. Eu também não fiz tudo embora contribuisse largamente. Levou-se o carro para baixo e fomos então os quatro, eu, esse tal Rangel que a mulher lhe batia nele e ele dizia que..., e a mulher dizia que ia fazer queixa de toda a gente..., e não sei que mais..., o Manuel e o Teixeira. Nessa altura eu cheguei lá, parámos o carro. O meu carro ficou do lado da Avenida, aliás, os dois carros, e fomos dar uma volta a pé, a ver o panorama da situação. «É uma chatice. Merda! Gente a passar para baixo e para cima... Gajos deitados no meio da Avenida... Que chatice!» Nós a conversarmos uns com os outros. Porque no fundo, éramos pessoas que, apesar de nos meter-mos nesta merda, queríamos evitar ao máximo qualquer chatice. Foi então que o Manuel e o Teixeira disseram: «Ó pá, isto não há problemas nenhuns. Há aqui uma zona por aqui acima, em frente ao... Não pára aqui ninguém. Aqui no meio da feira do livro, um gajo mete aqui o carro. Sai daqui o rastilho, pira-se, e isto não tem hipótese nenhuma de matar ninguém.» Quer dizer, andavam por ali assim pessoas, mas às cinco ou quatro e meia da manhã isto não magoa ninguém. Infelizmente matou um miúdo que se calhar nem tinha nada a haver com esta merda. E pronto. Quer dizer, foi o Manel e o Teixeira que foram lá com o carro. Eu fiquei com esse palerma desse Rangel, que tremia como varas verdes, cá quase um bocado mais acima, à espera que eles chegassem. Eles chegaram, calmamente, calmamente para não alertar. «Então que tal está? Então que tal está? Vamos embora...» E viémos por ali acima, trrrrr... e ouviu-se a explosão quando vínhamos a chegar ali perto do jardim do Parque Eduardo VII. Já tínhamos passado o Marquês e vínhamos... («Você então ficou à espera cá em cima pela explosão?») — Eu não fiquei à espera. Deu-me a nítida sensação, isto é verdade, na altura exacta da explosão, eu parei o carro porque me deu a nítida sensação que eu vinha com um pneu furado. Mas mal ouvi a explosão... Arrancámos por ali fora. E estava mais uma merda feita. Ficámos chateadíssimos quando soubemos pelo jornal, através da rádio, no outro dia, que tinha havido... Merda! Uma coisa que era escusada, e essa coisa toda..., mas... Chegaram a dizer até que era um militante do PCP que andava ali a

Cont. na pág. IV

"Fiquei doido com aquilo"

Cont. da pag. III

fazer guarda, não sei quê. Tivemos pena dele. Eu fiquei muito revoltado, porque quando estava cá em cima até disse: «Nunca mais faço destas merdas. Porque isto já me começa a dar cabo da consciência. Não faço mais destas merdas». Digo-vos francamente! Quer dizer, eles nunca me pagavam aquilo que prometiam. Eu se queria a,guma coisa tinha de andar sempre «eu preciso», «eu preciso», «não sei quê»... Eles sabiam que eu não pagava o aluguer... Eles sabiam todas essas coisas. Eu vivia com tremendas dificuldades. Com tremendas dificuldades. Muitas vezes ia comer a casa dos meus pais, à noite, porque não tinha dinheiro para comer. Eu e a minha mulher — minha mulher, de quem eu estou divorciado mas eu digo sempre minha mulher, poruqe é porreirinha! — é que me dava de jantar e todas essas coisas. Eu sentia sempre tremendas dificuldades. Eles nunca me davam, quer dizer... Tinham ludibriado de tal maneira e nunca me davam realmente aquilo que eu queria. Vim para cima, e tudo continuou na mesma. Quer dizer, as insistências continuavam. E novamente insistiam em Lisboa.

. Com uma ou duas alternativas de menos importância cá no Porto, mas Lisboa é que era realmente o que interessava fazer. Bom, em Lisboa... O que se ia visar em Lisboa era o atentado contra a Embaixada alemã, República Democrática, pois a democrática é a que fica do lado de leste?! Exactamente... Democrática Alemã... Que é lá no alto da Fonte Luminosa... Lá vamos os três mosqueteiros. Nesta altura, passámos só a ser três. Os três mosqueteiros: eu, o Manuel e o Teixeira. Andávamos sempre os «Roques e a amiga» ou «os dois Roques e as duas amigas», ou qualquer coisa... Metemos o material e essa coisa toda e chegámos lá. E notámos, depois de um estudo pormenorizado da situação, notámos que havia, que havia... Não era possível! Não era possível porque a Embaixada estava guardada. Aliás, elas ficaram todas guardadas após o atentado contra a Embaixada de Cuba. Mas estava fortemente guardada! Não só por um sistema policial, um polícia lá dentro, outro cá fora, como inclusive nós notámos pessoas civis que faziam por ali... Porque estavam à tarde, estavam à noite, estavam de manhã, à tarde e à noite, as mesmas caras. E nós passámos, umas vezes de carro, outras a pé, de óculos escuros, e tal..., por ali mais ou menos a ver. A ideia era pôr a coisa através da obra, duma obra que andavam lá a fazer, saltar rapidamente lá dentro, largar o brinquedo, como nós lhe chamávamos, e deixar aquela merda rebentar. Não se concretizou, quer dizer, a malta deliberou democraticamente ... porque nós não fazemos nada sem... Ah, deu-nos a certeza absoluta que havia uns tipos dentro de uma furgoneta com alguma metralhadora na disposição de chacinar fosse quem fosse. Fiquei com uma ligeira impressão que eles estavam avisados que ia acontecer alguma coisa. Fiquei com uma ligeira impressão... Nunca tive a certeza, mas, na minha opinião, a minha experiência, que havia qualquer coisa ali que não deu certo.

NO AEROPORTO

Telefonámos para o Porto. «Olhe e tal não se pode ir ao fado. Não se pode ir ao fado, e tal!...» «Bem não se pode ir ao fado, toca a ir ao outro fado». O outro fado era o Aeroporto de Lisboa. O Aeroporto de Lisboa, que era uma estupidez. Foi a coisa mais estúpida... Porque a bomba na Embaixada... Aqui dizia-se que deixavam entrar os cubanos, que deixavam entrar material para a república coiso... Agora a bomba dentro do aeroporto! Queriam que fosse posta dentro do próprio aeroporto! Eu recusei-me obstinadamente a uma coisa dessas. Era um disparate. Aliás eu vi aquela merda e vi logo que se iam matar pessoas inocentes. «Nem pensar numa coisa dessas. Eu não faço! Eu recuso-me peremptoriamente!» e os rapazes disseram: «Não, pois claro. Então vamos agora fazer isso?! Nós não somos assassinos nenhuns... Já estamos fartos desta merda e não levamos nenhum». Ultimamente, já era esta a nossa conversa. «Já não levamos dinheiro nenhum. Andam os gajos aqui a dar-nos uma merdas de fome nem dá para as despesas, e depois, mais dois contos e quinhentos para aqui, mais uma merda...» Era assim. Andámos lá, demos umas voltas... Novo telefonema para o Porto. «Não, no aeroporto não», eu disse. «Tem de ser qualquer merda dentro do aeroporto!...» E eu disse: «Não, eu dentro do aeroporto não faço isso». «Mas então, qualquer merda dentro do aeroporto. Todo o aeroporto...» «Mas qual todo?» — «Todo!» «Então vamos à torre do radar...» Sabiam desta?! (Resposta afirmativa dos agentes): Vocês são fantásticos! (Ri-se). Eu pensei que não sabiam. Mas porquê?! Comecei a deixar uma determinada marca, não?... Havia um cunho pessoal, talvez... (agentes: **a determinada altura há um cunho pessoal**). Infelizmente. Infelizmente... Chego ao aeroporto. Tínhamos que pôr as bombas e tentámos entrar lá dentro. O melhor processo de entrar dentro do aeroporto, como é? É furar a merda da rede. Corta-se a rede, truca, truca, truca... e vai-se lá. Eu, primeiro eu, sozinho, rebentei a rede. Rebentei a rede ali junto do coiso. Subi por ali a cima a correr pela outra rede. Rebeitei a segunda rede da coisa, quando tinha uma porta (ri-se) a dez metros ou coisa!... Mas só depois de eu ter rebentado a rede e de termos entrado lá dentro, através da rede, é que descortinámos a porta. Nessa altura, saímos pela porta. Eu fui, fui eu que rebentei as duas redes... E fui analisar, a inspecção... Eu, eu, quer dizer, nunca sacrificava os rapazes às primeiras coisas. Eu gostava sempre de... E depois, não havia alternativa. Tanto um como o outro são extremamente valentes e porreirinhos e nunca nenhum se recusava. «Agora tu, ou tu?» O problema era sempre que queriam ir os dois. Mas, claro, não podiam... Por que tinha sempre de ficar um no carro. Foi nessa altura, o Teixeira que foi comigo. O Teixeira até fez muito gosto em pôr ele a bomba no radar e eu fiquei-lhe a fazer guarda. Quando de repente cheguei lá a cima estava a inspeccionar o radar à volta, porque eu rebentei a rede e mal tive a possibilidade ter as duas redes rebentadas, vim logo para baixo dizer que podíamos avançar para cima, e quando eu estava à espera: «Ó pá, uma puta duma porta! E estive eu com um trabalho do diabo!» Aquilo deu um trabalho dos diabos, com um vulgar alicate! (ri-se) Ali a «lixar» aquela merda... «Ó Teixas, então tu pões?... Queres pôr?» Quer dizer, tanto valia pôr eu como ele. Já que ele estava lá... Ele é que gostou daquela merda. Foi salvo erro dez quilos, ou cóisa assim no género... Normalzita... Que levávamos num plástico. Encostou-se lá aquilo, lá num... no interior. Acendeu-se o... a carga. Imediatamente corremos para o carro, demos uma volta e scht...' Fomos aliás sair ao Campo Grande para vir depois ali pela Avenida de Igreja ou coisa assim no género. E quando íamos ali à beira do jardim do Campo Grande, PUM... Pronto! Um estrondo!... Foi um buraco do arco-da-velha. Bem, desta vez não morreu ninguém. Porque eu tenho a certeza absoluta que não estava lá ninguém. A menos que os gajos entretanto tivessem chegado. Coisa que eu não prevejo. Foi das que eu mais gostei de fazer. E fiquei mais descansado porque pessoalmente analisei, e até disse cá para mim: «Bem isto é uma merda!... (ri-se). Um aeroporto assim! Estes gajos são uns camelos!» Eu disse cá para mim: «Então um aeroporto assim?! Estes gajos estão mesmo...» Não, eu digo-lhes uma coisa, eu digo-lhes uma coisa: Se nós tivéssemos o aeroporto completamente devassado, e até se tivéssemos, se tivéssemos naquela altura, ... isto já de mote próprio, de mote próprio a nível dos três, porque nós chegámos a falar, depois de se ter rebentado a coisa ... éramos para ter rebentado um avião russo que estava em plena coisa. Somente não tínhamos era rastilho suficiente porque estava a certa distância. Porque o aeroporto esteve completamente devassado. Eu fui depois, antes de rebentar a carga, passear ali em toda aquela área a analisar e até achei uma certa piada. Pronto! E aqui finaliza a história do aeroporto. Arrancámos para baixo. A do aeroporto foi francamente a que eu gostei mais de fazer. Porque achei que... até que ponto os homens dão facilidades a outros homens! E viémos embora e ficámos muito satisfeitos... Até porque aquela não causou mal nenhum.

MORTE EM S. MARTINHO DO CAMPO

Entretanto, dá-se a do aeroporto e surge o contacto com o senhor comendador Abílio de Oliveira. Que nos chama lá porque tem uns trabalhos a fazer. Uns gajos que o andam a chatear e não sei que mais, e tal... E é nessa altura que ele indica S. Martinho do Campo. Ponha aí um parentesis para eu falar sobre Alcobaça. Já agora, digo tudo. Alcobaça... depois... Não se esqueçam!... Fui falar ao senhor comendador Abílio de Oliveira e tal, pessoa que eu já conhecia, que deu as massas para a coisa e tal... Havia uma série de merdas a executar: «É tudo o que for preciso, e mais isto, e aquilo, e mais aqueloutro!...» E vamos a S. Martinho do Campo. Que foi muito chata. Para mim, pessoalmente, foi extremamente chata. Primeiro, porque foi uma borrada em três tempos. Com a precipitação toda, acabaram por detectar a matrícula do meu carro, que não era o meu carro, mas sim um carro que era utilizado naquelas coisas, mas que às vezes circulava com a matrícula do meu carro dum lado para o outro, para... não sei porquê. E chegou-se lá, e não se fez a matrícula como se devia, em vez de se pôr uma pôs-se outra. Foi uma merda! Aquilo correu tudo mal! Mas nós só nos apercebemos disso mais tarde quando até veio no jornal. Fiquei doido com aquilo. Claro, e mais quando soube da morte da mulherzinha fiquei horrorizado. E a partir dali comecei a pensar seriamente em... (perguntam os agentes: Mas a finalidade quando lhe pediram para pôr a bomba, não era para matar ninguém?) Não, não, de maneira nenhuma! Quer dizer, não foi pedido isso. Que fique bem assente. Era chatear. Chatear, chatear sem... Aliás o comendador, pois isso, verdade seja dita, ficou muito chateado, e até disse: «Ó pá, estas coisas... Assim não!» Isso é verdade e a verdade também deve ser dita. Aquela história... Não percebo. Ainda hoje digo. Foi uma carga relativamente pequena, foi um quilo daqueles de geolite, chamado plástico. E não percebo. Não percebo francamente como é que aquilo deu aquele buraco. Tenho a impressão, tenho a impressão que havia umas garrafas de gás. Até porque digo-lhes mais, a geolita foi atirada assim para a entrada da porta e de passagem com o carro a deslizar, e foi atirado assim... Uma coisa. Um quilo não é nada de especial. Não era de maneira nenhuma. Eu tenho... A explosão foi de tal ordem violenta que eu disse: «Porra! Mas o que é que se passa?!» E o incêndio logo! Logo um incêndio! Dá-me a nítida sensação que houve explosão de garrafas de gás. Porque eu pareceu-me ver, pareceu-me ver qualquer coisa, e posteriormente vim a saber que eles realmente parece que eram agentes de gás, ou que havia ali umas garrafas. Não houve de maneira nenhuma, ali, qualquer intenção. Aliás como em nenhuma, para além da Embaixada de Cuba em que sabia que íamos matar pessoas. Eu fiquei horrorizado com aquilo. Porque parece que a mulherzinha até nem tinha nada a ver com a situação, e sobretudo não gostava que ela morresse.

. E depois parei um bocado. Parei porque comecei a ver certas merdas e certas confusões e outros a fugirem com o rabo à seringa. Ficou toda a gente horrorizada com aquela história. Aquela história de aparecer no jornal... Eu fiz um bocado de pressão: «Vocês vejam lá!» — «Não, isso não é problema! Deixas correr, deixas correr, e coisa...» E começámos assim. Foi aí que eu notei francamente o começar do afastamento. O afastamento das pessoas. Assim!... Assim, serviram-se e depois deixaram a coisa!

Depois fez-se qualquer coisa aqui mais no Porto, também para chatear. Assim no género de chatear. Não não foi para chatear. Foi um gajo, e esse gajo eu até tive um certo prazer em fazer isso. Lembro-me que... Porque foi um gajo que destruiu a sede do CDS. Eu sei quem é o indivíduo. E foi ele que pôs a bomba na sede do CDS. Eu tenho o nome do gajo aí num lado qualquer e sei exactamente onde ele mora, que é ali para cima, para Campanhã, para a rua não sei quê,..., do Lagarteiro. Uma bomba que... esse filho da puta, foi ele que pôs a bomba. Aliás foi identificado pela nossa malta que o gajo viu-se passar no carro que ele tinha. Mal ele pôs a bomba o carro passou. Passou naquele momento e foi o gajo que tinha posto uma bomba no CDS. E eu, por uma questão de vingança, até pessoalmente... Que chatice, uma bomba no CDS... Não achei bem. Não achei bem aquilo. E pus mais umas bombitas à porta do Partido Comunista, uns carros que foram ao ar... dois «volvos»... Uma vez um carro «volvo» e outra vez mais outro carro «volvo»... (os agentes perguntam: E o do emigrante? Porque é que deitaram uma bomba no carro de um emigrante?) Era do Partido Comunista. Trazia uma bandeira mesmo do Partido Comunista o emigrante! Era um carro sueco.

NA POSSE DE EANES

Houve uma muito próxima, quando foi da tomada de posse do general Ramalho Eanes (agentes perguntam: Via Longa?) Exactamente. (ri-se) Foi essa. Essa foi feita para chatear. Para criar..., para tentar virar o Ramalho Eanes, o general Ramalho Eanes, contra a malta de esquerda, e tal... chateando. Essa bomba correu muito bem. Somente não sei como aconteceu, isto há coisas incríveis que acontecem na vida das pessoas. Acontecem coisas incríveis na vida das pessoas! Foi o seguinte: no sítio exacto onde nós devíamos desembarcar para ir pôr as cargas, quando chegámos lá, estava um camião da TIR parado com uma avaria que esteve quase durante hora e meia sem andar. Depois, quase ao romper da aurora é que ele arrancou e nós não pudemos fazer todo o trabalho. Todo porque era para irem a linha dos seis postes todos abaixo. E aquilo foi feito muito à pressa, dentro do melhor que se pôde fazer, e foi só a razão porque só foram aqueles postes abaixo. Nessa altura fui eu e o Manuel e actuou um outro rapaz pela primeira vez. Aliás, dois rapazes pela primeira vez, que ficaram de tal maneira apavorados que nunca mais quiseram ir. (Os agentes interrogam: E são daqui também?) São, são cá do Porto. Mas não interessa... E nunca entraram em nada... Entraram daquela vez, a pedir e tal... Sabiam mais ou menos e era malta porreirinha que nunca se meteu nestas andanças e meteram-se naquela vez... E aliás ficaram lá, um vomitava e o outro tremia!... E fui eu praticamente o Manel. O Teixeira não entrou porque o Teixeira entretanto abandonou completamente porque se estava para casar, e não queria. A miúda dele sabia mais ou menos certas andanças em que ele andava metido e recusou-se... não deixava que ele andasse. E pronto.

E à parte duma ou outro lição que por falta de memória... (Os agentes: Falta Alcobaça!...) — Alcobaça? Mas fica aí também? (agentes: Pode ficar.) — Alcobaça, exactamente. Vocês dizem que foi um engano... Aquilo era antigamente uma casa dum tipo que era comunista. Mas depois... Entretanto disseram isso muito antes, e depois nós um dia passámos... Tinham dado essa indicação de Alcobaça, que era um gajo muito chato, ou uma gaja muito chata lá de Alcobaça, que eu nunca cheguei a saber. E nós um dia, de passagem para Lisboa... Até havia um indivíduo que nos tinha prometido umas massas e tal, que era um gajo ligado aqui a esta malta do Porto, lá de Alcobaça. E... finalmente depois o homem acho que já tinha passado aquilo, ou não sei quê. De qualquer das maneiras eu lamento imenso. Não sabia e pronto. Era mais uma menos uma. Também foi um estar-dalhaço do diabo! Foram cinco quilos que foram lá postos...

De caminho, houve uma vez um gajo em que o Manel foi mijar à beira de um gajo de louças. Mas tipicamente parados para mijar! E houve um gajo que veio dar um tiro a janela!!!... Vocês não sabem duma grandada de tipo... que rebentou? Uma vez, nós chateados com o gajo, «Ah este gajo dá tiros?!», nós passámos, numa daquelas nossas idas e vindas a Lisboa, mas só metemos uma granada daquelas ofensivas lá para o meio. Escacou-lhe aquela merda toda ao gajo... (agentes: As granadas ofensivas tinham sido fornecidas pela Polícia?) — Quase todas.

(Agente) — Agora só não percebo uma coisa. Você falou aí que o Cardoso da Soudade também estava ligado a vocês em Braga...

(Ramiro) — Bem, quer dizer, ele estava ligado...

(Agente) — Porque é que rebentou também a casa dele?! Foi por tipos do seu grupo?

. (Ramiro) — Não. A casa dele foi mesmo por tipos de lá...

— Não actuaram vocês?

. — Não, não! Foi uma carga sem significado. Quer dizer, aquilo foi mais os vícios partidos.

— Então é outro grupo para além do vosso?

. — Sim, eu estou convencido que havia grupos de esquerda a actuarem embora numa dimensão muito mais... muito menor.

Posso ter omitido uma ou outra que... se lembrando... Que é o caso de Miramar. É que havia lá um indivíduo em que nós pusémos ao mesmo tempo uma carga na casa do indivíduo, que era um famigerado comunista... Não é?!... Esse eu conhecia-o mesmo. Pusémos também numa «Citroen» de «dois cavalos», e, quer dizer, as pessoas estavam todas doidas porque não sabiam como é que tinha rebentado a «Citroen» (ri-se) e a casa ao mesmo tempo... E eram as mais variadas versões sobre a situação. E assim de momento, que me lembre... não tenho mais nenhum assim... (agente: O indivíduo que lhe dava mais dinheiro foi sempre o senhor Joaquim Torres?) — Sim. Quer dizer. Ele foi o indivíduo que mais estava interessado em todas estas coisas. Em relação ao comendador, deu uma vez dinheiro para o MDLP, e quando foi da de S. Martinho do Campo prometeu mundos e fundos para desencadear uma determinada... a chatear uma série de pessoas. Chatear... Não era para tentar do género de... mas chatear, até inclusivamente empregados dele, e mencionou: «isto não há problemas nenhuns, e tal. Até porque são quinhentos ou seiscentos... E o que for preciso, e não sei que mais...» E depois acabou por entregar ao senhor Regadas, que foi lá buscar trinta contos. Não tenho dúvida nenhuma porque o senhor comendador confirmou-me isso no domingo passado, em que eu fui lá dizer que estava sem massa e que precisava de massa que ele tinha prometido, e que ma devia dar. E o senhor Regadas chegou à minha beira e disse: «Estão aqui os trinta contos que deu o comendador». E o senhor Regadas ficou com quinze contos e eu fiquei com quinze contos também. E pronto, e foi isso.

(Os policias mostram fotografias para ele identificar)

. — Não.

— Também não.

— Não, francamente. Não pense que eu estou a...

(Agente) — Por amor de Deus...

— Talvez seja um gajo que eu conheci através do Gonçalo. Não cheguei a frisar sobre esse problema! Que eu uma vez conheci uns gajos...

(Agente) — Este conhece?

. — Só se é também do género do Gonçalo... Mas não tenho bem a certeza. Francamente deste não tenho bem a certeza.

(Agente) — Este também não?

. — Este não, este nunca o vi.

(Agente) — Eu estava muito esperançado de que conhecesse este...

— Não, não posso. Digo-lhe com toda a certeza. Eu conheci uma série de indivíduos... As fotografias também não estão assim muito, muito...

(Agente) — Esta é recente.

— Umas vezes usam barbas, outras tiram as barbas muito rapidamente!... (Nova foto) foi

Cont. na pag. 12